

Esta edição é dedicada ao brotar de esperança, sinônimo de vida e renovação.

ISSN 2237-9762

nº 39

iátrico



MORRER VIVER

NASCER



07

O BEBÊ INAUGURA A FAMÍLIA

Ansiedade e mistérios



16

NAScer DIFERENTE

O luto do filho perfeito



26

GUIA DE BORDO

+ *Beatlemania*
& *Lennon 80*



40

PARA ALÉM DA VIDA

O amor, a beleza e decrepitude

A CAPA | Com a temática “NAScer”, fechamos a trilogia inaugurada na edição 37. Aqui, a terceira parte da clássica obra de Sandro Botticelli, *O NASCIMENTO DE VÊNUS* (ou *Nascita di Venere*, no título original). Flora é uma das ninfas Horas, que representam as deusas das estações. Ela, a Deusa Primavera, está à espera de Vênus – direcionada pelo sopro de Zéfiro, a quem a brisa Aura está entrelaçada – para cobri-la e protegê-la com um manto florido. A Hora traz em torno da cintura ramo de rosas e, nos ombros, usa elegante guirlanda de mirta verde, símbolo do amor eterno. Traz o significado da renovação e tudo aquilo que floresce durante a primavera. Fecundidade. O florir da vida. O porto seguro, as gerações precedentes, a experiência, os desafios. **i**





“Mother & Child” (Mãe e Filho, amarelo), impressão em giclée, do artista americano J. Kirk Richards.

Viver e reviver os amigos

DR. ROBERTO ISSAMU YOSIDA

Durante esse tempo de convivência com amigos e pandemia, pude observar que alguns renascem a cada dia. O aprendizado é muito rico. Situações no limite permitem esse reviver com todas as letras. Sim, quando tudo parece desfavorável é que surge o melhor de nós.

Meus amigos mais experientes são os que me mostram possibilidades de reviver, apesar dos diagnósticos mais desalentadores. Surgem renovados em sua sabedoria, como um boxeador nocauteado que se ergue quando parece impossível. Como disse um deles, “é para os fortes”.

Os que desistiram na primeira queda perderam oportunidades do ressurgimento. Valores como amizade, sabedoria, fé e desejar o bem ao outro somam e multiplicam a vida e a tornam um ciclo de paz.

Por isso vejo neles o equilíbrio de grandes pessoas. Sem desespero, angústia ou outra má sensação. Completam o viver de maneira lúcida e com o sentimento de nascer a cada instante, como deve ser.

A estes estimados amigos, eles sabem quem são, agradeço o convívio e o privilégio de compartilhar nascimentos a cada momento.

Obrigado por esses ensinamentos! **❶**

*Confira as edições anteriores do **látrico** no Portal do CRM-PR.*

IÁTRICO

Publicação do Conselho Regional de Medicina do Paraná
Edição nº 39 – primeiro semestre de 2021.

Editor-fundador: Dr. João Manuel Cardoso Martins (*in memoriam*)

Coordenador do Conselho Editorial: Dr. Roberto Issamu Yosida

Jornalista-editor: Hernani Vieira (Sindijor 816)

Jornalistas assistentes: Bruna Bertoli Diegoli e Nivea Miyakawa

Assistente de comunicação: Flavio S. Kuzuoka

Projeto gráfico e diagramação: Victória Romano

Revisão: Rômulo Cunha

Ilustrações especiais: Obras Clássicas

Impressão: Impressoart Editora Gráfica

Tiragem impressa dirigida: 3 mil exemplares

COLABORE COM O IÁTRICO

Envie comentários, sugestões ou críticas para que possamos melhorar o conteúdo da revista. Artigos, crônicas, poesias, charges e cartuns serão bem-vindos para submissão à Comissão Editorial para publicação.

Nossa revista tem tiragem impressa limitada. Os exemplares são dirigidos exclusivamente aos que se cadastrarem.

iatrico@crmpr.org.br

www.crmpr.org.br (publicações)

(41) 3240-4026 / 3240-4066

CONSELHO EDITORIAL

Roberto Issamu Yosida (CRM-PR 10.063)

Presidente do CRM-PR e Coordenador do Conselho Editorial da Revista. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia.

Wilmar Mendonça Guimarães (CRM-PR 3.711)

Vice-presidente do CRM-PR. Pediatra, já presidiu o CRM-PR e Sociedade Paranaense de Pediatria.

Cecília Neves de Vasconcelos (CRM-PR 19.517)

Conselheira, coordenadora da Câmara da Câmara Técnica de Cuidados Paliativos e gestora do Programa de Educação Médica Continuada do CRM-PR. Especialista em Clínica Médica e Hematologia e Hemoterapia.

Laura Moeller (CRM-PR 17.264)

Conselheira do CRM-PR e 1ª gestora do Departamento de Inscrição e Qualificação Profissional (DEIOP). Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna.

José Clemente Linhares (CRM-PR 10.099)

Conselheiro do CRM-PR e coordenador das Câmaras Técnicas de Mastologia e de Cancerologia. Especialista em Oncologia e Mastologia, mestre em Cirurgia.

Paulo Roberto Cruz Marqueti (CRM-PR 5.171)

Especialista em Cardiologia e Medicina Intensiva e Mestre em Cardiologia. Médico intensivista do Hospital de Clínicas/UFPR, professor do Departamento de Clínica Médica e chefe da especialidade de Cardiologia.

José Eduardo de Siqueira (CRM-PR 2.732)

Especialista em cardiologia. Professor do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná/Campus Londrina. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Bioética e conselheiro do CRM-PR. É membro titular da Academia Paranaense de Medicina.

Carlos Augusto Sperandio Junior (CRM-PR 19.295)

Especialista em Clínica Médica, Geriatria e Medicina da Família e Comunidade. Integra a Câmara Técnica de Cuidados Paliativos do CRM-PR.

Valderílio Feijó Azevedo (CRM-PR 12.199)

Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna e Doutorado em Ciências da Saúde. Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná e chefe do Serviço de Reumatologia do HC. Foi diretor da Associação Brasileira de Medicina e Arte (ABMA).

Isaias Dichi (CRM-PR 7.529)

Especialista em Clínica Médica. Mestre e doutor em Fisiopatologia em Clínica Médica, é professor da Universidade Estadual de Londrina e revisor ou membro editorial de várias publicações científicas internacionais.

Renato Mikio Moriya (CRM-PR 8.254)

Especialista em Pediatria e Medicina do Adolescente. Mestre e doutorando em Ciências da Saúde da UEL. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (Unesp/Assis).

Hernani Vieira

Jornalista integrante do Departamento de Comunicação do CRM-PR. Editor da revista Iátrico.

COLABORADORES

Azarias Porto Ribeiro (CRM-PR 8.546)

Especialista em Ginecologia e Obstetrícia e área de atuação em Ultrassonografia em GO. É autor do livro "Contos de Guerra".

Clodomiro José Bannwart Júnior (OAB-PR 80.462)

Graduado em Filosofia e Direito. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Filosofia. É professor de Ética e Filosofia da UEL e autor de livros como "Direito e Teoria Crítica" e "Filosofia do Direito". Membro da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina.

Dênis Augusto Santana Reis (OAB-PR 101.990)

Membro na Comissão de Direito Tributário da Subseção Londrina da OAB. Também graduado em Biomedicina e com mestrado em Farmacologia. É pesquisador do Núcleo de Estudos Violência e Relações de Gênero da Unesp.

Eduardo Murilo Novak (CRM-PR 16.521)

Especialista em Ortopedia e Traumatologia e Cirurgia de Mão. Mestre e Doutor em Cirurgia, professor de Ética. Foi presidente da SBOT-PR. É conselheiro do CRM-PR.

Fernanda Nicz

Escritora. Estudou cinema e jornalismo e atualmente reside em Portugal.

Gilmar Mereb Chueire Calixto (CRM-PR 6.833)

Especialista em Clínica Médica, Cardiologia, Geriatria e Gerontologia, Pneumologia e Medicina do Trabalho. Mestre em Medicina Interna e professor da PUCPR. É membro da Academia Paranaense de Medicina.

Hellen Mary da Silveira de Carvalho (CRM-DF 10.033)

Especialista em Reumatologia pela Sociedade Brasileira de Reumatologia e preceptora em Reumatologia do Instituto Hospital de Base do Distrito Federal.

Jan Pawel Andrade Pachnicki (CRM-PR 21.992)

Especialista em Mastologia, Ginecologia e Obstetrícia, Mestre e Doutor em Cirurgia. Presidiu a Sogipa. É professor da UFPR, UP, PUCPR e FEMPAR e conselheiro do CRM-PR.

Jaqueline Doring Rodrigues (CRM-PR 35.825)

Especialista em Clínica Médica e Geriatria. Tem especialização em Cuidados Paliativos. É presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames-PR).

Luiz Ernesto Pujol (CRM-PR 3.856)

Especialista em Pediatria, ex-presidente e atual conselheiro, secretário-geral e coordenador da Câmara Técnica de Pediatria do CRM-PR.

Manoel Eduardo Alves Camargo e Gomes (OAB-PR 11.103)

Professor do Departamento de Direito Público da UFPR, possuindo mestrado, doutorado e pós-doutorado nesta área. Autor de várias obras, incluindo "João em Pessoa".

Marcio Sallem

Crítico de cinema filiado à Abraccine, Online Film Critics Society (OFCS) e Federação Internacional de Críticos de Cinema (Fipresci). @cinemacomcritica

Maria Ofélia Camorim Fatuch (CRM-PR 10.589)

Especialista em Pediatria e Alergia e Imunologia, Mestre em Pediatria/Doenças Respiratórias pela UFPR e integrante da Sobrames-PR.

Maurício de Carvalho (CRM-PR 9.469)

Especialista em Clínica Médica e Nefrologia. Mestre e Doutor em Medicina Interna, professor da UFPR e PUCPR e ex-chefe do Departamento de Clínica Médica da Federal do Paraná.

Paula Tammy Nakamura Moriya (CRM-PR 33.628)

Especialista em Pediatria (UEL), membro da Clínica Dei Bambini, de Londrina.

Robson Krieger

Pintor e galerista. Formado em educação artística em artes plásticas pela UFPR. Dirige o Studio R Krieger, no Largo da Ordem (Curitiba).

Nasce um fim e um recomeço

DR. CARLOS AUGUSTO SPERANDIO JUNIOR

*Nasce um fim
Entardecer no editorial
Misto de emoções*

*Os trabalhos, ricos
Os parceiros, saudosos
Todos e tudo, impagáveis*

*Aqui estamos
Ouvindo o choro
Das obras nascentes*

*Ali, ouço Beatles
Aqui, provo vinho
Em tudo, emocionno-me*

*Médicos e poetas
Receitas e poemas
Terapêuticas da alma*

*Três vivas a nossa revista
Um norte em meio ao caos
Uma renovação!*

*Continuamos aqui
Poetizando saberes e,
Agora, editoriais*

*Para poder, enfim,
Requisitar a vocês:
Devolutivem!*

Juntos somos mais. Fortes, unidos, humanos. Nossa revista só tem uma motivação: você, colega. Gratos, estamos chegando ao fim da trilogia que reacendeu nossa chama propulsora e fez com que um grupo de médicos se reunisse em prol da reedição deste verdadeiro marco da literatura médica brasileira. Veremos o ***Iátrico*** mantendo o nível de seu criador é nosso orgulho e nossa inspiração. Desejamos a todos uma boa leitura e insistimos no convite a participarem conosco com devolutivas, sugestões, críticas e até mesmo elogios! A edição 40, a próxima, será comemorativa e todos são bem-vindos na sua confecção! Viva, viva, viva! **!**



Nascimento de Adonis, por Marcantonio Franceschini, pintor italiano (1648-1729).



“Alimentando o bebê”, de Fritz Zuber-Bühler (1822-1896), pintor suíço no estilo do classicismo acadêmico.

O bebê inaugura a família

**DR. RENATO MIKIO MORIYA E
DRA. PAULA TAMMY NAKAMURA MORIYA**

O nascimento determina a entrada do bebê no mundo, marcando o término de vinculações seguras e conhecidas. Constitui-se num dos momentos cruciais da vida familiar, sendo, tanto quanto a morte, um dos acontecimentos mais intrigantes da história humana.

O nascimento é rodeado de mistérios, e nenhuma preparação prática chegará ao âmago dos medos e fantasias secretas acerca de como será o bebê e o que ele significará para todos.

A FAMÍLIA É O NÚCLEO DE CRIAÇÃO E DE EDUCAÇÃO DOS FILHOS. TAL COMO OCORRE NA NATUREZA, OS QUE TIVEREM MELHORES CUIDADOS TERÃO MELHOR CRESCIMENTO E MAIS SUCESSO.

O mistério do nascimento tem sido objeto de construção de uma infinidade de mitos, manifestações artísticas e religiosas, reflexões filosóficas e, mais recentemente, estudos científicos. Um dos exemplos mais significativos faz referência ao Natal, ritual religioso que homenageia o nascimento de Cristo, mas também todos os nascimentos. Os rituais de comemoração do aniversário de nascimento também indicam como esse assunto é significativo para cada indivíduo e para sua família. As comemorações anuais mobilizam famílias inteiras, festejando-se ao longo dos anos o crescimento e desenvolvimento de cada um.

A chegada do bebê desencadeia um conjunto de modificações nas relações familiares, inicialmente com o objetivo de protegê-lo através do fortalecimento do vínculo pais-bebês. À semelhança dos Reis Magos no Natal, as pessoas homenageiam o nascimento, presenteando o jovem casal e seu bebê num ritual que expressa os afetos por ele despertados.

Mesmo numa gravidez planejada, o nascimento do primeiro filho é um dos eventos mais desafiadores da vida. Não existe nenhum estágio do ciclo vital que provoque mudança mais profunda ou que signifique desafio maior para a família do que a incorporação de uma criança ao sistema familiar.

É a chance da perpetuação familiar, adquirindo o pai e a mãe um novo status social. Um bebê permite que se inaugure uma família. A família só se concretiza quando o casal tem o primeiro filho e o sistema familiar se torna permanente quando se forma um grupo de três. Se um casamento sem filhos se desfaz, não irá restar nenhum sistema; todavia, se uma pessoa deixa uma díade, o sistema sobreviverá.

Com o advento do nascimento, corta-se o cordão umbilical, e o bebê vive a sua primeira experiência de separação. Separação esta dolorosa, pois, pelo menos ilusoriamente, no ventre, o bebê estava quentinho, protegido, alimentado, sem nenhuma privação ou frustração; por outro lado, necessária, pois o bebê já não cabia mais no útero e precisa crescer e se desenvolver.

Assim, “cortar o cordão umbilical” torna-se símbolo e metáfora de todo o processo de desenvolvimento psíqui-

co e emocional. A cada etapa o bebê evolui, tornando-se uma criança, um adolescente, vivenciando a perda do status anterior, conquistando ao mesmo tempo novas capacidades intelectuais e emocionais que promovem maior autonomia. Esse processo sempre acontece com algum sofrimento relativo à perda e ao medo do novo e do desconhecido, porém está presente a satisfação da conquista e da liberdade proporcionada pela autonomia. A cada uma dessas etapas vencidas, corta-se um novo cordão umbilical e a vida segue adiante.

A família é o núcleo de criação e de educação dos filhos. Tal como ocorre na natureza, os filhos que tiverem melhores cuidados terão melhor crescimento e mais sucesso. A função materna – e, em anos mais recentes do processo evolutivo, também a função paterna – foi se aprimorando ao longo dos séculos.

Do nascimento em diante, o casal vai inaugurar uma série de novos papéis e novas formas de relacionamento na família. Cria-se um novo sistema familiar, com modificações definitivas dos sistemas existentes. Em nossa atual cultura, existem poucos modos de se preparar para esse acontecimento poderoso.

A paternidade e a maternidade serão aprendidas ao longo da vivência prática, processo altamente complexo para a maioria das pessoas. Esse aprendizado ocorrerá através de um processo de interação com o filho, tendo como pano de fundo as relações vividas no passado com os próprios pais e as experiências construídas dentro de cada um a partir dessas relações e das demais experiências de vida.

A mulher durante a gravidez ocupa um lugar social privilegiado, um ser em “estado de graça”, experimenta sentimentos de plenitude, realização e poder quase divinos. Deixa de ser menina para tornar-se mulher, de filha passa a ser mãe. Culturalmente criada desde pequenina para ser sensível, meiga, compreensiva, cobrada a estudar, a ser competitiva, agressiva no mercado de trabalho e a progredir profissionalmente até... ter um bebê. A partir daí precisará corresponder às expectativas da sociedade. Espera-se que a partir de então abandone tudo e “materne” seu bebê, ao menos por algum tempo, enquanto as

crianças são pequenas e precisam tanto da mãe. Só que esse algum tempo normalmente demora para passar.

Portanto, a nova mãe sente, nessa etapa, mais necessidade de estar próxima de sua mãe, buscando aprender um pouco com esta sobre cuidados com o pequeno bebê e, principalmente, sentir-se ela mesma cuidada e protegida em suas necessidades afetivas.

Em relação ao homem, criado desde pequenino para ser macho, durão, provedor e protetor, cobra-se de repente que seja sensível, colaborador e até maternal em relação à esposa e ao bebê. Criado para competir na “selva” do mercado de trabalho, súbito é convidado a lavar mamadeiras e trocar fraldas. Criado para prover, é esperado dele que reveze com a mulher nos cuidados com o bebê.

O novo pai, agora na condição de procriador, pode dialogar com seus próprios pais em novas bases. A paternidade transforma-o em pessoa melhor, na medida em que faz do pai um homem capaz de olhar o mundo em toda a sua grandeza e de considerar, em primeiro lugar, o bem-estar de outra pessoa. A maioria dos pais diria, sem pestanejar, que daria a própria vida para salvar a do filho.

Atualmente, os pais buscam participar, permanecendo absorvidos com essa experiência. Os registros de sua infância como filho, a relação com sua mãe e a eventual identificação com o jeito como seu pai conduzia a paternidade vão oferecer sustentação a sua nova condição de pai. Muitos homens também podem entrar em uma zona de tensão e conflito durante a gravidez. Esses pais podem se sentir de lado, eximindo-se assim de qualquer participação. Outros podem invejar a capacidade da mulher de procriar, e outros, já desde cedo, começam a se amargurar em ter de dividir o espaço com o bebê. A esposa poderá estar no lugar da mãe, o que, com a gravidez, elucida seus mais profundos sentimentos provenientes da tenra infância e do seu relacionamento com seus pais.

Apesar das oportunidades de inclusão dos pais nos cursos pré-natais e o incentivo à sua presença durante o trabalho de parto e após o nascimento do bebê, a ênfase é sempre dada à mãe e ao bebê, oferecendo pouca oportunidade para que o pai possa explorar seus próprios sentimentos, assim como para o casal elaborar a perda desse exclusivo relacionamento a dois.

A presença do pai na sala de parto parece ajudar a mãe a controlar a dor, a reduzir a necessidade de medicação e a duração do trabalho de parto e possivelmente a intensificar o relacionamento marido-mulher. A maioria dos pais relata intensos sentimentos de deleite por estar presente no nascimento dos filhos.

As famílias de origem jamais serão as mesmas quando nascer um neto. Assim, o nascimento do primeiro bebê da família torna avós os pais de cada um dos filhos do casal, tios e tias os irmãos de cada um deles, e seus filhos, primos entre si. Essas novas relações recebem um nome especial porque configuram novas formas de interação familiar.

Assim, quem vai ser avô ou avó, logicamente, já foi pai ou mãe, o que já implicou mudanças internas importantes. Quando chega ao status de avós, mais um acréscimo de mudança de qualidade interior ocorre. Passa a dominar a necessidade de contribuir para que a descendência siga da melhor forma possível. A preocupação com aqueles que carregam o nome, ou DNA, ou sangue é universal e justa. Pensando desta forma, um ponto importante de todo o evento, seja a gestação ou o nascimento, é a união das duas mulheres – a mãe e a filha. A presença da futura avó nesse cenário merece destaque por seu suporte e apoio emocional. A avó participa com sua experiência, permitindo um espaço mental para o florescimento da maternidade na filha.

Observa-se que o vínculo afetivo entre avós e netos é uma relação de muita relevância. As crianças que têm avós são diferentes das outras, pois têm maior segurança afetiva, são mais receptivas a outros vínculos, outras línguas e outras culturas. Além de apresentar uma atitude positiva ante a perspectiva de envelhecer, devido ao modelo que é oferecido por seus avós.

Vale a pena assinalar que as mudanças sociais têm distorcido imensamente a estrutura familiar maior (avós, tios...), que era no passado um grande apoio para os jovens pais. Atualmente a maioria dos pais não provém de famílias nas quais testemunharam ou participaram dos cuidados com um novo bebê. Todavia, aparece a força mais potente que move o ser humano: o amor, que já é imenso pelos filhos e parece multiplicar-se no contato com aquele serzinho, tão pequeno e tão maravilhoso, que nos reafirma a certeza de que a vida vale a pena! Os avós cuidadores dos netos terão também uma forma de continuar cuidando dos filhos.

Enfim, pode se concluir que tudo reforça no sentido de que nossos filhos serão nossa continuidade – muitas vezes esperamos que, seguindo nosso modelo, realizem nosso desejo mais profundo: a eternidade. Esse desejo de continuidade, manifestado de diferentes maneiras, tem nutrido a imaginação das pessoas ao longo dos séculos. E os nossos filhos podem realizar esse sonho, através de seus filhos e dos filhos de seus filhos, numa interminável sequência de gerações. **❶**

Aquilo era eu

DR. LUIZ ERNESTO PUJOL

Pequenino, flutuando livre no espaço líquido de meu invólucro. A única coisa que me atrapalhava era um imenso cordão que saía de mim e eu não entendia para onde ia.

Tudo era de uma escuridão morna e um som contínuo, ritmado, abafado e que algumas vezes parecia acelerar.

O tempo ia passando e algumas coisas começaram a brotar em mim, aumentando meu tamanho e diminuindo o espaço que antes era amplo nesse meu invólucro.

Fui me adaptando às restrições de meus movimentos, mas aquele cordão continuava a me atrapalhar, enovelando-se em mim, liso, sorrateiro, como que tentando me aprisionar.

Passei a escutar alguns outros sons, principalmente vindos de uma voz grave que me causava uma indefinida apreensão, na sua evidente agressividade.

Ao contrário, ouvia uma voz menos grave, que se opunha à voz grave, principalmente quando discutiam uma palavra que me causava arrepios, mesmo sem saber o que significava abortamento.

As vozes se repetiam com bastante frequência, em tom bastante elevado, e o som sincopado se tornava nessas ocasiões mais intenso e rápido. Não era agradável essa experiência. Sem possibilidade nenhuma de reagir, eu me encolhia em mim mesmo e ficava lá, quietinho, à espera de não sei o quê.

Inesperadamente a voz mais grave não se fez mais audível. A voz menos grave se tornou mais suave, cantava melodias, às vezes parecia querer conversar comigo, e o som surdo voltou a ser tranquilamente compassado.

Passava o tempo e eu me sentia mais protegido e acolhido, sem saber exatamente o que era aquele sentimento. Mas era bom.

De repente, senti ser empurrado para um túnel de onde surgiu uma luz. Percebi que o tamanho do túnel era bem menor do que eu. Tudo o que me compunha era impelido naquele sentido, inclusive aquele cordão desagradável, até que minha cabeça foi espremida e passou pelo túnel, acompanhada do resto de mim.

Ofuscado pela claridade desconhecida, senti-me livre daquele incômodo cordão que tolhia minhas peripécias aquáticas. Fui submetido a fricções por todo o corpo e levado ao contato com uma pele sedosa, quando a voz menos grave falou:

“Meu filho amado, seja bem-vindo!”

E naquele momento entendi que eu não era mais aquilo. Aquilo era eu. E comecei a ser feliz... **❶**



“Pregnant Woman” (mulher grávida), de Marc Chagall (1887-1985), pintor surrealista judeu russo-francês.

O NASCER DE UMA MÃE

DR. JAN PAWEL ANDRADE PACHNICKI

Ao escutar a palavra nascer, rapidamente vem a nossa mente a imagem de um recém-nascido, sentindo a luz e o mundo pela primeira vez, com todos os sons ao seu redor e enchendo seus pulmões de ar para dar o tão esperado primeiro choro.

Porém, será que o único nascimento que acontece nesse momento é o da criança? Certamente, não. Quando uma mulher se descobre grávida, a natureza sabiamente inicia uma grande mudança no corpo e na mente dela. Conceitos de vida, crenças e valores são repensados.



"Mãe e filho, Havai", por Charles W. Bartlett, pintor inglês (1860-1940).

NÃO EXISTE FÓRMULA PRONTA PARA A MATERNIDADE. MÃES NÃO ENSAIAM, NÃO TÊM UM ROTEIRO A SEGUIR. MÃES NÃO DEMONSTRAM DÚVIDAS, DÃO O EXEMPLO, MESMO QUE OUTRORA NUNCA TENHAM SIDO EXEMPLO NAQUELA TEMÁTICA.

Segundo o pensamento de Osho, “no momento em que uma criança nasce, a mãe também nasce. Ela nunca existiu antes. A mulher existia, mas a mãe, nunca. Uma mãe é algo absolutamente novo.”

A maternidade é uma das relações mais complexas da vida de uma mulher; e não tem prazo de validade. Traz consigo um aprendizado único, não apenas pelas mudanças fisiológicas que são em grande número: congestão, baixa pressão periférica, aumento da filtração renal, diminuição da capacidade respiratória... mas também por todo o impacto psicológico nesse momento de vulnerabilidade emocional consequente a exaustão, sobrecarga e solidão.

Complexa, ainda, pela responsabilidade, por todo o impacto que a maternidade terá sobre a saúde do nascituro – a se verem, por exemplo, os efeitos do aleitamento materno, diminuindo riscos de sobrepeso, obesidade e diabetes tipo 2, através da epigenética.

E o que dizer da mudança de prioridades? De costumes? De comportamentos? Bem disse Sófocles que “os filhos são para as mães as âncoras da sua vida.”

Dar à luz um ser tão frágil e dependente é um ato de amor, é mágico, quase divino, cheio de emoções, preocupações e sensações intensas. É a construção de uma relação única e eterna, que vai sendo tecida – como num tear, com seus fios e tramas – ao longo da vida, desde a gestação, lá na vida intrauterina, até o sempre. Uma relação que é dinâmica e recíproca, mas assimétrica, que vai se modificando a cada etapa do ciclo vital.

Sim, quando nasce um bebê, nasce uma mãe também. Nela, surgem muitos braços que trabalham simultaneamente e de modo independente. Diversas profissões antes não imaginadas aparecem: mecânica para carrinhos de controle remoto, veterinária de bichinhos de pelúcia, doutora de brinquedos e bonecas, professora de balé, jogadora de futebol e goleira. Em tempos escolares, ela vira a professora muito esforçada e dedicada, formada em diversos cursos *online*. Nutricionista e cozinheira de quitutes que escondem verduras e legumes para uma refeição

mais saudável. Finalmente, se o sono um dia fora pesado, agora não resiste ao som de um choro ou de suaves passinhos próximo ao quarto.

A mineira Cris Guerra, publicitária e escritora, em seu texto “Muitas”, bem escreve que, quando nasce um bebê, nasce também o medo da morte – mães não se conformam em deixar o mundo sem encaminhar devidamente um filho. Mas isso não as faz seres delicados e frágeis – essas mulheres aumentam sua audácia, sua garra, seus poderes. Tornam-se várias mulheres em uma só, e montam guarda ao lado de suas crias. Verdadeira a expressão de que, quando nasce um bebê, nasce uma empreiteira capaz de cavar a estrada quando não há caminho, só para poder indicar: “É por ali, filho, naquela direção...”

Não existe, todavia, fórmula pronta para a maternidade. Mães não ensaiam, não têm um roteiro a seguir. Mães não demonstram dúvidas, dão o exemplo, mesmo que outrora nunca tenham sido exemplo naquela temática. E, ainda que façam acontecer o impossível, sempre acreditam que poderiam ter feito melhor. Nunca se sentirão prontas para a tarefa gigantesca que é criar um filho. E com isso a culpa passa a ser sua parceira diária de vida. Sim, as mães tendem a se sentir muito culpadas e são extremamente julgadas neste eterno desafio de aprender a conviver com opiniões diferentes.

Grande mentira, portanto, é afirmar que as mães sentem menos a dor. Ela aprende a conviver, mascarar e deixar para outra hora. Assim, sobra para aqueles que convivem com essa nova mulher que surge com nascimento de um filho, compreender todas essas mudanças e apoiar.

Enfim, mãe também nasce... e não nasce pronta! Como seres humanos, somos falíveis e limitados por natureza, e ela cresce junto com os filhos. Erros e acertos consolidam laços impossíveis de serem quebrados. Um processo constante de evolução que se completa, ou recomeça, quando quem foi gerado também dá origem à continuidade da vida. **❶**

Reflexão sobre o nascimento: uma perda necessária!

DR. RENATO MIKIO MORIYA E
DR. DÊNIS AUGUSTO SANTANA REIS

Estamos enfrentando a primeira grande pandemia do mundo globalizado, com efeitos profundos e impactantes sobre a vida das pessoas e das comunidades. A Covid-19 marcou o ano de 2020 com muitas perdas. Perda de entes queridos, perda de emprego, perda da qualidade de vida, do contato diário com familiares que compõem o grupo de risco, perda e reduzida mobilidade pelas medidas adotadas para conter a disseminação do vírus.

Além disso, devemos ressaltar o louvável e sacrificante trabalho dos profissionais de saúde que estão se expondo diariamente, batalhando na linha de frente, para salvar a vida de pessoas infectadas com a Covid-19.

Apesar de tantas perdas e sacrifícios, uma coisa é certa: o mundo caminha, como demonstra esta trilogia que pretende mostrar o ciclo evolutivo da vida, apresentando paisagens diferentes conforme o ser humano caminha na vida.

Isso mesmo, a vida continua sendo impressionante e repleta de milagres, inclusive o milagre da vida, com o nascimento de milhares e milhares de bebês.

Assim, a vivência do parto e a do nascimento são, geralmente, momentos únicos e experiências que deixam marcas profundas na vida da mulher e do homem. Esses acontecimentos e os sentimentos experimentados frente ao nascimento do filho serão lembrados por muito tempo, nos mínimos detalhes, pela mãe, bem como pelo pai, que participa junto desse processo de criação.

Todavia, existe a dor do parto, que é considerada por muitas mulheres como o marco inicial do início da maternidade, por aflorar o sentimento de ser mãe, pela proximidade do encontro com seu filho esperado e imaginado durante nove meses. Por isso, muitas mulheres afirmam que a felicidade sentida com o nascimento de seu filho compensa todo o processo doloroso do parto.

Segundo Freitas (2019), chega o momento em que o bebê precisa partir do conforto de dentro do útero. Até porque, com o desenvolvimento do feto, o espaço uterino se reduz e o que era acolhimento e segurança se transforma em aprisionamento.

O que era muito confortável caminha para o insuportável. Aquele sistema já deu o que tinha que dar. O feto já ficou o tempo suficiente para receber o que aquele ciclo tinha a oferecer. A permanência se torna desconfortável tanto para o bebê quanto para a mãe. Se continuar lá, corre o risco de morte de ambos.

A vida exige uma tomada de decisão: é hora de sair do conhecido e seguir para o desconhecido, sair da segurança para a aventura e riscos do mundo real. Chegou a hora de nascer, de seguir em frente, de viver fora do útero da mãe.

Porém, para o bebê, funciona como uma perda necessária. De acordo com a autora Judith Viorst (2004), o nascimento corresponde a uma dualidade que impreterivelmente traça um jogo de perdas e ganhos: “Começamos a vida com uma perda. Somos lançados para fora do útero sem um apartamento, cartão de crédito, um emprego ou um carro. Somos bebês que mamam, choram, se agarram indefesos. Nossa mãe se interpõe entre nós e o mundo, protegendo-nos contra a ansiedade arrasadora. Não teremos nenhuma necessidade maior do que a dos cuidados da nossa mãe.”

O nascimento implica para o bebê, necessariamente, um processo de desistir de tudo aquilo que se deve abandonar para se tornar um ser à parte, expondo-se aos riscos e às experiências, em busca do desconhecido, do crescimento, do aprendizado, todavia, sob os olhares atentos da mãe.

Para a mãe, o desconforto na parte final da gestação e as dores do parto são facilmente superados com o primeiro choro e com o primeiro contato entre mãe e bebê.

A segurança do útero da mãe é substituída pelo aguçado instinto de proteção, à medida que a mãe tenta decifrar toda e qualquer necessidade do bebê, ainda que isso resulte em aumento da ansiedade materna.

Ao longo do tempo é possível perceber que maternidade é uma via de mão dupla de aprendizado e crescimento entre mãe e filho. Não é preciso passar horas a fio com uma criança para começar a sentir como se



"Mulher com criança à beira-mar", por Pablo Picasso, em 1921. Obra no Instituto de Arte de Chicago.

tivesse sido desmantelada e depois remontada. De fato, é exatamente isso que acontece.

Enfim, todas as nossas experiências de perdas relacionam-se com esta ligação primeira, a da conexão mãe-filho. A criança se encontra no início da vida, num estado de identificação completa com a sua mãe, um estado ideal, sem fronteiras, a partir do qual ocorrem as separações inevitáveis da vida.

Essa talvez seja a primeira e a mais difícil renúncia da vida, a partir da qual o jogo cruel de desistir do que amamos, para crescer, seja repetido a cada novo estágio de desenvolvimento. E essas perdas são necessárias porque para crescer temos de perder, abandonar e desistir.

Desistimos das coisas para poder crescer. Mas a maioria das separações normais, dentro do contexto de um relacionamento afetuoso e estável, dificilmente deixará cicatrizes no cérebro. Importante: só através de nossas perdas nos tornamos seres humanos plenamente desenvolvidos.

Em outras palavras, pode-se dizer que fechamos um ano inédito, ímpar, com muitas incertezas e perdas, em decorrência da pandemia, mas também aprendemos que somos completamente incapazes de oferecer a nós mesmos e aos que amamos qualquer forma integral de proteção contra o perigo e a dor, além da proteção contra as marcas do tempo, quanto à velhice, contra a morte, contra as perdas necessárias da vida. **❶**

Palavras de Mestre

"Há verdadeiramente duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; em crer que se sabe reside a ignorância."

HIPÓCRATES

O médico deve pautar sua conduta pelos mais elevados preceitos éticos e morais, honrando e mantendo o brilho da profissão. Não pode e não deve se calar frente ao uso desvirtuado da Medicina; deve praticar sua arte apenas em benefício de seus pacientes. O Juramento de Hipócrates é o mais antigo código de ética e compliance existente e, nele, está tudo o que um médico deve saber ao praticar sua profissão e externar suas ideias e conhecimentos. Isso vale aos nossos dias sob o assolamento da pandemia pela Covid-19. Quando não defendemos nossos direitos, perdemos a dignidade; dignidade não se negocia.

Sobre o uso prudente da biotecnologia e o respeito à dignidade humana

DR. JOSÉ EDUARDO DE SIQUEIRA

“Que Deus me conceda a serenidade de aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar as coisas que posso mudar e a sabedoria para distinguir a diferença entre ambas.”

PRECE DA SERENIDADE, REPRODUZIDA NA OBRA “A RODA DA VIDA”, DE ELISABETH KÜBLER-ROSS.

O extraordinário desenvolvimento de novas tecnologias, que prometem “melhorias” no desempenho físico e comportamental dos seres humanos, se faz presente atualmente por um amplo portfólio que abrange desde técnicas de manipulação genética até terapêuticas de antienvhecimento. A fecundação artificial assistida e o diagnóstico pré-implantatório de embriões congelados permitem que casais escolham o sexo de seus filhos (prática conhecida como sexagem e condenada pelo Código de Ética Médica). Mais ainda, a compra e a escolha de gametas masculinos portadores de determinadas características gênicas, adquiridos em bancos nacionais e internacionais, com a finalidade de fertilizar óvulos de candidatas brasileiras que buscam por meio de “produção independente” gerar um filho dotado de características fenotípicas especiais, movidas que são pela falaciosa promessa de ser possível “controlar e programar” seu descendente.

O ser humano, diferentemente das demais espécies, detém a capacidade de eleger, entre inúmeras alternativas, a escolha de decisões que contem com amparo moral e confirmam sentido às suas vidas. Muitos pensadores contemporâneos entendem que perdemos o sentido de vidas autenticamente humanas e passamos a acolher narrativas fantasiosas amparadas nas chamadas “biotecnologias de aperfeiçoamento”. Aí figuram algumas das técnicas acima mencionadas, que oscilam desde singelas práticas

cosméticas até manipulações em células germinativas. Importante recordar que um dos Princípios Fundamentais expressos no Código de Ética Médica determina que “o alvo de toda a atenção do médico é a saúde do ser humano, em benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional.”

Um dos maiores desafios éticos que teremos no presente século, portanto, é a chamada “era do pós-humanismo”, que promete melhoramentos biotecnológicos como, por exemplo, o de romper a barreira da finitude humana, reprogramação da mente, a terapia criogênica, o aperfeiçoamento genético dos bebês a serem concebidos. Francis Fukuyama, em seu livro *Our Posthuman Future*, nos apresenta a seguinte inquietação de natureza sociológica: “A maior questão criada pela biotecnologia é a que irá acontecer com os direitos humanos, uma vez que estamos, com efeito, gerando algumas pessoas com selas em suas costas e outras com botas e esporas.”

Nunca foi tão importante que os médicos refletissem sobre a mensagem contida na Prece da Serenidade, apresentada por Elisabeth Kübler-Ross. Nossas decisões somente estarão revestidas de sabedoria se tivermos a serenidade de respeitar os limites impostos pelas incertezas científicas, a coragem de avançar nos domínios de novas tecnologias, desde que o façamos com prudência e responsabilidade. **i**

Do Caderno Verde

DR. JOÃO MANUEL

“Seja seu próprio adversário intelectual...”

Médico não tem um alcance nos seus conhecimentos. Como em qualquer outra atividade cognitiva, não sabe qual é. Portanto, tente expandir suas possibilidades. Você sempre pode um pouco mais. Faça de suas precariedades o estímulo para sua expansão.



Devir, Panta Rei e os renasceres

FERNANDA NICZ

Pode-se dizer que o princípio da vida é o DEVIR (do latim *devenire*, chegar), ou seja, o VIR a SER. O conceito de “tornar-se” foi apresentado primeiramente, no século V a. C., pelo filósofo grego Heráclito de Éfeso, que identificou a forma do Ser no Devir, pelo qual todas as coisas são sujeitas a tempo e transformação. Nada é; tudo está vindo a ser. Nada nem ninguém permanecem estáticos, tudo segue em contínua mutação. O pensamento do filósofo grego pode ser definido pela expressão grega Panta Rei (tudo flui) e explica-se na conhecida passagem: o rio muda a cada segundo, do mesmo modo que a pessoa muda a cada segundo. Sendo assim, uma mesma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois tanto ela quanto o rio já não são mais os mesmos no instante após o primeiro banho.

Ao nascer, os seres vêm ao mundo desnudos, puros, vulneráveis. Na infância, têm sua natureza, por muitas vezes, reprimida. Na juventude, acumulam as regras da maioria. O tempo acrescenta-lhes conceitos, valores, desejos, entre tantas outras “cobertas” que vão lhes preenchendo/coabrindo a alma de acordo com escolhas e caminhos trilhados.

E então, em alguma fase da vida, indícios de Devir entram em cena. Em meio às tantas cobertas, o indivíduo dá-se conta de que está a perder algumas descobertas e, ao mesmo tempo, afastando-se cada vez mais de sua essência – o que já nasceu com ele/o que já era antes de ser/ antes de impregnar-se de mundo. Tão misturado ao todo, esquece-se do que gosta, não desenvolve – ou nem chega a descobrir – seu dom (único, aquilo que só ele sabe fazer e que poderia transbordar ao mundo deixando um belo legado) e, o pior que pode acontecer, acomodar-se e passar a confundir habitual com natural.

Mas a vida impõe desconstrução e reconstrução constantes, como bem disse a poetisa, filósofa, psicóloga e psicanalista Viviane Mosé, em *O Homem que Sabe*. Assim, só se nasce uma vez, mas, renascer, mais de uma vez, numa só vida, talvez represente o VIR a SER citado no primeiro parágrafo. O que faz sentido hoje pode nada significar amanhã. Vive-se em sintonia – numa situação, relação ou espaço – por um tempo. Depois, o que não se transforma, arrasta-se. Tudo tem um ciclo. E, para nascer novamente,

é preciso, antes, esvaziar/desapegar. Deixar algo morrer para dar início ao necessário processo de tornar-se tudo o que pode SER. Monja Coen reforça: ser capaz de se mover e transformar junto com o movimento da vida é sabedoria, fluir em harmonia.

E aquele ser que, até então, passou a vida a cobrir-se, inicia sua transmutação. Descoberto, enfim, descobre-se. Desnudo, assombra-se diante do vazio impregnado de si mesmo sem as costumeiras referências em que se apoiar. O silêncio do vazio abre espaço para o autêntico vir novamente à tona – a singularidade se revela. É quando começa o reconstruir-se/vir a ser.

Nascer nessa vida – o que somos – é um presente. O que nos tornamos, por meio de renasceres, é presente nosso à vida e ao mundo.

Deixo-vos, por fim, uma pequena reflexão poética.

Entre fases e frases, vive-se.

Entre terra e mar, equilibra-se.

Pra cada fase, uma frase

Que leva a outra fase.

Pra cada passo, um novo espaço

Onde ex passos já não cabem.

Por ser tudo, tanto e todo

É à margem, no vazio silencioso, em sua singularidade

Que se descobre de tudo, do todo e de tantos.

E, cara a cara consigo,

A missão única se apresenta.

Viver é isso;

Um eterno devir para dar conta das diferentes fases

(de si/da vida).

Vida é isso;

Evoluir partindo de si

E depois daí, transbordar o que de melhor há em ti.

Porque sem deixar legado

Não há nascido nem vivido, nem há sentido.

Há apenas, um inútil ensaio do que/quem poderia ter sido. ⓘ

Nascer diferente – *o luto do filho perfeito*

DR. JAN PAWEL ANDRADE PACHNICKI(*)

Um magnífico filho, com toda sua luz, alegria, sabedoria e sorriso contagiante, mostra-nos o quanto a vida é breve e que nela nada é controlado.



Eva, ainda tão pequena e com grandes lições sobre vida, amor e resiliência.

(*) Pai de Eva.

Ah, enfim grávida! Relacionamento estável, economias reservadas, gestação planejada... Previamente saudável, pré-natal de risco habitual, sem intercorrências, sequer uma queixa maior. Será que vai ser médico como a mãe, ou o pai? Será tímido ou extrovertido? Vai brincar de bola, boneca, surfar, tocar violão? Ao nascer, o inesperado! Uma hipóxia periparto, uma deformidade ou uma síndrome genética não diagnosticada previamente durante a assistência pré-natal acaba por apagar, mudar planos e esperanças do casal.

O processo de espera durante a gestação, além do acompanhamento médico para o nascimento, estabelece, desde logo, uma existência idealizada para esse filho. É desejado que nasça saudável, em perfeito acordo com padrões preestabelecidos, sem deficiências. Assim, a constatação de uma deficiência na criança representa, para os pais, a perda do filho até então idealizado.

Freud, em 1914, escreveu sobre a posição dos pais na constituição do narcisismo primário dizendo que “o amor dos pais pelo filho equivale a seu narcisismo recém-nascido”.

No convívio com o filho com necessidades especiais ocorrerão várias situações através das quais os pais estarão submetidos a frequentes quadros de rejeição e aceitação, que atuam de forma inconsciente em relação ao filho. Surge, então, a necessidade de elaborarem psicologicamente um novo ideal que inclua o fato de que o filho não é plenamente saudável.

Fernando Antônio de Barros Góes, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, coloca que, nessa complexa situação de comportamentos inconscientes e afetos ambivalentes, a aceitação desse filho “diferente”, através da construção de outras representações psíquicas que contemplem a nova realidade, pode proporcionar um “novo nascer”, um novo verdadeiramente

produtivo encontro entre pais e filho. Para que esse novo relacionamento se viabilize de forma profunda, é necessário que os pais elaborem uma nova abordagem e superem o enorme estado de estranheza causado pelo filho que nasceu muito diferente do filho que foi, até então, idealizado. Idealização essa que ocorreu em função do próprio narcisismo de cada um dos pais.

Nem tudo na vida é, enfim, como se quer... Epiceto, filósofo grego pertencente à Escola Estoica, traz que “nossos desejos e aversões são déspotas impacientes. Exigem satisfação imediata. Os desejos ordenam que nos apressemos para obter o que queremos. E as aversões insistem que evitemos aquilo que nos causa repulsa. Todas as vezes que não conseguimos o que queremos, ficamos desapontados. Quando recebemos o que não queremos, ficamos angustiados...”

Superando essa nossa maneira de ser, torna-se necessário que os pais construam novas idealizações considerando um novo ideal para esse filho que é a nova realidade; assim, todo o projeto anterior dos pais terá que ser refeito para que seja possível ofertar novos significantes ao filho que nasceu com “falhas”.

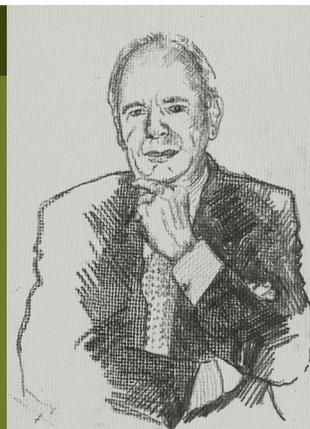
Uma criança especial, com limitações físicas, necessidade de fisioterapia respiratória e motora, fonoaudiologia, visitas semanais ao médico, faz nascer outra família, outro pai e outra mãe. Medo, negação, aceitação, ansiedade, além de uma porção de sentimentos e transtornos do humor passam a ser secundários quando uma criança, um magnífico filho, com toda sua luz, sua alegria, sua sabedoria e seu sorriso contagiante, nos mostra o quanto a vida é breve e que nela nada é controlado.

O controle da vida está fora de nossas mãos, e, seguramente, com as idealizações ajustadas à realidade presente, aquela criança com limitações será, então, um filho perfeito. **i**

Do Caderno Verde

DR. JOÃO MANUEL

Quando mais sabemos, mais descortinamos nosso horizonte, mais aumentamos nossas possibilidades e mais ignorantes nos tornamos. O que não tem nada de diabólico; é apenas evolução cognitiva. É a famosa bolha socrática que, no final, gera o tal “sei somente que nada sei”. Noutros termos, emburrecemos por conta própria à proporção que evoluímos. O que, acredite, é muito salutar.



O NASCIMENTO DO APEGO

DR. RENATO MIKIO MORIYA E DRA. PAULA TAMMY NAKAMURA MORIYA

Ter filhos é uma das maiores alegrias que uma mulher pode vivenciar. Criar uma nova vida é algo milagroso, transformador e monumental.

O papel de pai e mãe é romantizado pelas fotografias encantadoras de mãe, pai e um bebê lindo e sorridente, fazendo com que muitos pais acreditem que ter um bebê e se ligar a ele é algo instintivo e que todo o adulto está “pronto” para assumir o papel parental, quando o bebê chega. Todavia, essa construção do apego, com relação a um bebê, não acontece da noite para o dia. Naturalmente, o vínculo com o bebê tende a ser instintivo, mas não é instantâneo nem automático. A fim de se conscientizar de suas complexidades e possíveis armadilhas, deve-se visualizar o vínculo como um processo contínuo.

A essência do papel de pai ou mãe repousa sobre o intercâmbio, o *feedback* intensamente gratificante que se estabelece entre o bebê e os pais. Os modos para adquirir esse intercâmbio são numerosos e altamente individualizados. O período de tempo de cada passo em direção a um apego íntimo e recompensador varia de pais para pais, mais em meses do que dias.

Os recursos para adquirir o melhor papel como pai ou mãe começam com a liberdade de conhecer a si mesmo, de seguir as próprias inclinações, enquanto observa os sinais emitidos pelo bebê. A ideia é ajudar os pais a entenderem os estágios que são “normais”, na preparação e na adaptação a um novo bebê.

Considera-se que o vínculo dos pais com seus filhos é o mais forte de todos os laços humanos, sendo esse laço original e a principal fonte para todas as ligações subsequentes do ser humano. É o relacionamento formativo, no decorrer do qual a criança desenvolve um sentido de si mesma.

Assim, a gravidez constitui uma oportunidade inigualável de mudança e crescimento para os pais. O estado gestacional é visto como um “estado de graça”, que deve ser socialmente cuidado e preservado. A mulher experimenta sentimentos de potência criativa, plenitude, realiza-



“Felicidade Doméstica” (*Domestic Happiness*), de 1849, óleo sobre tela de Lilly Martin Spencer (1822-1902), Instituto de Artes de Detroit (EUA).

ção e poder quase divinos, enquanto o feto em formação estará criando um relacionamento com a mãe no útero, respondendo ao seu toque, aos batimentos cardíacos, à sua voz, através da parede abdominal e à sua presença energética. O corpo da mulher, dotado de um espaço vazio, no qual abriga o bebê e promove sua passagem para a humanidade, contribuindo para levá-lo em direção ao mundo psíquico.

No parto, a mãe estará pronta a criar um novo vínculo; reorganiza-se inteiramente em termos de suas ligações, sua autoimagem e estará preparada a ingressar na condição que Winnicott descreveu como uma espécie de “do-

ença normal”, um estado de envolvimento total em que as mães tornam-se capazes de calçar os sapatos do bebê, momento em que não faz sentido pensar num indivíduo, em uma unidade, mas no complexo mãe-bebê.

Para os pais, os recém-nascidos são harmoniosamente programados para corresponderem às suas fantasias e recompensarem todo o trabalho da gravidez. Os traços característicos do bebê e a sua aparência estimulam respostas protetoras: o rosto redondo, macio; o cabelo fino e fofo e a pele delicada, de textura extraordinariamente suave; os membros curtos e o torso relativamente longo; as mãos pequeninas, bem cinzeladas, que se agitam desamparadamente. Os adultos são “programados” a acolher e cuidar dos membros pequenos de sua própria espécie que sejam dotados de certas características físicas específicas.

Na fase inicial da vida, paira um grande poder de adaptação mútua. Os bebês são surpreendentemente bem organizados, interativos e sensíveis ao seu ambiente e, desde o primeiro momento, agem no sentido de se moldarem adequadamente às reações dos pais. Os bebês sincronizam seus movimentos de acordo com o ritmo da voz da mãe. Os movimentos do bebê combinam-se com os da mãe, que, por seu lado, adapta sua fala aos movimentos da criança. Os pais descobrem qual a altura e o ritmo de som que cativa seu bebê, que inicia uma espécie de dança ao som da voz dos pais. O bebê também se ajusta e se acomoda ao corpo da mãe quando esta o segura. Quando a mãe automaticamente o aconchega ainda mais, o bebê também se molda ainda melhor a seu corpo, abrindo as perninhas para chegar mais perto. Se a mãe se inclina para falar em sua orelha, ele se volta na direção da voz e olha para o rosto materno. Quando o encontra, sua face e os olhos brilham.

Assim, as capacidades sensoriais do recém-nascido manifestam a riqueza do repertório comportamental de cada criança, colaborando sobremaneira para fortalecer o apego. Os pais que apreciam e valorizam este repertório estão prontos a entrar num diálogo rico com seu bebê. A interação visual no período pós-natal pode ser tão importante quanto a amamentação, que também coloca o bebê na distância perfeita para focalizar os olhos da mãe. Mesmo na sala de parto, as mães preferem segurar seus bebês olhando-os face a face. Ainda, um bebê é capaz de discriminar e preferir a voz materna nas primeiras horas de vida, voz que ouvia desde os seis meses de gestação, o mesmo acontecendo com o cheiro do corpo da mãe, que é reconhecido nos primeiros dias após o nascimento.

Sobre o fato de o bebê nascer pronto para interagir com o ambiente, vir ao mundo preparado para recom-

pensar os adultos por suas reações adequadas, o seu comportamento guia os pais a cada novo passo. Os pais necessitam que o bebê responda a seus cuidados. À medida que este reage de modo “bem-sucedido” a seus cuidados, os pais são recompensados pelo *feedback* de seu sucesso. Todavia, aprendem também quando não recebem uma resposta bem-sucedida do bebê, aprendem sobre frustração, acerca do “outro lado” de serem pais. Isso significa que o apego e os cuidados parentais também implicam processos de aprendizado sobre como lidar com a cólera, a frustração, o desejo de fugir do papel e mesmo de abandonar a criança. Aprender a viver com esses sentimentos e a olhar além deles à procura das simples, mas profundas, recompensas da criação de seu filho – os sorrisos, os estágios desenvolvimentais –, tudo isso ensina os pais a terem um equilíbrio necessário e essencial para o alvorecer do apego, pois, se não existissem os sentimentos negativos de desapontamento, frustração e fracasso, os sentimentos de sucesso não seriam tão compensadores.

Nesta dança, os pais, na medida em que cuidam dos bebês e recebem respostas, aprendem a ajustar-se aos ritmos, aos comportamentos e às necessidades de um novo ser. O comportamento do bebê e as respostas instintivas dos pais confluem para alimentar o crescimento do apego entre as duas partes. As respostas do bebê são uma confirmação contínua de que sua ação é adequada.

Pelo visto, pode muito bem acontecer de os pais apaixonarem-se pelo bebê à primeira vista, mas a permanência desse amor é um processo de aprendizagem – de aprender a conhecer a si mesmo, bem como o bebê.

Concluindo, as crianças são seres humanos em desenvolvimento e, portanto, profundamente dependentes de sua família. Nos primeiros anos de vida, o ser humano é, de toda a natureza, o mais frágil, dependente e necessitado de cuidados. Essa fragilidade inicial da espécie humana determinou o surgimento de vínculos muito fortes entre mãe e bebê, primordial para a sobrevivência da espécie. No decorrer da vida, novas interações são fundamentais ao desenvolvimento e à estruturação dos seres humanos, tornando necessários muitos anos de acompanhamento familiar e de ensinamentos complexos.

Na natureza, os filhos mais bem cuidados e mais bem dotados são os que terão mais sucesso. E a função materna – e, em anos mais recentes do processo evolutivo, também a função paterna – foi aprimorando-se ao longo de milhares de anos, proporcionando o nascimento da família, núcleo de apego, criação e de educação dos filhos. **❶**

Os imprescindíveis *nasceres* e os botões do gabão

DR. MANOEL EDUARDO ALVES CAMARGO E GOMES

Desculpe-me, leitor. Sei que o verbo *nascer*, tal como os demais verbos, não se flexiona no infinitivo pessoal quando utilizado de forma genérica, indeterminada ou sem indicação de pessoa. Poderia utilizar “nascimentos”, mas faltaria ao substantivo a noção de tempo ou de ação própria dos verbos. Assim, com sua licença, erro na escrita para não errar na ideia.

Não quero tratar aqui do nascimento ou do *nascer*, mas dos diversos *nasceres* que se sucedem ao longo de nossa vida. Afinal, quem é capaz de negar ter nascido como outro ao chegar na adolescência, ao passar para a vida adulta ou ao ingressar na terceira idade? Claro que se trata de um revolver dialético, cuja superação resultante na fase posterior não implica na morte da anterior. Afinal, sempre carregamos um pouco de nossa infância...

Mas não é desses *nasceres* cronologicamente identificáveis que pretendo falar. Tampouco desejo falar de outros *nasceres* facilmente reconhecíveis, como é o caso quando nos formamos, nos casamos, nos tornamos pais ou mudamos de nacionalidade. Esses *nasceres* são por todos conhecidos.

Quero aqui cuidar dos *nasceres* invisíveis, dos *nasceres* inconfessáveis, dos *nasceres* íntimos que nos qualificam como homens e como cidadãos: degraus de uma longa escada, que nos impõem, a cada passo, um novo nível. Os *nasceres* de que falo não estão inscritos nos documentos oficiais, em diplomas ou em certidões. No mais das vezes, são como filhos espúrios, cuja paternidade é omitida sob o pressuposto, falso ou não, de terem nascido de um erro.

Pirandello, em um conto genial intitulado *O Botão do Gabão*, oferece um bom exemplo do *nascer* a que me refiro, poupando-me do uso de um exemplo pessoal, sempre desaconselhável em ocasiões desta natureza. O protagonista do conto é Dom Felisberto, homem cuja rigidez de valores é representada pelo uso, em qualquer estação do ano, de seu gabão ou casacão inteiramente abotoado.

“E Deus sabe quanto devia custar-lhe conservar, mesmo no verão, rigorosamente abotoado, aquele seu velho capote comprido, velho, sim, mas cheio de gravidade e



“O primeiro passo” (The first step), 1876, do impressionista francês Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).

decoro, e conservar bem alta aquela sua cabeça encaveirada sobre o pescoço magérrimo, a fim de manter a rígida austeridade de seu porte. Queria que seu olhar, sua aparência, fossem uma séria advertência ou muda repreensão: espelho, sustentáculo, obstáculo, conselho... Sofria incrivelmente, nos dedos, ao ver alguém caminhar pela rua com o paletó desabotoado ou com o laço da gravata para fora do colarinho...”

Dom Felisberto tem sua austeridade surpreendida quando descobre que um desafeto seu estava enriquecendo à custa do patrão, Marquês Di Giorgi-Decarpi, empresário com quem se identificava e a quem admirava pro-

fundamente por administrar seus negócios com obsessiva organização e absoluto controle.

Impecável e altivo, Dom Felisberto resolve denunciar sua descoberta. Como de costume, veste seu longo e pesado gabão, rigorosamente abotoado e, com a denúncia cuidadosamente preparada, segue para a cidade do Marquês.

Admirado com a organização e a limpeza da sede da empresa, depois de passar por um labirinto de exigências burocráticas, que não apenas obedece como enaltece, consegue finalmente estar à frente do Marquês.

O relato do encontro é de humilhar as melhores narrativas. Dom Felisberto, após contar em detalhes e com muito rigor como seu desafeto vinha furtando o Marquês, com muita mesura e orgulho entrega a denúncia que tinha preparado para a ocasião. O Marquês agradece o esforço, toma o documento com uma mão e, com a outra, retira da gaveta um documento que oferece a Dom Felisberto.

Ao ler o documento que recebera, Dom Felisberto estremece: ali estavam descritos todos os crimes contidos na sua denúncia e muitos outros. Sim, o Marquês sabia de tudo o que estava em seu relato e nada fora nem deveria ser feito. Segundo o Marquês, o desafeto de Dom Felisberto, na busca de enriquecer-se, produzia mais do que todos os demais administradores honestos que se satisfaziam com seus parcos salários, beneficiando, assim, seu empreendimento.

Dom Felisberto sai do encontro desconcertado. O apego pelo certo, pelo honesto, pela organização do Marquês, morrera. O mundo parecia ter virado de ponta-cabeça. Diz Pirandello:

“A conclusão estava em suas mãos. Um botão do gabão. Ao ouvir o Marquês, ele torceu tantas vezes no peito aquele botão que, finalmente, acabara despregando-o e lhe ficara entre os dedos. Mas para que lhe serviria mais? Poderia ir muito bem pelas ruas com o gabão desabotoado... O Universo, agora, para Dom Felisberto, estava completamente e para sempre transformado”.

Eis aí um bom exemplo do nascer a que me refiro. Um nascer representado por um simples botão de gabão despregado. Ou, em outras palavras, um nascer por meio do qual surge um novo Dom Felisberto, não apenas transformado, mas que lhe transforma o Universo. Para Dom Felisberto já não importa demonstrar a rígida austeridade de seu porte, para manter uma aparência que lhe servia como advertência ou repreensão. Nasce neste Dom Felisberto não apenas uma nova subjetividade, mas uma nova postura objetiva diante do mundo que lhe permite estar com o botão do gabão na mão; que lhe permite, sem qualquer desconforto, tê-lo desabotoado.

Note, caro leitor, que neste nascer contado por Pirandello descortina-se um internalizar dialético de situações

e experiências que acabam por constituir um novo sistema de disposições duráveis, como uma verdadeira matriz que produz nossas percepções e apreciações do mundo, além de influir no modo como sentimos e agimos. É deste nascer a que me refiro, que, por ser vários ao longo de nossas vidas, chamo de *nasceres*.

Destes *nasceres* somos nós os obstetras, em partos não raras vezes muito sofridos. Porque traumáticas e sofridas são as mudanças que quebram ou sepultam partes de nós para fazer nascer o novo na forma de outros valores, visões, hábitos e posturas. *Nasceres* que nos renovam, nos aprimoram no complexo âmbito do processo de internalização de experiências nascidas das relações sociais de aliança ou de conflito, de competição ou de cooperação que mantemos com o mundo exterior.

Cá com meus botões, penso que, se fosse possível mensurar o volume e o impacto desses *nasceres*, teríamos uma boa medida para qualificar os homens: quanto mais e mais profundos *nasceres*, maior a sabedoria e melhor a compreensão de si e do mundo. Sim, porque quanto mais aprendizagem transformadora, mais *nasceres*; quanto mais *nasceres*, mais aprendizagem transformadora.

Por isso, devemos não apenas ter a coragem e a força para não abortar esses *nasceres*, mas nutrir uma mente aberta e flexível capaz de permitir o influxo traumático das lições que, em nós, batem e rebatem. Isso implica aprender a ver e ouvir o outro, sobretudo, no que se refere à real admisão da diferença, do múltiplo e do contraditório. Isso implica colocar-se, como diz Habermas, em um lugar igual de diálogo, com a disposição de buscar consenso e, sobretudo, admitir, a priori, a possibilidade de estar errado e de compreender errado. Isso implica deixar a condição de professor para assumir a condição de aprendiz em um mundo tão complexo quanto repleto de impermanências.

Claro que vivemos tempos de muitos *nasceres* gestados por esta pandemia que nos enclausura, que nos mascara e que nos impõe uma assepsia que pressupõe a permanente possibilidade de contaminação do outro e pelo outro. Dela, certamente sairão melhores todos que muitos *nasceres* permitirem. Ao contrário daqueles que, ao abortarem as mudanças reclamadas, continuarem com seus gabões inteiramente abotoados, sofrendo *“incrivelmente, nos dedos, ao ver alguém caminhar pela rua com o paletó desabotoado ou com o laço da gravata para fora do colarinho”*.

Enfim, caro leitor, que a licença que me foi aqui concedida para flexionar o verbo nascer não seja apenas gramatical. Que todos nós, nesse momento de tantas privações, admitamos, em nossas histórias, acontecer *nasceres*, muitos *nasceres*, que nos permitam ter, em nossas mãos, os botões do gabão. **❶**

Ressignificar a vida

DRA. MARIA OFELIA FATUCH

“Há um olhar que sabe discernir o certo do errado e o errado do certo.

Há um olhar que enxerga quando a obediência significa desrespeito e a desobediência representa respeito.

Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos.

Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existem fidelidades perversas e traições de grande lealdade.

Este olhar é da alma.”

(A ALMA IMORAL)

A consciência da própria vida e o renascimento por quantas vezes forem necessárias no transcorrer da existência são perceptíveis apenas por alguns seres humanos. A possibilidade de ação sobre a interdição.

A realidade é o que você enxerga através dos seus sentidos. É a capacidade de questionamento às suas certezas. Desconfie da realidade como verdade.

A autonomia seria desconstruir a si próprio, fortalecer suas convicções e o correto. Porém, você deve questionar o que não entende, quebrar e rever as suas certezas durante a vida.

Nascemos de Adão e Eva, embaixo de uma árvore, simbolizado pelo pecado. E por que não pela transgressão do habitual?

A árvore é o discernimento, a sabedoria entre bem e mal, certo ou errado. Ultrapassar o senso da moral. O ser humano nasce não de um pecado entre Adão e Eva, mas de uma ruptura.

O corte do cordão umbilical simboliza o nascimento; ou será após o início das travessuras de uma criança?

O certo pode ser errado; ou errado pode ser certo!

Não quer dizer desobedecer, e sim criar autonomia, uma qualidade da própria consciência. Talvez nesse momento se comemore o desabrochar, quando há confronto com o outro e consigo.

O ponto de partida de um questionamento do que é ser HUMANO?

Talvez a maior metáfora da própria evolução, cuja tarefa é transgredir algo estabelecido.

O nascer é despido, a nudez absoluta é uma mentira. Desde o início se veste com o outro e do outro.

Não se é totalmente transparente. A nudez é impossível para um ser humano com consciência. Precisa de armadura para proteção. Aquele que engana a si mesmo é mais perverso do que o que engana aos outros.

O olhar externo é necessário, para sermos quem somos, ou seria a moral imposta como identidade?

A moral é a tradição, os valores, a família. Importantes na construção do EU!

O imoral é a vulnerabilidade.

Conforme esses preceitos as suas reações e ações estarão correlacionadas.



"Maternidade", obra de 1935 do artista português Almada Negreiros (1893-1970). Está exposta no Centro de Arte Moderna, em Lisboa.

É nesse momento que se instala a tensão entre transgressão e tradição.

Transgredir não é ser reativo a algo ou alguém, mas para consigo mesmo. É um ato de compromisso com a sua própria vida.

A autonomia é não só construir valores, mas a capacidade em questioná-los diante das circunstâncias. Ter a liberdade em interrogar a si mesmo e reposicionar seus caminhos perante a vida.

Diante desse aprendizado, a consciência está sempre fazendo escolhas. Para evolução individual, as decisões terão que ser além da moral, correndo riscos e bloqueios implícitos. Só através dessa ultrapassagem chega-se ao outro lado, o do desconhecido.

O ser humano precisa aperfeiçoar o ser, a sensibilidade, a inteligência e o caráter. Talvez isso se chame aproximar-se de "Deus", evoluir-se.

No judaísmo existe o termo *Marit ha-ayin* (O que os olhos veem).

Certas ações podem parecer aos observadores violar a lei judaica, mas na realidade são totalmente permissíveis.

Quando o humano se aproxima do divino, talvez ele reflita que coisas certas podem ser erradas. E erradas podem ser certas.

O nascerse resume nos dois lados, preservar e transformar.

O ser humano, diferentemente de outros animais, ampliou a vida além da existência, aperfeiçoou o diálogo entre corpo e alma.

O Homem nasce, cresce e envelhece sem seu desejo.

O lugar dos desígnios é por outro lado se ter compromisso com a vida, é o lugar da maturidade a ser conquistada, centro das decisões, é um marco de referência para estabelecer o certo ou errado.

A pausa é que traz a surpresa e não o que vem depois. A pausa é o que dá sentido à caminhada. A prática espiritual deste milênio será viver as pausas. Não haverá maior sábio do que aquele que souber quando algo terminou e quando algo vai começar.

Afinal, por que mesmo o Criador descansou? Talvez porque mais difícil do que iniciar um processo do nada seja dá-lo como concluído.

A acomodação e a tentativa de controlar as coisas têm sua função; mas, se não houver movimentos de rompimento, avanço, progressão, não há evolução. Isso é nascimento! **!**

(Texto inspirado no rabino Nilton Bonder, escritor que tem "A alma Imoral" entre suas obras)

Vida

DR. CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JÚNIOR

Temos ciência de que não basta existir como uma pedra ou simplesmente viver como uma planta. O pensamento projeta-nos ao bem-viver, a uma vida com propósito, sentido e valor.



"Gabrielle e Jean", do pintor francês Renoir (1841-1919). Obra está no Museu Orangerie, Paris (França).

Falar a respeito da vida não é assunto dos mais fáceis. Talvez eu tenha de render-me à Clarice Lispector, que afirmava: “Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”. Oscar Wilde ajuda-nos do ponto de vista conceitual quando disse que “viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe”.

Santo Agostinho, importante teólogo e filósofo do século IV d.C., trabalhava com a hipótese de haver uma hierarquia na natureza. Uma pedra, dizia ele, apenas existe. Um animal e uma planta, além de existirem, possuem vida. O ser humano, além de existir e de viver, possui a singularidade do pensamento. O pensamento é o que nos fornece a consciência de que existimos e de que vivemos. Através do pensamento, temos ciência de que não basta existir como uma pedra ou simplesmente viver como uma planta. O pensamento projeta-nos ao bem-viver, a uma vida com propósito, sentido e valor. E nisso consiste a nossa riqueza: o pensamento leva-nos além do que somos, além de nossas limitações. Leva-nos, segundo Agostinho, a Deus. Há um propósito no existir e no viver.

Para um alpinista, as montanhas não existem apenas para alcançar o topo, mas para curtir a adrenalina da conquista e, sobretudo, para aprender o valor da escalada. Da mesma forma que um *chef* confere sabor a um prato, também nós, cada qual a seu modo, somos convidados a temperar nossas existências, dando sabor à vida. A questão, no entanto, é que não há receitas, e tampouco ingredientes predefinidos a azeitar o sabor que desejamos imprimir às nossas biografias.

Faz certo tempo que eu espalhei no chão de casa uma porção de peças de lego e fiquei observando a forma curiosa com que minha filha, na época, com pouco mais de um ano, olhava para cada pecinha colorida. De imediato, ela começou a tocá-las e prontamente percebeu que as minúsculas peças podiam ajustar-se mutuamente. Então eu comecei a encaixá-las, uma a uma, até formar uma figura que a deixou ainda mais surpresa. O contentamento expresso em seu sorriso aberto, dócil e ingênuo, demonstrava encantamento.

A vida, a cada novo amanhecer, revela um encantamento indescritível. Cercada de experiências e de ensinamentos, de alegrias e sofrimentos, esperanças e desânimos, amigos e momentos de reclusão, a vida é semelhante a um lego. Várias são as ocasiões que, ao deparar-se com fatos e acontecimentos corriqueiros do dia a dia, parece que estamos diante de uma peça que tende a se encaixar com outra. Fica a impressão de que os fatos e as experiências grafados em nossas histórias pessoais concorrem

para arquitetar o sentido mais amplo e completo de nossas existências.

A minha filha, tão rápido se encantou com a figura, também a desmontou e chateou-se por não conseguir restituir o sentido que eu, pai, lhe havia conferido. Ela chorou e veio ao meu encontro murmurando com suas palavrinhas embargadas de lágrimas: “Papai faz... papai faz?” Ela sabia que eu era capaz de restituir o sentido da imagem que havia tocado seus sentimentos e cativado seus olhinhos brilhantes.

Assim também parece acontecer na vida. Suplicamos, em oração, o auxílio do Pai na tentativa de compreender melhor os encaixes das peças da vida. Há peças traiçoeiras que parecem desconectadas e sem o menor sentido para nós. Muitas vezes ficamos atônitos sem saber qual peça nos falta. Momentos assim, rendemo-nos como crianças que suplicam, e imploramos Àquele a quem acreditamos conhecer a configuração plena das peças a ajudar-nos a assimilar, ainda que parcialmente, a imagem desse grande quebra-cabeça, de infinitas peças, que é a vida. E oramos, sim, como crianças. “Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, pois delas é o Reino dos Céus” (Mateus, 19,14).

Parece que na percepção dos encaixes das peças da vida está o pressuposto da fé. Elas tendem a realizar algo maior do que podemos ver ou compreender no momento. As peças minúsculas do dia a dia, ao serem encaixadas com o auxílio das pessoas que cultivamos, ajudam-nos a potencializar a maturidade de uma fé que é construída e sustentada coletivamente.

E, quando observamos que somos também as peças desse grande quebra-cabeça, compreendemos que todo o esforço que empreendemos a encaixar o sentido coletivo de cada peça (cada pessoa), estamos, na verdade, contribuindo para a realização do sentido e da plenitude de nós mesmos. É no desdobramento da temporalidade, no correr do tempo, que asseguramos sentido à vida e ao que somos.

O que aflige em tudo isso é a finitude da vida. A esse respeito, Rubem Alves fixou a seguinte questão: “Resta quanto tempo?” Sua resposta: “Não sei. O relógio da vida não tem ponteiros. Só se ouve o tique-taque. Só posso dizer ‘Carpe Diem’ – colha o dia como um morango vermelho que cresce à beira do abismo. É o que tento fazer”. **■**

O texto faz parte do livro “Entre a Vida e a Morte. O que colhemos no caminho?”, organizado por Clodomiro Bannwart, que será lançado em junho de 2021 pela Editora Engenho das Letras, com o prefácio do filósofo Mario Sérgio Cortella.



GUIA DE BORDO

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

Para esta edição do *látrico*, preparamos uma coletânea de músicas de vários estilos que tivessem alguma conexão, ainda que tênue, com o tema central da revista: NASCER.

Vamos desde o nascimento do bebê, passando pelas comemorações de aniversários, tanto felizes quanto aqueles que coincidam com a amargura de uma relação terminada, até as situações que representam o início de um novo dia, com o nascer do sol trazendo novas esperanças e expectativas, ou a descoberta de um novo amor, ou até o renascer da vida após uma desilusão, separação, enfim uma reconstrução da pessoa em um novo nascimento de si própria.

Não existe uma sequência linear no desenvolvimento da *playlist*. Parece uma colcha de retalhos? Sim, parece. Mas mesmo um *patchwork* pode ter sua beleza, desde que o olhemos com cuidado, de modo a percebermos as sutilezas nele contidas. Como sempre, ressalto que a escolha é pessoal, e as críticas serão aceitas e bem-vindas.

Esperamos que cada música lhes traga o nascimento de boas emoções e reflexões.

ISADORA CANTO *Reconhecimento*

Como começar a falar sobre o nascer, sem lembrar o nascimento de um(a) filho(a)? Toda a expectativa durante a gestação, a insegurança quanto a algo dar errado, as consultas do pré-natal, e finalmente o momento tão esperado de se ter aquela criança nos braços...Esta compositora e cantora tem muitas músicas sobre a sublime missão da maternidade, como já vimos na edição anterior.

KYGO E JOHN LEGEND *Happy Birthday*

Neste trabalho com o DJ norueguês Kygo, John Legend comemora o aniversário do(a) filho(a), renovando todos os votos de esperança, cuidado e proteção para sempre. Quem poderá dizer que esta celebração não é uma das melhores coisas da vida?



J. P. COOPER *Birthday*

Aqui o autor lamenta não ter encontrado alguém à altura da namorada que perdeu, e que se fosse seu aniversário, queria estar abrindo seu presente e soprando as velinhas com ela. Dor de cotovelo que nenhum reumatologista resolve...



FLÁVIA WENCESLAU *Te Desejo Vida*

A compositora coloca aqui suas expectativas para a criança que vai nascer, com paz, fé, amigos, esperança, dias de sol, amigos, enfim, tudo que se pode desejar para um(a) filho(a) em sua trajetória pela vida.



ANNE-MARIE *Birthday*

Pintar o cabelo, um vestido novo, talvez uma tatuagem, tudo para ela alegrar um aniversário sozinha. Os amigos levam as bebidas, ela talvez se apaixone, até mesmo uma ressaca depois, tudo para tentar esquecer o ex. E termina pedindo para ser bem tratada, pois, afinal, é seu aniversário. Chama o reumatologista de novo...



NEIL SEDAKA*Happy Birthday, Sweet Sixteen*

Do início do Rock'n'Roll, o criador de *Oh Carol* nos traz à descoberta de que a menina desajeitada, sua amiga de infância, é agora uma linda adolescente. Da irmãzinha menor aos 6 anos, passaram a não se gostar aos 10 anos, aos 13 anos foi sua namoradinha, e agora, aos 16 anos, desabrocha a paixão adolescente. Puro romantismo ingênuo (?) dos anos 50, hoje relegado à Sessão da Tarde na TV.

**WANDA JACKSON***Happy, Happy Birthday*

De volta aos anos 50, aqui a garota deseja um feliz aniversário ao ex, entre reminiscências de quando se conheceram, quais os apelidos carinhosos que usavam entre eles, e aí ela se desculpa por estragar o aniversário dele???? Mais uma balada reumatológica.

**JOOLS HOLLAND E B. B. KING***Pauly's Birthday Boogie*

Neste blues instrumental, o pianista de Jazz encontra "The King" e sua guitarra, com um boogie em alto astral, para animar o aniversário do amigo. Não sei quem era este Pauly, mas deve ter ficado muito feliz com a homenagem...

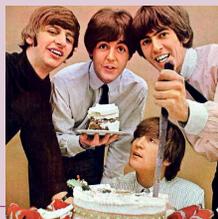
THE SMITHS
Unhappy Birthday

Bem ao estilo típico do Morrissey, o sujeito deseja à ex um aniversário infeliz, porque ela é má e mentirosa, e diz que se ela morrer ele vai ficar um pouquinho triste, mas nem vai chorar. Ainda diz que vai matar o seu cachorro (o que o bicho tem a ver com isso?) e quer que ela beba até passar mal.

Cáustica ao extremo, mas o que esperar desse cara? Esta nenhum reumatologista resolve, é bom chamar um psicoterapeuta ou psiquiatra mesmo... antes que o cão morra.

MAISIE PETERS*Birthday*

Tem algo pior do que a menina esperar o namorado no seu aniversário e o cara não aparecer e nem ao menos ligar? São 2 horas da madrugada, as velas já se queimaram, e o sujeito não apareceu nem telefonou. E ela ainda finge que não se importa... Emo demais pra minha cabeça, mas ainda assim uma bela música.

THE BEATLES*Birthday*

Para levantar o ânimo, esta é para mim a canção mais alto astral sobre aniversário, e duvido que alguém faça uma que a supere. Letra simples, ritmo acelerado, é impossível alguém não se animar com essa música. Abria o lado A do segundo disco do álbum branco. *Happy Birthday to You!!!*

BING CROSBY E GRACE KELLY*True Love*

Composta por Cole Porter, para o filme *High Society*, de 1957, esta bela canção nos fala sobre o nascimento de um novo e verdadeiro amor. O interessante é que pouco tempo depois ela abandonaria a carreira para se casar com o Príncipe Rainier, de Mônaco, e se tornaria a Princesa Grace. Quem disse que a arte imita a vida mesmo?



ENTRE NESTA VIAGEM COM O DIÁRIO DE BORDO.
TRILHA SONORA DO IÁTRICO NO SPOTIFY:
<http://tiny.cc/iatrico39>





MARISA MONTE
Ainda Bem

Também sobre o nascimento de um novo relacionamento, que pode surgir quando menos se espera e se pensa estar acostumado à solidão. É uma canção belíssima, digna de estar nesta lista.

OUR LAST NIGHT
Sunrise

Esta canção nos lembra que, após uma madrugada triste por uma perda ou luto, o nascer do sol traz novas esperanças para o novo dia. Começa em típico estilo emo, mas depois muda para uma conotação mais positiva, sugerindo até que o sujeito desiste de se matar, é só aguentar até o nascer do sol. E que existem pessoas que irradiam amor e calor ao seu redor. Nunca imaginei que um dia encontraria uma música emo com mensagem positiva, então esta merece entrar na nossa lista nem que seja pela originalidade.

IVAN LINS
Começar de novo

Esta música nos lembra que, embora haja dificuldades na vida, sempre é possível começar de novo, renascendo para a vida independentemente do que aconteça, por mais difícil que seja o término de um relacionamento.

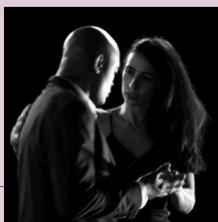
JOHN LENNON
(Just Like) Starting Over

Aqui John nos lembra que, por mais que uma relação seja estável e madura, devemos sempre renová-la a cada dia, como se estivéssemos começando de novo. Esta visão do renascimento diário me parece plenamente adequada para fechar a nossa lista com chave de ouro. *Long Live Mr. Lennon!*



TROND OLSEN BAND
When The Morning Comes

Este Blues nos lembra que o nascimento de um novo dia nos leva a ter forças para continuar ou começar alguma coisa, ouvindo o nosso coração, que nunca irá mentir para nós.



THE SMALL FACES
Itchycoo Park

Esta música nos fala que nada é melhor para iniciar um novo dia do que um passeio no parque, e foi inspirada nas lembranças da infância do autor alimentando os patos em um parque de Londres, o Valentines Park, bonito a ponto de provocar lágrimas (com a ajuda de um pouco de erva...- *I get high*, na letra). O nome da música refere-se ao prurido causado pelas urtigas que havia no parque. Uma curiosidade sobre esta música, de 1967, é que ela é a primeira gravação com “flanging” (distorção) ao se colocar os dedos deslocando a fita no cabeçote, e isto a tornou a primeira música do que viria a ser o rock progressivo (peço desculpas pela digressão).



THE BEATLES
Here Comes The Sun

Já que estamos falando do nascer do sol, é claro que esta obra-prima do Beatle introspectivo, George Harrison, que abria o lado B do último álbum da banda, *Abbey Road*, de 1969, não poderia ficar de fora. O sol nasce, o gelo do inverno derrete, os sorrisos retornam, e tudo fica bem.



NORAH JONES
Sunrise

Aqui a filha de Ravi Shankar empresta toda a suavidade da sua voz à imagem de se ver o sol nascer no olhar da pessoa amada, e que a chegada do anoitecer os aproximará novamente.



Esperamos que tenham gostado da viagem!

A canção da vida

DRA. JAQUELINE DORING RODRIGUES

O quadro *O Nascimento de Vênus*, de autoria do pintor italiano Sandro Botticelli, foi especialmente escolhido como tema de capa das três últimas edições desta revista. Nesta edição, o destaque é o tema nascer, ilustrado na pintura pela deusa da Primavera à espera de Vênus, que vem do mar para cobri-la com seu manto florido. Esta imagem retrata a capacidade de se renovar e florescer. Expressa a vida que se origina de Vênus, dotada de uma beleza considerada divina, ou seja, a vida que provém do amor. Quando pensamos em “nascimento”, o primeiro aspecto que nos remonta é uma vida gerada de outra. Para além deste entendimento, podemos aprofundar esse fenômeno em formas menos concretas e não menos importantes.

Os gregos dizem que Afrodite, ou Vênus, nasceu da união entre o céu e o útero fértil do mar, quando o deus Urano foi castrado e sua genitália caiu no oceano, durante uma disputa entre Urano e seu filho, Cronos. Assim, é aquela que nasce após a luta entre a eternidade e o tempo carregando o desejo que une os seres e que dá ritmo à criação. Fazendo do amor a ponte do concreto com o espiritual. Nesse sentido, penso que a base da existência possa ser entendida através deste mito, pois trata-se de relacionamentos, de estabelecer uma conexão. Em última instância, no amadurecimento da capacidade de amar, ultrapassando as barreiras e fronteiras.

Começa-se amando aqueles que fazem parte de sua família, aqueles os quais se tem proximidade física. Como no amor materno que supera as condições mais adversas e estabelece a primeira relação que temos em vida através da proteção e da nutrição. Nesta dinâmica de relações, talvez o maior requinte seria poder viver essa experiência de amor sentindo-o através de tudo que existe (inclusive todos). Numa concepção de que nascer consiste numa oportunidade de viver o amor.

Há muitas formas de nascimento, a exemplo de algumas virtudes, como a generosidade que tem em sua base a capacidade de gerar, de dar vida. Aspecto este muito marcante nas mulheres e que consiste na sua capacidade de entregar-se àquilo que se ama. Pensa-se em gerar coisas e, nem sempre, se lembra de manifestar sua criatividade. Talvez um tanto das angústias que se carrega dentro de si sejam ideias, sonhos que se está gestando e adiado, quem sabe uma vida toda, o seu nascimento.

A necessidade que se tem de estar ocupado e ser o tempo todo útil não permite a contemplação, a reflexão, a vivência profunda do amor. No fundo, há uma fuga velada

do encontro consigo mesmo. Assim, perde-se a oportunidade de conhecer-se cada vez mais.

Tudo na natureza, para nascer, vem de uma espera, de um cultivo, de um gestar. Um laboratório para a paciência, para a moderação, para a compreensão dos ciclos da vida. A sociedade está carente destes atributos femininos, os quais quando ausentes levam a fanatismo, segregação e ódio. A experiência estética é própria da polaridade feminina e relaciona-se com a arte. Por isso, a importância da imaginação artística, também, por exemplo, na economia e na política - ela faz voltar-se os olhos para além de si mesmo. E sem esse olhar para o todo não há harmonia.

A relação do homem com a natureza é uma relação de filiação. Isso significa que sobrejacente existe um amor fraterno por todos os seres e, sendo assim, tudo merece respeito por si só. Este Homem apresenta-se à mãe natureza como quem compartilha, como quem serve e não com postura de usuário, o qual apenas utiliza sua matéria prima. Nesta união natural e ética, encontra-se o valor da estética, da beleza como elevação da consciência. Partindo disso, ao se fazer da existência um observatório das leis da natureza, constrói-se dentro de si uma confiança inabalável, que se caracteriza como a base para uma vida interior. E a ausência dessa no homem é a causa da ansiedade e do medo que assolam os tempos atuais.

Não há melhor remédio contra os meteoros e cometas morais da sociedade do que aprender a viver na tranquilidade da alma. Para isso, à semelhança de Vênus, retratado na pintura citada de Botticelli, há que se entregar ao vento de Zéfiro - fazendo da crise uma oportunidade - e deixar florescer na primavera o que se tem cultivado, em silêncio, dentro de si.

É um equívoco estudar o homem separado do todo Universal, seus vínculos de hereditariedade estão para além da genealogia terrena. As mesmas virtudes que existem nas forças criadoras da natureza também existem no homem. Isso o faz um tanto mais celeste, um tanto mais Humano.

A matriz do universo está também em cada um. Então por que se está tão fiel a processos de restrição que estancam a vida? Talvez, um bom começo é não ter medo da dor do parto e deixar vir ao mundo o que dá identidade ao seu ser. A vida pode ser um diálogo harmônico com o universo. Para isso precisa-se estar aberto para ouvir a sua canção – feita de números, cores e sons – enquanto caminha-se com a consciência tranquila e num firme desejo de ser útil à humanidade. **❶**



Foto de 1965. Da esquerda para a direita: Alfreli, Paulo Hilário, Arci Neves e Vitório.

METRALHAS

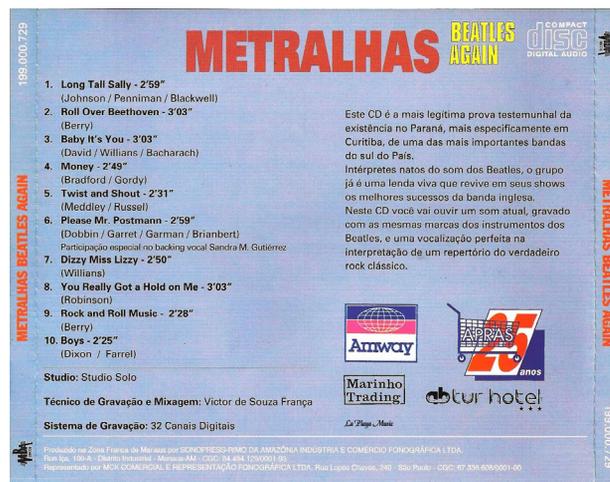
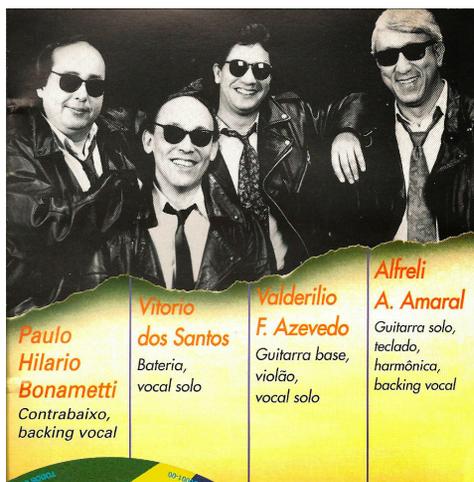
paixão pelas canções dos Beatles

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO

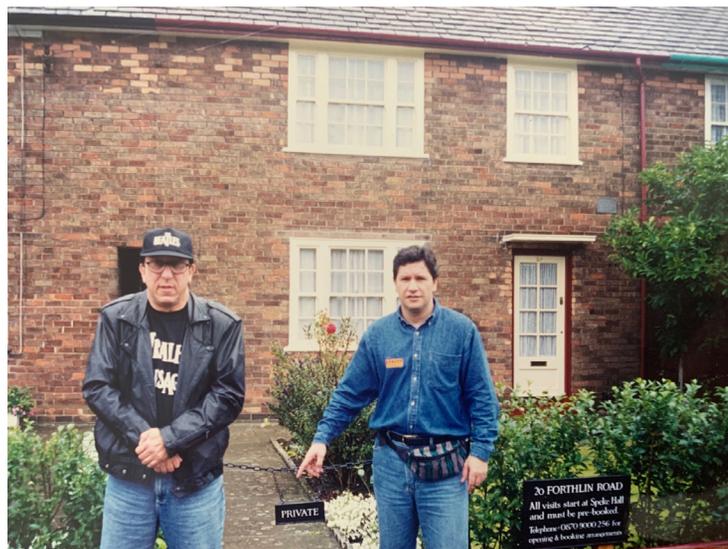
Oscar Wilde (1854-1900) apropriadamente afirmou que todos somos capazes de sentir os sofrimentos de um amigo, porém regozijar-se com seus êxitos exige da parte de cada um de nós uma natureza sutil e, sobretudo, muito delicada. Concordo e acrescento que nossas vidas ganham maior sentido quando compartilhadas com amigos. Se a música está envolvida nesse relacionamento, provavelmente os momentos trarão mais alegria e motivação! Dito isso, tive a honra de dividir muitos bons momentos com os Metralhas Beatles Again.

A banda em sua formação original já não existe! Contudo, eles foram, sem qualquer sombra de dúvidas, enquanto existiram, a principal banda de tributo aos Beatles do estado do Paraná e uma das melhores do Brasil, no gênero, especialmente interpretando a primeira fase do quarteto de Liverpool.

No início da década de 1960, Paulo Hilário, com Célio Malgueiro e Vitório dos Santos, montou o que talvez possa ser o primeiro registro de uma banda de rock no Paraná, The Little Devils, tocando especialmente o gênero twist. A banda foi aperfeiçoada com a entrada de dois outros membros, mudando o nome para The Marvels, depois The Shelters, então Metralhas, Metralhas internacionais e, com as primeiras músicas dos Beatles nas paradas de sucesso (*Love Me Do*, 1962), mudaram o nome enfim para Metralhas Beatles Again. Na sua formação original, portanto, na década de 1960, compunham a banda Arci Neves (guitarra base e vocal, *in memoriam*), Vitório dos Santos (vocal e bateria), o nosso ilustre amigo e médico Alfreli Arruda Amaral (guitarra solo, teclados e harmônica, *in memoriam*) e Paulo Hilário Bonametti (contrabaixo, *in memoriam*).



Primeiro CD gravado pelos Metralhas em 1996.



Com Alfreli, na frente da antiga casa do pequeno Sir Paul McCartney, hoje um pequeno museu, considerado um patrimônio da cidade de Liverpool.

Após um jejum de duas décadas, a banda voltou a se reunir no fim dos anos 1980 em um grande show no Teatro Guaíra, organizado também por vários empresários que eram fãs da banda paranaense.

Integrei o time, a convite do saudoso Alfreli, do início de 1995 até meados de 2001, quando os deixei para fundar com o médico Sergio Lopes, Paulo Passold e o então aluno de medicina na época Alencar Bittencourt (*in memoriam*) a Banda Heyah, que também foi considerada uma das melhores do gênero desde seus primórdios. Mas, com os Metralhas ou Machine Guns, como fomos original-

mente chamados em Liverpool, gravamos dois CDs (na verdade o segundo usou vários tracks do primeiro, com as mesmas músicas, mas com as vozes de Luiz Mende e a minha no vocal solo. No primeiro CD, Vitorio abandonou os Metralhas ainda antes de poder ter participado das edições do Festival Internacional dos Beatles em 1998, 1999 e 2000. O primeiro CD dos Metralhas foi gravado e mixado por Victor de Souza França no Estúdio Solo, na cidade de Curitiba, em 1996, e esse chamava-se simplesmente *Metralhas Beatles Again*.



Metralhas encerrando seu primeiro debut no Cavern Club, 1998. É possível perceber no rosto de cada um a imensa alegria da estreia, suados e ovacionados na Meca dos Beatles.



Com Hamish Stuart, ex-baixista dos Wings. Liverpool, 1999.



Com Alfreli na barbearia de Tony Slavin, citada na música Penny Lane. In Penny Lane, there is a barber showing photographs ... and all the people that come and go stop and say, "Hello".



Com Alfreli (in memoriam) e Alf Bicknell (in memoriam) à esquerda, ex-roadie e motorista dos Beatles, autor do livro Beatles Diary, que contém histórias fantásticas do quarteto de Liverpool no auge da Beatlemania.

O selo de gravação era da própria banda e teve edição limitada. A capa continha a bandeira do Brasil mesclada com a da Inglaterra, e nossa foto aparecia no encarte. Atualmente é uma raridade e poucos colecionadores possuem essa primeira edição. O segundo CD, gravado em 1999, chamava-se *Metralhas Beatles Again in Liverpool*. Teve várias faixas regravadas a partir do primeiro CD e o nome era uma alusão ao fato de que havíamos recém-retornado de nossa primeira participação no festival inglês. É possível observar que somente a ordem das músicas é alterada entre os dois CDs! Alfreli, Paulo Hilário e eu fomos os elementos dos Metralhas que estiveram nas três únicas edições em que a banda participou no Festival dos Beatles, na Inglaterra. Na primeira edição, acompanhou-nos o músico e hoje produtor musical James Feeler; e, na segunda e terceira, houve a participação do maestro James Bertisch, que atualmente vive no nordeste do Brasil. Tivemos a honra de ter o amigo Paulo Roberto Cruz Marquetti, membro do nosso conselho editorial, acompanhando os shows e realizando as filmagens durante nossa segunda participação no festival em 1999.

Todos dividimos muitos bons momentos entre quartos de hotéis, refeições, momentos de lazer e muitas visitas culturais relacionada à história do famoso quarteto de Liverpool. Alfreli Arruda era um excelente piadista, além de bom cartunista (seus desenhos eram excepcionalmente divertidos), e não tinha tempo ruim, estávamos sempre a sorrir. Seu momento sério era o relacionado à execução e aos ensaios, pois, como músico perfeccionista, desejava que os arranjos das músicas fossem o mais fiel ao arranjo original dos Beatles. Os Metralhas devem a Alfreli grande parte da fidelidade sonora para a execução daqueles conhecidos sucessos. Paulo Hilário, além de um excelente *businessman*, perseguidor de um ideal no mundo musical e defensor dos músicos paranaenses, foi o compositor de muitas músicas famosas retratando nossa cidade (*O Pássaro*, gravada por Dirceu Graeser, e *Curitiba é Bonita Demais*, entre outras) e ícone da jovem guarda no estado do Paraná. Com esses dois, o baixinho Vitório e o elegante Arci, os Metralhas não poderiam deixar de fazer o sucesso que tiveram!

De volta a essa fase da década de 1990 e até o início dos anos 2000, fizemos diversos shows pelo Brasil, dividindo apresentações com músicos renomados como Jorge Benjor e, sobretudo, com a participação na *International Beetle Week*, coroou-se uma carreira artística dos membros originais dos Metralhas, especialmente Paulo Hilário e Alfreli.

A memória dos Metralhas Beatles Again deve ser cultuada e preservada, pois, além do que representaram musicalmente, no cenário local e nacional, sua história, ao longo do tempo de existência, tem uma forte relação com a medicina paranaense. **❶**

JOHN LENNON

80 ANOS

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

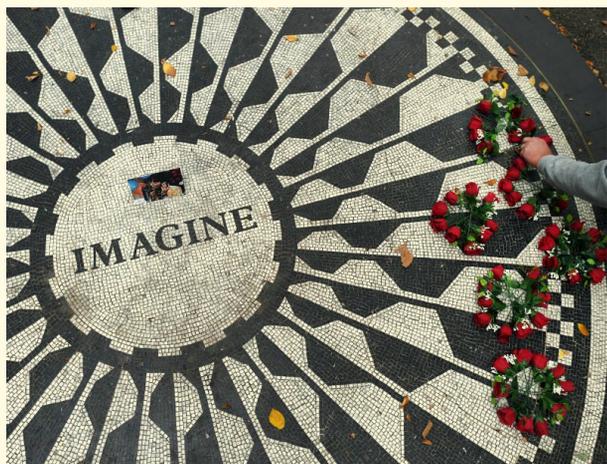


Photographer: Iain Macmillan / © Yoko Ono

Em 9 de outubro de 2020, John Lennon completaria 80 anos e, neste *Iátrico*, cujo tema é o nascimento, é oportuno lembrarmos aqui o nascimento das suas ideias, tão polêmicas e incompreendidas na época quanto hoje são desconhecidas para a maioria das pessoas que o conhecem apenas pela sua obra musical.

John Winston Lennon nasceu às 18h30 de 9 de outubro de 1940, em Liverpool, enquanto seu pai, Alfred, estava trabalhando em um navio de cruzeiro. A partir dos 6 anos, passou a ser criado pela tia Mary (mais conhecida por Mimi), pois Julia, sua mãe, não conseguia conciliar o trabalho com a dedicação ao filho.

Ainda na escola fundamental, publicava o panfleto semanal *Sport Speed and Illustrated* e no colégio, o *Daily Howl* (Uivo Diário), já com criações suas e com o uso de trocadilhos e neologismos que caracterizariam seus textos ao longo da vida, além de cartuns que hoje seriam considerados politicamente incorretos, satirizando os professores e os colegas com algum defeito físico com seu humor extremamente ácido, que já então se revelava. Em seguida, publicou um livrinho, *The Treasure of Art and Poetry*, que “continha apenas a obra de J.W.Lennon, com trabalho adicional de J.W.Lennon e uma mãozinha de J.W.Lennon, sem se esquecer de J.W.Lennon. Quem é esse J.W.Lennon?” (1).



Em 1955, teve contato com o Rock'n'Roll, com *Rock Around The Clock*, de Bill Haley, e, em 1957, criou a banda *The Quarrymen*, com amigos do colégio. Em 6 de julho de 1957, tocaram numa quermesse da igreja, em Woolton, e logo após a apresentação um amigo apresentou a John um amigo de 15 anos, chamado James Paul McCartney, que tocou *Twenty Flight Rock* ao violão, deixando John impressionado, a ponto de lhe telefonar dias depois para convidá-lo a integrar a banda... E o resto é história, para outra conversa.

Voltando ao Lennon literário, em 6 de julho de 1961, ele publicou um artigo no primeiro número do jornal de música *Mersey Beat*, “De uma digressão sobre a origem duvidosa dos Beatles – traduzido do John Lennon” (1).

Ele sempre dizia que seu sonho na infância era ser jornalista, não músico. Publicou ainda dois livros, *In His Own Write* (1964) e *A Spaniard in the Works* (1965). Postumamente, foram publicados *Skywriting by Word of Mouth* (1986), *Ai: Japan Through John Lennon's Eyes: A Personal Sketchbook* (1992), com ilustrações suas sobre a definição de palavras japonesas, e *Real Love: The Drawings for Sean* (1999). O livro *The Beatles Anthology* (2000) também traz exemplos de seus textos e desenhos.

Convido-os agora a uma pequena viagem (sem qualquer recurso químico para expandir a consciência) pelas ideias de John Lennon, que espero possa catalisar o nascimento de uma nova visão sobre o lado humano deste pensador, levando-os a transcender a sua visão dele apenas como músico.

Faço-o através de algumas citações que compilei, esperando que estas os motivem a pensar mais que superficialmente sobre a importância de John Lennon na cultura, mesmo decorridos 40 anos da sua morte.

1. Trecho da entrevista a Virginia Ironside, do *Daily Mail*, em junho de 1965, prestes a lançar seu segundo livro:

Mas o problema do jornalismo é ter a sua matéria enfiada no meio de um monte de outras porcarias. Eu nunca me considerei um escritor social – simplesmente não existe assunto algum sobre o qual eu queira escrever a sério. Sou muito egocêntrico e muito [...] efêmero. Acabei de aprender essa palavra. De Bernard Levin. Meu único objetivo em escrever um livro é que ele seja engraçado. Ou é engraçado ou não é nada.

2. Comentário sobre quando lhe foi outorgada a Ordem do Império Britânico (M.B.E.), citado em Aldridge, A. – *The Beatles Illustrated Lyrics*, 1969, pág. 33:

Um monte de pessoas que reclamou por nós termos recebido a M.B.E. recebeu a sua por heroísmo na guerra – por matar pessoas. Nós recebemos a nossa por entretermos outras pessoas. Eu diria que nós merecemos mais a nossa.

3. Declaração à imprensa em julho de 1969, quando lançou *Give Peace a Chance*, citada em Pritchard, D. e Lysaght, A. – *The Beatles: An Oral History*, 1998, New York: Hyperion, pág. 285:

Foi um desenvolvimento gradual ao longo dos anos. Primeiro foi All You Need Is Love. Este ano é Give Peace A Chance. Lembrem-se do amor. A única esperança para qualquer um de nós é a paz. Violência gera violência. Se você quer a paz, pode tê-la tão logo você queira, desde que todos nós ajamos juntos. [...] Pensem na paz, vivam a paz e respirem a paz e vocês a terão tão logo a desejem, OK?

4. Entrevista à revista *Rolling Stone*, em dezembro de 1970:

Quando eu tinha 12 anos, eu costumava pensar que eu devia ser um gênio, mas ninguém percebia. Ou eu sou um gênio ou eu sou louco, qual será? Não, eu disse, eu não posso ser louco porque ninguém me afasta, então eu sou um gênio. A genialidade é uma forma de loucura, e todos nós somos assim. Mas eu costumava ser discreto quanto a isso, como quando eu toco violão. Mas se existe essa coisa de ser um gênio – então eu sou um. E se não existe, eu não me importo.

5. Citado em “What Can I Tell You about Myself which You Have Not Already Found Out from Those Who Do Not Lie?”, em *The Beatles Anthology* (2000):

Nossa sociedade é comandada por pessoas insanas com objetivos insanos... eu acho que nós estamos sendo dirigidos por malucos em direção a objetivos malucos, e eu acho que eu estou em risco de ser afastado como insano por me expressar assim. É isto que é insano nisso tudo.

6. Respondendo à pergunta de um repórter durante o tour dos Beatles na Austrália, sobre se eles estavam cientes do que estava acontecendo ao seu redor:

Você tem que estar! (risos) Você pode levar um tiro!

7. Citado em *Rolling Stone* (7 de janeiro de 1971) e recitado em *Simon Frith, The Sociology of Rock*, 1978:

Todo aquele negócio era horrível, era uma humilhação desgraçada. A gente tinha que se humilhar totalmente para ser o que os Beatles eram, e é isso que eu lamento. Eu não sabia, eu não previ. Aconteceu pouco a pouco, gradualmente, até que esta completa loucura está ao seu redor, e você está fazendo exatamente o que você não quer fazer com pessoas que você não pode suportar – as pessoas que você odiava quando tinha 10 anos.

8. Em entrevista a David Sheff, da revista *Playboy*, em setembro de 1980, publicada postumamente em janeiro de 1981:

Não vai acontecer de novo! Todo mundo fala isso quando uma coisa boa termina, como se a vida estivesse terminando. Mas eu estarei com 40 anos quando esta entrevista for publicada. Paul está com 38. Elton John, Bob Dylan – todos somos pessoas relativamente jovens. O jogo ainda não acabou. Todos falam em termos da última gravação ou do último concerto dos Beatles – mas, se Deus quiser, ainda haverá mais 40 anos de produtividade pela frente.

9. Em entrevista à revista *Rolling Stone*, em 1980:

Eu não estou reivindicando a divindade. Eu nunca reivindiquei a pureza da alma. Eu nunca reivindiquei ter as respostas da vida. Eu só faço canções e respondo às perguntas o mais honestamente que eu possa... mas eu ainda acredito em paz, amor e compreensão.

10. Em entrevista à Rádio RKO no dia de sua morte (8 de dezembro de 1980), assassinado por um fã que quis protegê-lo do mal que alguém pudesse lhe causar.

Eu sempre considerei minha obra uma peça única, e eu considero que meu trabalho não estará terminado até que eu esteja morto e enterrado e eu espero que isso leve um longo, longo tempo. ⓘ



BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. Davies, Hunter – *As Cartas de John Lennon* – Editora Planeta, São Paulo, 2012.
2. Lennon, John – *Um Atrapalho no Trabalho e Lennon Com Sua Própria Letra* – Editora Brasiliense, São Paulo, 1980.
3. Lennon, John – *Skywriting by Word of Mouth* – Pan Books, 1986.
4. Beatles – *Antologia* – Cosac Naify, São Paulo, 2001.
5. https://en.wikiquote.org/wiki/John_Lennon (citações, todas com a fonte).

Segredo de longevidade

DR. JOÃO MANUEL C. MARTINS (IN MEMORIAM)

Hoje, quase ninguém mais se lembra de Lewis Terman. Mas basta dizer que foi um dos inventores do teste de QI. Terman tinha uma curiosidade: será que uma criança de 10 anos consegue mostrar o que vai ser quando crescer? Reuniu mais de mil meninos e meninas com idade média de 11 anos e aplicou um questionário que poderia ser resumido em cinco traços de personalidade: sociabilidade e extroversão; autoestima e confiança; energia física e nível de atividade; senso de responsabilidade; e uma combinação de otimismo e senso de humor, que poderia ser sintetizado na expressão “alegria de viver”. Todas tinham QI mínimo de 135.

O início foi a década de 20 do século passado. Terman ainda viveu o suficiente para satisfazer a sua curiosidade: as crianças que aos 10 anos guardavam as bicicletas, fechavam as portas e faziam as lições de casa tornaram-se naturalmente adultos responsáveis. Isso quer dizer o seguinte: adultos que pensavam antes de agir, procuravam seguir resoluções tomadas, adotavam normas convencionais de moralidade e eram limpos e organizados. Embora Terman tivesse morrido, outros pesquisadores da Universidade da Califórnia, em Riverside, continuaram por 60 anos aplicando o questionário, um pouco mais alargado.

O estudo terminou nos anos 80, quando os estudados contavam mais de 70 anos. Agora, a surpresa: faz parte do senso comum dizer que quem não esquenta vive muito; isto é, quem leva a vida na flauta, tem vida longa. Ledo engano. Morrem antes. Quem tem bom humor, é piadista, curtidor, vive sacaneando, ou seja, “sabe levar a vida”, não se torna longo. Sabem por quê? Porque só pensam no curto prazo; se vão ao médico, têm pouca adesão, não obedecem a normas de segurança, expõem-se a riscos desnecessários, são mais impulsivos, assumem custos e riscos para terem mais entretenimento e prazeres. Quem é cauteloso, estoico, planeja a longo prazo e persegue seus objetivos gradual e lentamente com mais segurança, pode até sofrer um pouco mais, mas vive mais. Responsabilidade é regramento. Regramento é longevidade.



“São José com o Menino” (St Joseph with the Child), do pintor italiano Francesco Conti (1681-1760).

De todos os itens aferidos, só o senso de responsabilidade torna os indivíduos mais longevos, depois de descartados todos os fatores de riscos conhecidos. Por isso, se você for por natureza prudente, terá vida menos curta para acompanhar a longa arte; já se não for, aprenda rapidinho, pois ainda é tempo de adquirir senso de dever e objetivos de longo prazo. Pode não trazer uma vida tão condensada de alegria e prazer, mas torna o caminho mais longo para ser apreciado, com mais possibilidades e com um balanço final superavitário de alegria e prazer. Principalmente se associadas a liberdade e felicidade, conceitos que podem ser traduzidos por “um modo de ser e viver consentâneo com o de pensar”. **❶**

(artigo elaborado em março de 2003).

E o paciente geriátrico, quando nasce?

DR. CARLOS AUGUSTO SPERANDIO JUNIOR

Definir o escopo da geriatria não é tarefa fácil, pois talvez se trate da mais complexa rede de variáveis que pode coexistir num ser humano, das comorbidades às situações externas, passado pelos caminhos únicos que tornam um idoso objetiva e subjetivamente ímpar. Mas, como desafio é o que nos move, oferecemos aqui humilde tentativa de breve resumo.

A geriatria é a área médica guardiã da funcionalidade, em qualquer situação clínica, dos, digamos, 50 aos mais de 100 anos. Enquanto houver vida, é obrigação geriátrica estabelecer a melhor qualidade possível como moldura. Antes mesmo, durante o processo de envelhecimento, o profissional especialista orienta seus pacientes sobre quais caminhos deverão ser escolhidos em relação ao estilo de vida, detectando os percalços clínicos de eventuais doenças e prolongando com isso o tempo na senescência, fugindo da patológica senilidade que desencanta a velhice.

Mas, e o paciente geriátrico, quando nasce?

Dr. João, nossa personificação de norte, 18 anos atrás, trouxe no texto em destaque a grande provocação: res-



“O sapateiro com seu filho” (*The shoemaker with his child*), do pintor sueco Knut Alfred Ekwall (1843-1912).

ponsabilidade é longevidade. E, claramente, não poderia estar mais certo. A longevidade nasce no exato momento que o indivíduo entende que pode contar com a medicina para auxiliar nas suas decisões de saúde.

Profilaxia com vacinas, orientação de exercícios mandatórios, discussão das melhores escolhas alimentares, ajustes no sono, detecção precoce de neoplasias e prevenção das doenças cardiovasculares mudam tempo, propósitos e qualidade de vida.

Evitar a morte é a razão principal que nos mantém vivos instintivamente. Quando assumimos o controle, por vezes corremos riscos em troca de compensações. Esta talvez seja a grande divergência entre o viver e o evitar morrer: são as emoções que nos tornam humanos.

Uma das maiores satisfações de envelhecer com saúde é ir o mais longe possível com as próprias pernas, dando as cartas e sorrindo. Esta é a emoção que deve guiar os mais ponderados.

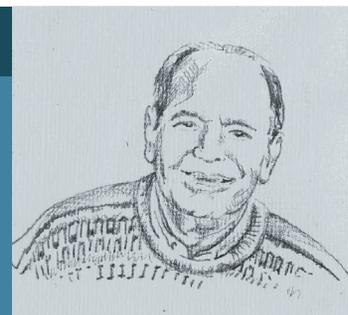
Tenham certeza de que os geriatras estão prontos para o parto desta sua nova vida. A qualquer tempo! **!**

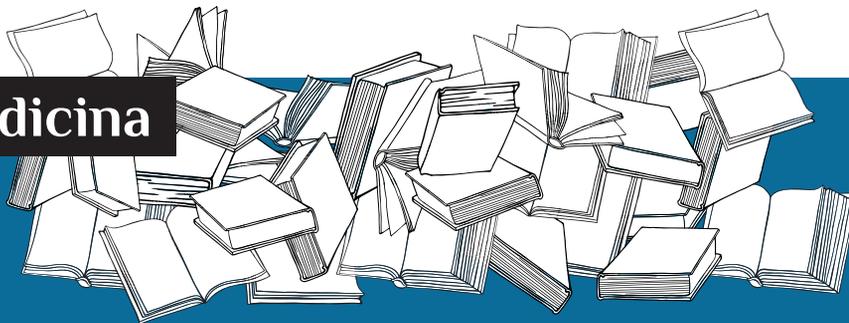
Palavras de Mestre

DR. JOÃO MANUEL

“Qual a palavra-chave para o respeito mútuo? Reciprocidade. O que não queres que te seja feito, não o faças aos outros. Deveria ser a regra de ouro de toda ação médica.”

JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS





Dos nascidos em tempos líquidos.

“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.”

Tomo emprestado o título de um livro de Zygmunt Bauman, filósofo e sociólogo polonês (1925-2017). Bauman explorou o conceito da modernidade líquida, no sentido da fluidez das nossas relações atuais em contraponto ao modo habitual de ver as coisas. Ao invés do futuro tradicional, bem elaborado, baseado na família e em profissões clássicas, opta-se por uma vida sem forma definida, veloz, móvel e inconstante. Seria preferível viver dez anos a mil do que mil anos a dez, como já nos disse o cantor Lobão, na canção *Décadence Avec Élégance*.

“Nascidos em tempos líquidos” é resultante da entrevista do filósofo, pouco antes da sua morte, para um jovem jornalista italiano, Thomas Leoncini. A diferença de idade entre ambos era de sessenta anos. Como muito bem resenhado por Graça Peraça¹, os dois discorrem sobre experiências contemporâneas, como “transformações líquidas” na pele: tatuagens, cirurgia plástica, hipster; transformações da agressividade, representadas pelo *bullying*; e as transformações sexuais e amorosas, com a derrocada dos tabus na era do amor *on-line*. O livro se torna atualíssimo nestes tempos pandêmicos, com ponderações sobre a flexibilidade do trabalho remoto, particularmente para nós médicos, com o iminente desafio da telemedicina.

A sociedade líquida destes novos nascidos é desgarrada de seus antecessores e é obcecada pela novidade: a nova notícia, o novo carro, a nova rede social, o novo tratamento. E o ponto crucial de tudo isso não é o fato da diferença entre uma geração e outra. O fundamental é que coabitamos simultaneamente no mesmo mundo. Talvez devamos buscar “a união entre a continuidade (os nasci-

dos em tempos sólidos) e a descontinuidade (os nascidos em tempos líquidos). Afinal, o que é o líquido sem a solidez do recipiente que o comporta?”¹

Nesta linha dos novos tempos líquidos, tenho meditado sobre os pacientes que atendi, junto com uma maravilhosa equipe multidisciplinar, nas enfermarias do Departamento de Clínica Médica do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná. Nestas três últimas décadas pude presenciar a extraordinária mudança do perfil dos doentes. Hoje são pacientes idosos, frágeis e com múltiplos diagnósticos. Óbvio, uma visão enviesada, por se tratar de um hospital terciário, de referência.

E, com muito cuidado, começo a pensar na máxima da navalha de Occam, uma heurística que utilizamos em nossos dilemas diagnósticos: explicações simples são preferíveis àquelas mais complexas, desde que o poder explicativo seja equivalente. É o princípio da parcimônia.

Guilherme de Occam (ou Ockam) foi um frade franciscano, filósofo e teólogo escolástico inglês do século XIII. É considerado um dos precursores do racionalismo, do cartesianismo e do empirismo moderno. De acordo com sua visão, não significa automaticamente que a explicação mais simples seja a mais correta. E sim que a formulação mais simples, que explique todos os dados, seja a preferida.

Em artigo recente no *American Journal of Medicine*², o médico inglês James Kelly debate qual a melhor abordagem diagnóstica nos dias de hoje para os pacientes com quadros clínicos complexos. Ele menciona trabalhos em que a parcimônia diagnóstica pode estar associada à subavaliação de diagnósticos secundários, principalmente

**DA BIBLIOTECA PESSOAL,
SOBRE O MESMO TEMA:**

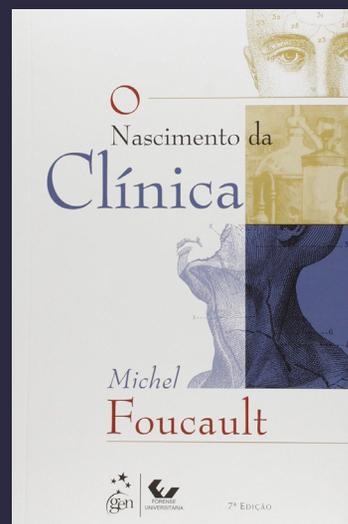
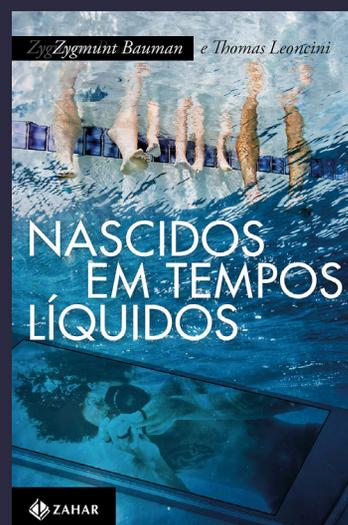
- Anotações de um jovem médico – *Mikhail Bulgákov*
- Admirável mundo novo – *Aldous Huxley*
- Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra – *Mia Couto*
- Para nascer nasci – *Pablo Neruda*

em pacientes com doenças crônicas. De acordo com o autor, a navalha poderia ser gradualmente substituída pelo princípio da plenitude, à medida que a idade, a fragilidade e as comorbidades aumentam. Este princípio é conhecido como o “Ditado de Hickam”, em homenagem a John Hickam (1914-1970), médico americano que, em tom jocoso, afirmou que *“a patient can have as many diagnoses as he darn well pleases”*²

O termo “clínico” deriva do grego *linikós*, de *klíno*, inclinar, ou *klíne*, leito. De modo que pode se entender que “clínica” indica a prática da medicina à beira do leito. Em mais um título que remete ao ato de nascer, Michel Foucault em “O Nascimento da Clínica”, aborda o surgimento dos hospitais, da anatomia patológica, a dissecação de cadáveres e o limite do invisível e do visível. Foucault afirma que o novo tipo de configuração que caracteriza a medicina moderna implica no surgimento de novas formas de conhecimento e novas práticas institucionais. A saúde substitui a salvação.

Novos tempos, tempos líquidos... *“O brave new world/That has such people in't!”* ❶

1. Graça Peraça - **Nascidos em tempos líquidos: Transformações no Terceiro Milênio** - Zygmunt Bauman & Thomas Leoncini. Cadernos Zygmunt Bauman - vol. 10, num. 23, 2020.
2. James Kelly - **The Diagnostic Approach in Complex Patients: Parsimony or Plenitude?** The American Journal of Medicine, Vol 134, No 1, p. 11-12, January 2021



O QUE DIRIA SHAKESPEARE:

“Tudo o que nasce deve morrer, passando pela natureza em direção à eternidade.”

MACBETH

“Faço o que todo homem faz. Não o seria se fizesse mais.”

MACBETH

“Ser ou não ser, eis a questão.”

HAMLET

Para além da vida: o amor, a beleza e decrepitude

(A obra de Sandro Botticelli)

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO



“A Natividade Mística”, de 1500-1501, a única obra assinada de Botticelli, Pintura de óleo sobre tela está exposta na Galeria Nacional de Londres.



Autorretrato, de Botticelli.

No passado, acreditava-se que o ver e – consequentemente – a representação eram culturalmente determinados, o que implicava em dizer que ocorriam em certas sociedades mas não em outras. Claro que o ver parece ter bases biológicas e, como todas as capacidades inatas, exige um ambiente favorável e estimulante para amadurecer. Por certo, Sandro Botticelli (1445-1510), teve amplas condições para amadurecer sua arte pictórica, num ambiente que revalorizava a arte pagã e a cultura greco-romana. Merece nossos

BOTTICELLI ERA IRREQUIETO, APRENDIA TUDO COM FACILIDADE, MAS PARECE QUE NÃO SE CONTENTAVA COM NENHUMA ESCOLA, LEITURA OU ESCRITURA.

plenos elogios e admiração por todas as pinturas que fez e que ultrapassaram as representações bíblicas, impulsionando e imortalizando as emoções do amor e do afeto.

Nascido Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, era filho de um cidadão florentino chamado Mariano Filipepi, que o educou com muita diligência. Botticelli era irrequeto, aprendia tudo com facilidade, mas parece que não se contentava com nenhuma escola, leitura ou escritura. Aprendeu cada vez mais sua arte com grandes mestres, como Filippo del Carmine, que o introduziu em técnicas e logo foi superado por seu pupilo. Conta-se que Botticelli era uma figura muito agradável e de uma boa conversa, culto, e em sua companhia a diversão era quase certa. Numa de suas piadas se denominou herege a um amigo, relatando que alma morria com o corpo, e isso lhe trouxe alguns problemas numa época em que o paganismo ainda era malvisto no mundo europeu, majoritariamente cristão.

Enfim, Botticelli revalorizou o corpo, a beleza e até a nudez feminina, transformando a mulher em um ícone da natureza humana. É provavelmente o primeiro pintor a tratar a nudez fora da visão bíblica da figura paradisíaca de Eva. Além disso, pintava muito bem cabeças, desenhadas em distintas posturas, de frente, de perfil, inclinadas, de distintos aspectos jovens e anciões, revelando a sua maestria da representação da figura humana. Aperfeiçoou sua paleta de cores ao longo da vida, usando quase todas as cores, mas em especial muitas cores frias, como apresentadas em obras como *A primavera* (1482), *O castigo dos Rebeldes*, que se encontra na Capela Sistina, no Vaticano, e *O Banquete de Casamento* (1483).

Nossa trilogia da revista *Iátrico*, afortunadamente, traz estampada nas três capas uma obra que é indiscutivelmente ícone do movimento renascentista italiano: O Nascimento de Vênus, que se atualmente encontra na Galeria Uffizi, um dos museus mais importantes do mundo e que fica em Florença (Itália). Provavelmente criada entre 1483 e 1486, nela Botticelli inova sua produção que era focada em cenas bíblicas para uma cena indiscutivelmente influenciada pela cultura greco-romana. Os olhos de Botticelli se voltam para essa mitologia.

A tela, pintada com têmpera e medindo seus quase três metros por dois metros, foi encomendada por um importante banqueiro e político da sociedade italiana da época, chamado Lorenzo di Pierfrancesco, com intuito de decorar sua residência. O quadro é magnífico e merece nossa interpretação. Vênus é iluminada pela clareza das cores da paleta de Botticelli e representada nua, com uma beleza inigualável, pura, no qual suas curvas femininas são amplamente enfatizadas, mas o que chama a atenção são seus gestos pudicos, tão bem retratados por ele, com os quais ela tenta esconder as mamas com a mão direita e a região genital com mechas de seus longos cabelos ruivos.

Vênus surge do mar sobre uma concha que provavelmente representa o prazer e a fertilidade. Zephyrus, deus grego do vento, e uma ninfa, ambos pelo lado direito, parecem ajudar Vênus, soprando-a em direção à terra. O pintor destaca rosas que caem com o sopro dos dois, talvez representando a leveza do amor. Em terra, pelo lado direito, está a Deusa Primavera, com suas vestes esvoaçantes, floridas, ela também uma ruiva, aguardando a chegada de Vênus, quase que para cobri-la da nudez com um manto florido. Não é à toa que a primavera tem representado, ao longo dos séculos, a renovação e o florescimento da vida. Os quadros pagãos, como esse, por vezes enfrentavam a fogueira do padre dominicano Hyeronimus Savonarola, pregador renascentista que ficou conhecido pela destruição de artes e artigos de origem secular e apelos pela reforma da igreja católica. Felizmente, essa obra escapou dessa tradição revoltosa contra a obra pagã e nos enche os olhos até os dias de hoje.

A natureza se esforça em conceder a muitos a virtude e, por vezes, os faz descuidados, pois como não pensam no fim de suas vidas, podem carecer tanto de necessidades que recorrem à ajuda de outros. No final de sua vida, velho e desvalido, arrastava-se em duas muletas, e como não podia fazer nada mais, doente, decrépito e em miséria, morreu aos 65 anos de idade, sepultado em Ogni Santi de Florença, no ano de 1510. ❶



"O Nascimento de Vênus", têmpera sobre tela com dimensão de 172,5 x 278,5, pintura de Sandro Botticelli que data de 1483. A obra, que está exposta na Galeria Uffizi (Florença, Itália), inspirou as ilustrações de capa da trilogia MORRER-VIVER-NASCER. Aqui em sua completude.



O legado de Cora

TEXTO E FOTOS

DRA. HELLEN MARY DA S. DE CARVALHO

Foto: arquivo



Cora, em uma de suas últimas entrevistas.



Casa de Cora Coralina e o Rio Vermelho.

Era dezembro de 2013 e Goiás vinha sofrendo com as enchentes por vários anos seguidos. A cidade é cortada pelo Rio Vermelho, que quando transborda sai lambendo casarões centenários, igrejas barrocas, leva pontes de madeira e as ruas em pé de moleque, ameaçando tesouros com a força de suas águas. É nesse cenário que Goiás guarda a casa de Cora, a Casa Velha da Ponte. E já tinha passado da hora de irmos até lá.

*“Tenho um rio debaixo das janelas
Da Casa Velha da Ponte.
Meu Rio Vermelho”*

Cora Coralina

Goiás Velho já foi a antiga capital do Estado de Goiás. “Goiás Velho, não. Goiás”, como seus moradores preferem que seja conhecida. Fica em um vale ao pé da Serra Dourada e por sua natureza exuberante, arquitetura barroca e tradições seculares foi tombada pela Unesco, em 2001, como Patrimônio Histórico e Cultural Mundial.

Goiás fica a 314 km de Brasília, de onde chegamos ansiosos pelo frango ao molho de pequi e empadão goiano típicos da região, mas nossa vontade de conhecer o centro histórico naquele mesmo dia teve que ser adiada pelo maior pé d’água, que deixa a cidade velada pela escuridão da noite. Era tudo silêncio, surpresa e mistério e o farol do táxi só revela o chão em pé de moleque a caminho do hotel. Mas estávamos felizes por estar ali.

No dia seguinte, depois do café da manhã ao som dos barulhentos tucanos nas árvores, caminhamos a pé sob o céu nublado até a casa de Cora, que hoje funciona como museu. Imponente, a Casa Velha da Ponte foi edificada por escravos em meados do século XVIII e foi onde Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu em agosto de 1889 e morou por um longo tempo de sua vida. Mais do que moradia, a casa comprada por seu bisavô era personagem frequente em suas poesias. Filha de Francisco, desembargador nomeado por D. Pedro II, e de dona Jacyntha, uma mulher independente à frente do seu tempo que lia muito e de tudo, Anna tinha três irmãs.

"NASCI EM TEMPOS RUDES. ACEITEI CONTRADIÇÕES, LUTAS E PEDRAS COMO LIÇÕES DE VIDA E DELAS ME SIRVO. APRENDI A VIVER."

"Entre as quatro filhas de minha mãe ocupei sempre o pior lugar. Duas me precederam, eram lindas e mimadas. Devia ser a última, no entanto veio outra que ficou sendo a caçula. Quando nasci, meu velho pai agonizava e logo após morria. Cresci filha sem pai (...) Amarela, de rosto empalamado. De pernas moles, caindo à toa"

Cora Coralina

Em 1900, o gasto com o casamento de uma de suas irmãs em uma festa cheia de glamour deixou sua família endividada. Sua casa é alugada e todos se mudam para a Fazenda Paraíso, onde Cora vive por cinco anos e escreve seus primeiros versos. Começa a participar de saraus literários, onde os lê em público sem revelar sua autoria. Aos 14 anos, teve seu primeiro poema publicado, quando então ela mesma reconhece o seu valor. "Aninha, Nikita, Nikinha, Nikota, Doca, Doquinha, Doquita". Isso tudo quer dizer "Ana", dizia. A cidade era cheia de Anas e ela não queria que sua obra fosse atribuída a outra Ana mais bonita do que ela. Decide então criar seu pseudônimo: Cora. Saiu pelas ruas perguntando os nomes das moças até encontrar outra Cora. Não encontrou. Mas ainda era pouco. Cora Coralina soa melhor; "Coração Vermelho", em homenagem ao rio. Agora ela era única.

Cora cresce, escreve para vários jornais de Goiás e Rio de Janeiro, e começa a frequentar o Gabinete Literário Goiano, onde conhece Cantídio Tolentino de Figueredo Bretas, um advogado e jornalista de São Paulo, separado da mulher. Apaixonada, se entrega àquele homem e engravida. Sua mãe reprova a união, tenta esconder a gravidez da filha e Anna não vê outra saída: monta na garupa do "corcel branco do príncipe dos seus sonhos" e, aos 21 anos, foge para São Paulo como uma forma de libertação de sua família, que tentava moldá-la aos rigores da época. Mas não sem antes conhecer a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, frequentada por grandes poetas e escritores famosos. É nessa época que ela passa a usar o pseudônimo de Cora Coralina.

Cora vive em São Paulo, onde teve seus seis filhos. Casar foi o mesmo que trocar o controle da família pela repres-
são do marido ciumento, 22 anos mais velho do que ela,



Vista por uma das janelas da igreja histórica.

sem arrependimentos. Viúva aos 40 anos, promete que enquanto pudesse trabalhar não se queixaria de cansaço. Aos 48 anos, faz votos de humildade e pobreza à Ordem Terceira de São Francisco, recebendo o nome de Irmã Conceição.

"Senhor, fazei com que eu aceite minha pobreza tal como sempre foi. Que não sinta o que não tenho. Não lamente o que podia ter e se perdeu por caminhos errados e nunca mais voltou"

Cora Coralina

Durante sua vida, Cora escreve em jornais, recebe elogios de Monteiro Lobato, é mão de obra na construção de asilo, capina, vende livros, planta e vende rosas. Faz reivindicações a favor dos pobres, crianças e idosos, escreve o estatuto dos comerciantes, apoia a Revolução Constitu-

cionalista e sobe em palanques com a enxada nas costas pela reforma agrária. Dona de sítios, planta algodão, aluga o pasto para o descanso das boiadas e fala sobre a preciosidade de ser lavrador. Aos 65 anos, Cora vende seus bens a seu filho e decide voltar a Goiás para resolver negócios da família com a promessa de voltar. Mas não volta. Ela está pobre e sozinha. Faz doces para vender e guarda dinheiro para ter a Casa Velha da Ponte de volta.

*“Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras
e faz doces. Recomeça”*

Cora Coralina

Cora escreve à mão sem dominar a gramática até os 70 anos, quando então ela entra para uma escola de datilografia e leva seus escritos datilografados para a Editora José Olímpio, uma exigência para avaliação do artista. Aos 75 anos, teve seu primeiro livro publicado, *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*. Alfabetizada na infância durante dois anos graças à dedicação e insistência de uma professora 50 anos mais velha do que ela, deixa em *Vintém de Cobre* uma homenagem à sua mestra.

“Não houve de minha parte nenhuma despreocupação e nenhum desligamento no que se relaciona à métrica e às rimas, mas uma impossibilidade psicológica e até biológica de me enquadrar. Eu bem que tentei, mas nada consegui, nem sequer armar uma quadra. E na impossibilidade de ser uma poetisa como eu desejava, vaidosamente, passei a escrever em prosa, e já se dizia, naquele tempo, que eu escrevia poesia em prosa. Mas só me achei totalmente liberada para escrever meus poemas depois que a poesia liberou-se do rigor da métrica”.

Cora Coralina

Um dia, em 1979, Cora Coralina recebe uma carta de Carlos Drummond de Andrade. O poeta não a conhecia, mas havia lido o que ela escrevia e a partir de então é reconhecida pelo Brasil como poetisa. Ela tinha 90 anos.

“Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia”

Carlos Drummond de Andrade



Vista de uma das ruas do centro histórico, tendo em primeiro plano a Igreja Nossa Senhora d'Abadia.

A casa de Cora esteve sempre aberta aos visitantes para a venda de doces, poesias e para jogar conversa fora. Hoje, continua com os móveis no lugar, quadros nas paredes e uma estante cheia dos mais diversos títulos ocupando um espaço maior do que aquele onde guardava seus vestidos. Há livros de receitas, do espírita Divaldo Franco, do poeta Pedro Nava, biografia do Che. Seus tachos de cobre ficam sobre o fogão de lenha e a nascente de água fresca ainda passa pelo porão onde Maria Grampinho preferia dormir, uma andarilha a quem ela acolhia sem pedir nada em troca.

Em 1984, torna-se membro da Academia Goiana de Letras e recebe o grande prêmio de crítica da Associação Paulista de Crítica de Arte, o troféu Juca Pato. No ano seguinte, em 10 de abril, Cora se despede da vida aos 95 anos.

“Na minha alma, hoje, também corre um rio, um longo e silencioso rio de lágrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre, até afogar e submergir na tua profundez sombria a intensidade da minha dor.”

Cora Coralina

Cora dizia que a melhor idade para se viver está entre 50 e 75 anos, que é quando se tem a certeza, segurança, personalidade plena, filhos criados e netos batizados. Viu sempre pelo amor e otimismo. Ficou eternizada em selo, disco, livros, documentários e filme. Mas em sua Goiás ainda é lembrada por seus doces gostosos cuidadosamente embalados em fitas. 📌

NASCER, MORRER: O MÉDICO, OS DOCUMENTOS E O ESTADO

DR. EDUARDO MURILO NOVAK

No momento em que vem ao mundo, o indivíduo encontra um universo que seria estritamente biológico, mas que passou a ser regulado por normas diversas naqueles países em que há um Estado de Direito vigente. Assim, pressupõe-se que, ao nascer, a pessoa exercerá todos os atos da sua vida de relação, inclusive os civis. Porém, o Estado obriga que, por meio de um registro, seja feita a comunicação de que tal pessoa veio à luz.

Mesmo que o nascimento tenha sido sem qualquer assistência médica, ainda assim é garantido o direito de registro, senão haveria uma legião de pessoas sem documentos. Nesses casos, é feita a comunicação ao cartório, e os informantes se responsabilizam civil e criminalmente pelas informações, podendo o oficial inclusive, se tiver dúvidas quanto ao declarado, ir até o domicílio verificar a existência do recém-nascido, exigir a atestação do médico ou parteira, ou ainda o testemunho de duas pessoas que não forem os pais e tiverem visto a criança.

Essa explicação é importante para se compreender o que ocorre quando do falecimento, pois uma vez que houve o nascimento “civil”, deve ser assentado igualmente o óbito “civil”.

Dessa forma, findo o ciclo de vida, o Estado deverá ser informado de que juridicamente aquela pessoa não mais ali habita. Na maioria das vezes, quem repassa essa informação é um médico. Contudo, assim como ocorre com o nascimento, há exceções em que o próprio cartório poderá lavar o registro de óbito, desde que haja informantes que descrevam o evento natural que culminou com o êxito letal. Assim está disciplinado no art. 77 da Lei 6015, de Registro Civil, com fluxo similar ao registro de nascimento.

É importante esse esclarecimento preambular para deixar claro que um dos “desejos” do Estado é simplesmente reconhecer que aquela pessoa não mais existirá ativamente do ponto de vista jurídico. Em países que não são regulados por leis, para ilustrar, nem registro de nascimento nem de óbito são lavrados, pois não há “direitos” a exercer.

E sublinhe-se que para registrar o óbito não se exige para todos os casos a causa anatomopatológica da morte. Pelo contrário. Em grande parte das vezes presume-se a causa da morte com base no histórico do paciente ou mesmo nos sintomas relatados por pessoas que presenciaram o óbito, principalmente se o médico era o assistente do paciente até então, situação em que, segundo o art. 84 do Código de Ética Médica, será dever do doutor o preenchimento da Declaração de Óbito (DO). Por exemplo, se o indivíduo refere uma

nucalgia súbita de forte intensidade, seguida de paralisia de um dimídio e a perda dos sentidos, com a consequente parada cardiorrespiratória, não é necessário acessar a base do crânio para constatar que pode ter sido a rotura de um aneurisma de cerebral média a responsável pelo desfecho. Quem vai informar o óbito descreverá como causa provável um acidente vascular, dispensando a verificação visual do sangramento. Com base nisso, o Estado estará ciente da causa da morte, e poderá, entre outras ações, lançar esforços para diminuir a incidência desse tipo de evento.

Noutra ponta, o Estado será responsável por atestar o óbito naqueles casos ditos não naturais. As mortes por outras causas, assim, serão as que necessitarão de um médico oficial (perito), ou designado especialmente para o caso (ad hoc) para a lavratura da D.O. Por isso as causas externas como acidentes, suicídios e homicídios ficarão em regra a cargo do Instituto Médico-Legal (IML), pois face à possibilidade de existência de crime, é necessário que o Estado faça a perícia.

A insegurança na lavratura da DO pode surgir nos casos de mortes suspeitas que, por seu turno, também serão da alçada do IML. Todavia, há de se ter indícios de que não foi óbito natural. E esses elementos devem ser fundamentados e reportados à autoridade para que se inicie o escrutínio, com o exame cadavérico ou necroscópico sendo o documento hábil a figurar nas fileiras inauguratórias do caderno policial.

Se o médico considerar que há elementos para atestar a causa, assim o fará. Caso contrário, basta consignar a impossibilidade de se determiná-la, anotando como “indeterminada” – e não suspeita – e emitir a DO conforme já explanado.

Como a boa-fé das pessoas é presumida, então para que se caracterize que foram inseridas informações falsas deve existir o dolo, a vontade de macular a verdade, ou quando havia um sinal claro de causa externa, e o profissional não examinou o cadáver, ou ainda no caso de ter se atentado à lesão mas, deliberadamente, omitiu-a, independentemente da motivação. Nos demais, com o prontuário pertinentemente justificado, e com a DO contendo as devidas ressalvas, não há falar-se em responsabilidade.

Em síntese, a DO é um documento necessário para que o Estado encerre o “ciclo jurídico” nascimento-morte, e deve ser fornecida pelo médico assistente nas situações descritas acima. Na suspeita de morte por causa externa, ou na sua confirmação, a regra é o Estado se encarregar de lavar a declaração. ❶

Seleção de filmes para ver e rever

OS 7 DE CHICAGO (2020)

POR QUE VER: A história dos 7 condenados por participar de comício da convenção do partido Democrata contra a guerra do Vietnã. Filme de tribunal empolgante como só os americanos sabem fazer. Elenco muito bem escolhido.

DIRETOR E ATORES: O renomado roteirista Aaron Sorkin (*Questão de Honra*, 1992; *A Rede Social*, 2010; *A Grande Jogada*, 2017) dirige *Os 7 de Chicago*, no seu segundo trabalho na direção (*A Grande Jogada*, 2017). O filme conta com grande elenco, tendo à frente Eddie Redmayne (*A Teoria de Tudo*; *A Garota Dinamarquesa*, 2015); Sacha Baron Cohen (*Borat*, 2006; *A Invenção de Hugo Cabret*, 2011); John Carrol Lynch (*Fome de Poder*, 2016), Mark Rylance (*Ponte dos Espiões*, 2015); Joseph Gordon-Levitt (*A Origem*, 2010), Frank Langella (*Frost Nixon*, 2008), e participação muito especial de Michael Keaton (*Batman*, 1989; *Segredos Revelados*, 2015; *Fome de Poder* 2016).



NÃO PERCA DE VISTA: Os diversos grupos a que pertencem os réus: apoiadores da revolução cultural, apoiadores da revolução política, inocentes úteis, simpatizantes dos panteras negras etc.; os diálogos e conflitos que emergem entre os próprios réus, o que, apesar do objetivo comum (todos contra a guerra do Vietnã), dificulta uma ação comum; a conhecida e esperada ação policial durante manifestações pacíficas. Nos imperdíveis filmes de tribunal (*Doze Homens e uma Sentença*, 1957; *Testemunha de Acusação*, 1957; *Julgamento em Nuremberg*, 1961; *Questão de Honra*, 1992; *As Duas Faces de um Crime*, 1996; *Tempo de Matar*, 1996; *Amistad*, 1997; *O Homem que Fazia Chover*, 1997).

CRIMES DE FAMÍLIA (2020)

POR QUE VER: Pelo ótimo roteiro baseado em fatos reais: duas histórias paralelas muito bem construídas que confluem para um final inesperado; pela pergunta que perpassa todo o filme: até onde vai o amor incondicional de uma mãe?

DIRETOR E ATORES: Sebastian Schindel, professor de cinema e formado em filosofia, aproveita o seu excelente *background* neste exercício de suspense em que combina com maestria intensa ação dramática e complexos temas para reflexão. Cecilia Roth, a atriz almadovariana em atuação soberba, se entrega ao papel de mãe que protege o filho a qualquer custo.

NÃO PERCA DE VISTA: Na falta de empatia da maioria de personagens masculinos com problemas que teoricamente só afetariam o universo feminino; no poder do dinheiro e sua influência sobre muitas decisões jurídicas; nos diálogos das cenas de tribunal e na interpretação das atrizes (patroa e empregada) no momento decisivo do filme, quando a verdade é revelada; no nível ótimo do atual cinema argentino.



REDE DE ÓDIO (2020)



POR QUE VER: Pela relevância e atualidade do tema. Um hacker arrivista tenta escalar a classe social a que pertence utilizando-se de todos os meios, o que nos remete ao grande Goethe em *Afinidades Eletivas*: "É tão difícil aspirar aos fins sem desprezar os meios".

DIRETOR E ATORES: Jan Komasa, diretor polonês do premiadíssimo *Corpus Christi* (2019), volta à direção com grande possibilidade de continuar a tradição dos grandes diretores do país, como Andrzej Wajda (*Cinzas e Diamantes*, 1958; *Danton*, 1983; *Katyn*, 2007), Florian Henkel von Donnersmarck (*A Vida dos Outros*, 2006), Pawel Pawlikowski (*Ida*, 2013; *Guerra Fria*, 2019) e Roman Polanski (*A Faca na Água*, 1962; *A Dança dos Vampiros*, 1967; *O Bebê de Rosemary*, 1968; *Chinatown*, 1974; *Tess*, 1979; *Lua de Fel*, 1992; *O Pianista*, 2002).

NÃO PERCA DE VISTA: Na errática trajetória política do hacker; nos meios de sedução que utiliza para conseguir seus objetivos; na facilidade com que um rosto que "transpira pureza" consegue enganar a grande maioria das pessoas bem intencionadas.

MANK (2020)

POR QUE VER: Pelo roteiro que, de modo explícito, favorece a participação de e Hermann Mankiewicz (Mank) como elemento principal do roteiro de *Cidadão Kane* (1941), considerado por boa parte da crítica especializada como melhor filme de todos os tempos. Esta versão dos acontecimentos foi estimulada grandemente pela crítica do New York Times, Pauline Kiel, e é contestada pela maioria das publicações a respeito, que dá a Orson Welles o mérito principal pelo roteiro do filme. Pela atuação de todo o elenco.



DIRETOR E ATORES: David Fincher é reconhecido diretor de bons (*Alien 3*, 1992; *O Quarto do Pânico*, 2002; *A Rede Social*, 2010), ótimos (*Clube da Luta*, 1999; *O Curioso Caso de Benjamin Button*, 2008; *Millennium: O Homem que não Amava as Mulheres*, 2011) e excelentes filmes (*Seven: os Sete Crimes Capitais*; *Garota Exemplar*, 2014). Gary Oldman (*Drácula*, 1992; *O Sangue de Romeo*, 1993; *O Profissional*, 1994; *O Espião que Sabia Demais*, 2011; *O Destino de uma Nação*, 2017) e Amanda Seyfried (*Meninas Malvadas*, 2004; *Mamma Mia*, 2008 e 2018) encabeçam o elenco com grandes atuações, como Mank e Marion Davies, a amante de William Randolph Hearst (WRH), enquanto Charles Dance (*O Jogo da Imitação*, 2014; *A Dama Dourada*, 2015) e Lilly Collins (*O Mínimo para Viver*, 2017; *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal*, 2019), como WRH e secretária de Mank, também têm destacadas atuações.

NÃO PERCA DE VISTA: Filme para cinéfilos, que, de preferência, tenham visto *Cidadão Kane*, já conheciam de antemão a disputa sobre o principal responsável pelo seu roteiro e/ou gostem de "tiradas" irônicas ou sarcásticas em que Mank, nas festas em que participava ou em reuniões com a sua roda de intelectuais no Hotel Algonquin (Dorothy Parker à frente), era mestre. Na fotografia em preto e branco que ajuda a recriar a atmosfera da época.



AVA (2020)

POR QUE VER: Você já viu esta história contada no cinema muitas vezes. Assassina profissional treinada e empoderada usa de suas habilidades em lutas marciais para alcançar o seu objetivo. Mas, uma que queira saber o motivo por que está matando não é tão usual. Este dilema ético dá ensejo a uma caracterização psicológica mais profunda da personagem e de seus relacionamentos.

DIRETOR E ATORES: Tate Taylor, diretor do ótimo *Histórias Cruzadas* (2011) e do burocrático *Garota no Trem* (2016), consegue mais uma vez ótimas interpretações de seus atores. A excelente Jessica Chastain (*A Hora Mais Escura*, 2012; *O Zoológico de Varsóvia*, 2017) está deslumbrante na pele da assassina mortal, muito bem coadjuvada por John Malkovich (*Os Gritos do Silêncio*, 1984; *Império do Sol*, 1987; *Ligações Perigosas*, 1988; *O Céu que nos Protege*, 1990), Colin Farrell (*Alexandre*, 2004; *O Lagosta*, 2015; *O Estranho que nós Amamos*, 2017), Joan Chen (*Desejo e Perigo*, 2007) e Geena Davis (*A Mosca*, 1996, *O Turista Acidental*, 2008; *Thelma e Louise*, 1991).

NÃO PERCA DE VISTA: Nos intensos relacionamentos de Ava com a sua mãe (Davis), seu protetor (Malkovich) e seu amante; nos diálogos entre mãe e filha.

O MELHOR ESTÁ POR VIR (2019)

POR QUE VER: Pelo tema, a amizade entre dois homens, aparentemente com diferenças inconciliáveis, mas que nutrem afeto mútuo incomum. Pelos franceses serem imbatíveis na comédia de erros.

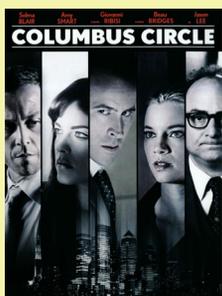
DIRETOR E ATORES: Alexandre de la Patellière e Matthieu Delaporte dirigem o seu segundo filme (*Qual é o nome do bebê*, 2012) contando com ótimas atuações de Fabrice Luchini (*Coronel Chabert – Amor e Mentiras*, 1994; *Potiche – Esposa Troféu*, 2010; *Dentro da Casa*, 2012), Patrick Bruel (*Qual é o nome do bebê*, 2012; *Os Meninos que Enganavam os Nazistas*, 2017) e da bela atriz marroquina Zineb Triki.



NÃO PERCA DE VISTA: Na perfeita química da dupla de atores Luchini e Bruel; nos expressivos olhos de Zineb Triki; nos grandes filmes sobre o tema (*Casablanca*, 1942; *Midnight Cowboy*, 1969, *ET, o Extraterrestre*, 1982; *Thelma e Louise*, 1991; *Um Sonho de Liberdade*, 1994; *Histórias Cruzadas*, 2011; *Os Intocáveis*, 2011); nos filósofos que se debruçaram sobre o tema desde Aristóteles (“É uma alma com dois corpos”), passando por Epicuro (“De todos os meios que a sabedoria conhece para assegurar a felicidade durante toda a vida, o mais importante, de longe, é a amizade”), Montaigne (“As almas se entrosam e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, e nem se percebe a costura entre eles”), até o pessimismo de Schopenhauer (“Os homens apenas se socializam em razão da incapacidade de suportar a solidão e a sua própria companhia”).

FILMES CULT

COLUMBUS CIRCLE (2012)



POR QUE VER: Neste pequeno filme, nenhuma cena é por acaso, o que destaca o cuidado do roteiro escrito pelo diretor e um dos atores (Kevin Pollak); pela montagem perfeita entre o que está acontecendo e os flashbacks explicativos; pela intensa reviravolta que sofre a narrativa, como o título já sugere.

DIRETOR E ATORES: George Gallo, diretor do razoável *A Rosa Envenenada* (2019) e roteirista dos bons *Fuga à Meia Noite* (1988) e *Bad Boys* (1995), no seu melhor filme até aqui. Susan Blair (*Segundas Intenções*, 1999; *Hellboy*, 2004) e Amy Smart brigam pela atenção da câmera, ajudadas por um belo time de coadjuvantes: Beau Bridges (*Susie e os Baker Boys*, 1989), Kevin Pollak (*Os Suspeitos*, 1995), Giovanni Ribisi (*O Resgate do Sargento Ryan*, 1998; *Avatar*, 2009) e Jason Lee (*Quase Famosos*, 2000).

NÃO PERCA DE VISTA: Na beleza, carisma e talento das duas atrizes principais. Na sutileza dos pequenos detalhes que ajudam a definir a trama.

PATERSON (2016)



POR QUE VER: Jim Jarmuch, um poeta das imagens, em um de seus filmes mais explicitamente poéticos, em que um motorista em cidadezinha no interior dos EUA cria poesias tendo o grande William Carlos Williams como referência principal.

DIRETOR E ATORES: Jim Jarmuch, dono de bela filmografia (*Estranhos no Paraíso*, 1974; *Daunbailó*, 1976; *Flores Partidas*, 2005) conta com a excelente atuação de Adam Driver (*Infiltrado na Klan*, 2018; *História de um Casamento*, 2019) e da belíssima atriz iraniana Golshifteh Farahani (*Rede de Mentiras*, 2008; *Procurando Elly*, 2009).

NÃO PERCA DE VISTA: na delicadeza dos poemas que nos faz lembrar que a arte ainda é a maior defesa contra as vicissitudes do cotidiano.

REVIRAVOLTA (2016)



POR QUE VER: Pelas idas e vindas do filme, como apontado pelo título, totalmente inesperadas; na falta de sorte do personagem principal (Sean Penn) em suas andanças e fugas inusitadas; pela diversidade de tipos excêntricos encontrados em cidade do interior do Arizona.

DIRETOR E ATORES: O grande, Oscarizado (roteiro em *Expresso da Meia Noite*, 1978, e direção em *Platoon*, 1986; e *Nascido em 4 de Julho*, 1989), e muitas vezes polêmico Oliver Stone (*JFK*), como nos seus melhores dias, entrega um filme ágil e de roteiro brilhante de John Ridley, baseado em seu livro. Acompanhar as divertidas desventuras de Sean Penn (*Os Últimos Passos de um Homem*, 1995; *Sobre Meninos e Lobos*, 2003), tendo como coadjuvantes um time do naipes de Jennifer Lopez (*Anaconda*, 1997; *Um Lugar para Recomeçar*, 2005), Nick Nolte (*Cabo do Medo*, 1991; *O Óleo de Lorenzo*, 1992), Billy Bob Thornton (*A Última Ceia*, 1991; *O Homem que não estava lá*, 1991), Joaquin Phoenix (*Ela*, 2013; *Coringa*, 2019), Jon Voight (*Perdidos na Noite*, 1969; *Amargo Pesadelo*, 1972), Claire Daines (*O Homem que Fazia Chover*, 1997; *Os Miseráveis*, 1998) é muito prazeroso.

NÃO PERCA DE VISTA: Na atuação dos atores que parecem se divertir em cena; na beleza e sensualidade de Jennifer Lopez em um de seus melhores papéis no cinema; na adequação de Sean Penn como ator principal.

FAZ DE CONTA QUE NY É UMA CIDADE



A ideia de que a arte pode ser local de afeto, camaradagem e cumplicidade é ilustrada de uma forma agradável na minissérie em sete episódios *Faz de Conta que NY é uma Cidade*, dirigida por Martin Scorsese como uma homenagem à amiga de longas datas, Fran Lebowitz, que já participou de seus filmes – era a juíza em *O Lobo de Wall Street*.

Fran é uma escritora que ascendeu como colunista da revista de entrevistas de Andy Warhol (intitulada “Interview”) e sacramentou-se como autora de *best-sellers* sobre crítica cultural (“Metropolitan Life” e “Breve Manual de Urbanidade”). Hoje, está em bloqueio criativo não sabe mais há quantas décadas, embora conserve o mesmo olhar crítico e sardônico a respeito das mundanidades de Nova York e das mudanças culturais sociais, nas palestras públicas de que participa.

Em uma dessas palestras, mediada por Martin Scorsese, percebemos o grau de companheirismo de ambos amigos e a maneira reverente com que batem esse pingue-pongue de fatos e opiniões com os membros da plateia abarrotada em ouvir o que Fran tem a dizer. Muito, a propósito, encrustado sob a camada grossa de seu humor característico e inteligente que desestabiliza até mesmo Martin, que precisa conter a gargalhada para permanecer na posição neutra de mediador que lhe é exigida.

Além da dinâmica de bate-papo estabelecida com Martin Scorsese em um bar ítalo-americano, cujo processo de aclimação e acomodação é o ponto de partida dos episódios e apto a revelar facetas pequeninas, mas significativas, do relacionamento de diretor e homenageada, a narrativa também sai às ruas. Nelas, Fran descobre, nas calçadas de Nova York, das marcas de construção da cidade, hoje “pisadas” por habitantes apressados em seus compromissos para só contemplar ou turistas que olham apenas para cima, aos arranha-céus da cidade.

A perspectiva da cidade em função do cidadão, não o contrário, está em compasso com a Fran que caminha, cuidadosamente, pelos rios que recortam a maquete de Nova York e identifica, em pontos de interesse, memórias de vida. Diferentemente do monstro gigantesco que emerge das águas e subjuga a cidade em caos e destruição, a Fran dessas cenas é gentil: mistura o sentimentalismo da lembrança, a sua comicidade, à ideia de que não a cidade que molda o indivíduo, na perspectiva coletivista, mas o indivíduo que molda a cidade, na perspectiva individualista, com uma conotação positiva.

A Fran através do olhar de Martin Scorsese é fonte inesgotável de história, de fatos e opiniões, não só sobre nova-iorquinos, mas também sobre arte e cultura, esporte



Martin Scorsese e Fran Lebowitz estrelam a minissérie “Faz de Conta que NY é uma Cidade”.

e lazer, transporte público, idade e modernidade, literatura etc. São elementos ressaltados nos recortes de entrevistas com artistas consagrados – o ator Alec Baldwin, o diretor Spike Lee, a atriz-diretora Olivia Wilde, o apresentador David Letterman – ou objetos de registros de arquivos de quando Fran, após a onda do movimento *hippie* coincidente com as marchas por direitos civis (do movimento negro) e igualdade de gêneros (do movimento feminista), ajudava no processo de reconstrução da identidade da sociedade feito a partir de seus achados literários.

É uma minissérie multigeracional, portanto: a contemporâneos de Martin e Fran, a obra valoriza o ontem a partir de memórias e recoloca o idoso (Fran tem 70 anos; Martin, 78) no centro da ação, devolvendo a sociedade ao fluxo de respeito de outrora, em vez da pirâmide invertida da juventude como fonte do saber; aos milênicos, a minissérie simboliza a consolidação da obra da artista ou o nasci-

mento a quem ainda não estava familiarizado, ao alcance de ser redescoberta nas livrarias ou sebos, remove os preconceitos etários que porventura existam, mesmo quando adota as rabugices de Fran dentro da forma de narrativa, e inspira o surgimento de mais Frans (ou Martins).

O deleite está em observar a dinâmica de dois amigos que se conhecem bem o bastante para manter um elo de confiança estreito, uma liberdade confortável e um senso de dominância ou presença de cena em relação à forma cinematográfica que lhes permite expandir além do que a mídia limita. Você pode não gargalhar para trás na cadeira, igual faz Martin Scorsese, mesmo porque o senso de humor é particular e imprevisível, mas, por entre a aparência de palavras afiadas de Fran Lebowitz, você encontrará a sensibilidade de uma mulher que viveu/vive a ponto de enxergar, no reboco da calçada de Nova York, a própria história que se confunde com a da cidade. **❶**

Do Caderno Verde

Não é conhecimento que convulsiona a Medicina; é a ignorância e a prepotência. Medicina é fato e trato. O que se ensina é dado alumiado; ou seja, informação e iluminação. A ciência tem que iluminar o obscuro e, alinhada à filosofia, buscar o saber com a humildade do provisório.



"Dois filósofos", de Jusepe de Ribera, *Lo Spagnoletto* (1591-1652), pintor tenebrista espanhol. Obra do Museu do Hotel Sanderlin, em Saint-Omer (França).

RELACIONAMENTO ENTRE MÉDICOS: QUEM É O DONO DA VERDADE?

DR. EDUARDO MURILO NOVAK

Diversos são os casos de conflitos envolvendo dois profissionais médicos. Muitos enfileiram os tribunais éticos, outros as cortes de justiça do país. O fato é que se houvesse racionalidade, e se existisse o entendimento de que o melhor caminho é a paz, muito disso seria evitado. As partes poupariam enorme tempo, não esvairiam a tranquilidade de suas consciências e o paciente, vértice da relação, não seria afetado.

Antero de Quental (1842-1891), que representava a estética realista, desgostoso com o romântico Antônio de Castilho no episódio que dividiu o Realismo e o Romantismo conhecido como Questão Coimbra, escreveu ao final da carta pública *Bom Senso e Bom Gosto*:

"V. Exa. precisa menos cinquenta anos de idade, ou então mais cinquenta de reflexão."

E deste modo assina, referindo-se ao romântico Castilho: *"Nem admirador, nem respeitador. Antero de Quental."* E a vida é assim. Ou nos instruímos com nossos erros

e nossa experiência no fluxo normal de nossa existência, ou deveríamos voltar no tempo para, quem sabe, num átimo de sensatez passássemos a aprender, e dessa forma não permaneceríamos recônditos em nossa escassez de sabedoria.

Medicina é arte. Medicina é ciência. Medicina é cordialidade. Medicina é empatia. Medicina é amor. Medicina é compaixão. Medicina é altruísmo. E Medicina é humildade. Uma vez que o então estudante opta pela carreira, deve ter em mente esses princípios, para poder exercer com louvor, entre tantas, a nobre e difícil missão de curar – ou tentar, ao menos.

Não obstante, deve ser dito que o médico tem dever de urbanidade, de tratar com apreço e cortesia o colega. Dos Princípios do Código de Ética Médica:

XVIII - O médico terá, para com os colegas, respeito, consideração e solidariedade, sem se eximir de denunciar atos que contrariem os postulados éticos

Ocorre que não são fortuitas as vezes em que se vê desavença entre profissionais. Muitas dessas são instiladas por arrogância, pedantismo, em que geralmente um – às vezes o outro também – julga-se estar num altar em que não se admite o contraditório, de onde enxerga seus pares como meros subservientes ou vassalos. E para complicar, nesse momento considera frívolo o sentimento do paciente, o qual é atingido por questões burocráticas que não lhe dizem respeito; apenas postergam a solução do seu caso.

Nesse sentido, vez ou outra são noticiadas situações em que um ofende o outro – algumas vezes por escrito –, pois entende, por exemplo, que o encaminhamento realizado pelo colega foi incorreto. Ora, se há algo a sanar, por que não o fazer de modo afável, civil? Não é assim que todos gostamos de ser tratados? Ou, extrapolando um pouco, não é isso que Kant leciona no exercício analítico da razão, na sua *Crítica da Faculdade de Julgar*, naquela máxima “pensar colocando-se no lugar do outro”, para que possamos pensar de uma maneira alargada? Não é desse modo que a Medicina se tornaria melhor?

O intrigante nessa história é que provavelmente essa pessoa não age assim somente na sua relação profissional. A mãe também deve ter sofrido desde sempre com a prepotência, o pai não faz a questão da visita no fim de semana, o preceptor sentia alívio com sua ausência no estágio, e os amigos, se existirem, aproveitam-se de um mínimo naco de bondade sobrenadante que é inerente a todo ser humano – ao menos isso – e, por terem que con-

viver apenas em uma pequena fração de tempo, conseguem tolerá-lo por esses poucos minutos de lazer.

O mesmo acontece na lida com o paciente, o qual é visto pelo arrogante como um estorvo ordinário que só está ali para mover-lhe da inércia e apenas satisfazer as necessidades de seu ego, ou mesmo exclusivamente de suas questões pecuniárias. Esse profissional não se esforça o mínimo para ser cordial ou oferecer o compadecimento quando isto é a única alternativa naquele ato.

Professorar a moral, ressalva-se, não é cabível a ninguém, evidentemente, pois todos somos falíveis. Mas temos que entender que a Aleteia, a verdade para os gregos, é difícil de ser descoberta, ainda mais quando se trata de uma área absolutamente humana como a nossa. E se é complicado encontrar essa verdade, devemos ter a humildade para conter a impetuosidade, de sorte a não rechaçar de plano as ideias ou manifestações de terceiros. Assim, ouviremos o contraditório, e podemos almejar que as coisas sejam deliberadas de maneira harmônica, com objetivo de que fique razoável para todas as partes, principalmente para o paciente.

Como dito, a falibilidade é inerente ao humano, e todos temos os momentos em que podemos estar passando por situação de vulnerabilidade emocional. Mas é nessa hora que aqueles anos de experiência referidos por Quental deveriam nos ensinar a abraçar a serenidade, para que não tenhamos que gastar a borracha mais do que o lápis – principalmente se a ofensa for lavrada pela caneta. ❶

Aforismas

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.” FERNANDO PESSOA

“Quanto mais a sociedade se distancia da verdade, mais ela odeia aqueles que a revelam.” GEORGE ORWELL

“O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.” NISE DA SILVEIRA

“O tempo é precioso e é preciso usá-lo com esperança. Entre o começo e o fim, tem uma coisa chamada vida.” LEANDRO KARNAL

“Futuristas e o bom senso concordam que uma mudança substancial, em todo o mundo, no estilo de vida e nas diretrizes morais logo se tornará uma necessidade absoluta.” ROGER SPERRY

“Ninguém se preocupa em ter uma vida virtuosa, mas apenas com quanto tempo poderá viver. Todos podem viver bem, ninguém tem o poder de viver muito.” SÊNECA

“Se você não pode falar bem de uma pessoa, é melhor não dizer nada.” EPICTETO

Eloi, o mágico “HEloi”, o herói das mantiqueiras e das araucárias (na visão de um sábio menino)

DR. GILMAR MEREB CHUEIRE CALIXTO

Meninos, conheci o maior contador de histórias do nosso tempo; é um cara tal qual o Pequeno Príncipe, só que grandão.

Tem um jeito de falar manso, parecido com aquele cronista das Minas Gerais, o Rubem. Cabelos encaracolados e dourados, tal qual anjinho barroco, alto e de um olhar tão profundo como o fundo dos oceanos, além de místico, como as Cordilheiras Andinas. Dizem que morou na Serra do Mar por um tempo e encontrava-se com os poetas à meia-noite nas luas cheias, onde vagavam e riam com duendes, fadas e bichos, inebriados em cheiros e delírios poéticos.

Dizem que ele aconselhou um homem feio a não usar um capelo mágico para ficar bonito e mais poderoso, transformando um Zé do Chapéu de pés vermelhos em Senador da República. Não sei o que é isso direito, mas disseram-me que não soube usá-lo, deixando o banco do pai dele pobre e tristes e desencantadas as pessoas que sonhavam com uma vida melhor.

Também ouvi o HEloi, falando numa rádio lá em Curitiba, de um modo tão difícil que só os doutores e professores entendiam.

Dizem dele, também, que andou no estrangeiro, muito longe, visitando um povo azulado, chamado de Celta (e não cetras de atirar pelotas de barro), e que nem mesmo o rei da Inglaterra, tão poderoso, sequer aqueles gladiadores romanos, de filmes antigos, conseguiram dominá-los.

Dizem que aquele livrinho que nosso pai lia para nós, “O nó do afeto”, meio triste, que nos comovia ao saber que ele desaparece de dia, atrás de dinheiro, voltando muito cansado enquanto dormíamos no quarto ainda escuro, deixando no lençol um nó, registrando assim sua presença para alegrar a mim e o urso de pelúcia, que me contava tudo pela manhã, além de que rezava baixinho em nossos

ouvidos e cantarolava cantigas de infância. Ele se parecia com minha professora, só que um pouco menos chato.

O “HEloi” morava perto de um trem, que fingia ser uma pizzaria hoje, para não cumprir horários, nem levar gente embora para sempre, deixando as pessoas e a Cidade Sorriso mais cinza, sem riso. Meu pai, que era um escritor sabido, dizia que ele lembrava um tal Thoreau, poeta gringo, cabeludo e barbudo que escreveu coisas lindas após morar numa caverna na floresta, deixando a barba alcançar os pés, longe da maldade e hipocrisia humana de seu tempo. Ensinou às pessoas um outro olhar ao amar os seres humanos, os animais, as plantas e as coisas, naturalmente. Relatou sua história e estórias através dos tempos.

Dizem que o “HEloi” inspirou uma professora de verdade do Prado Velho, onde eu ia com meu avô assistir corridas de cavalos, e que se tornou uma grande universidade. Ela se parecia com a Mafalda, com óculos, nariz arrebitado, atarefada, envolvida com as pessoas e causas, fazendo-as mais capazes e felizes, colorindo a vida delas. Ensinou-as a dizer Sim e Não, com amor, livres de ideologias e em busca do seu real Ser. Um dia, tomaram sua sala, cortaram seus laços de fitas e vidas e a descoloriram. Suas plantas, escritos, fotos, livros e quadros, amontoados, bem como a alegria e o sorriso das pessoas, foram juntos, numa Kombi, em um dia frio e chuvoso.

E o campus foi coberto de lamúrias dos quero-queros brancos e pretos, agora enlutados.

Disseram que o perfume de lavanda que inundava sua sala e o prédio azul faziam com que as pessoas dessem um baita sorriso, incomodando a “Metrópolis” e o “Grande Irmão”. Quando ela partiu, levou as cores e as flores; suas plantinhas cresceram e floriram em outro jardim, longe dali, agora, multicolor.

"E EU PUDE APRENDER SOBRE A DIGNIDADE E A SORDIDEZ HUMANA, SOBRE PALIAÇÃO E TERMINALIDADE, VALORES E O AMOR VERDADEIRO, FICANDO ASSIM MAIS FORTE E COM MENOS EGO."

Dizem também do nosso HErói, que ensinou seu médico a fazer Bilú-Bilú para seus pacientes, fazendo-os rir, sarar ou paliar. Ele incentivou seus alunos doutores a fazerem o mesmo com os seus, cativando-os e levando-os a rirem novamente até doerem as barrigas. Acho que um médico de nariz de palhaço de um filme, penso eu, aprendeu com ele.

HEloi viajou pelo mundo afora, contando histórias, fazendo com que gente grande que já esqueceu de olhar, beijar e abraçar a fazê-lo, bem como a aprender partir e retornar.

Outro dia fui com meu pai buscar um livro dele onde fala das pessoas, das ruas, do jeito de ser do curitibano, do "leite quente que dói o dente", da Cidade Sorriso que não sorri mais, mas que, quando faz um amigo, é para sempre.

Eu te digo que no meu prédio, ao entrar no elevador, as pessoas olham para o teto, para as paredes e não para os olhos da gente e mesmo assim, quando encosto a língua no nariz, faço careta ou como uma meleca só para contrariar; os adultos resmungam e se afastam de mim.

Disseram-me que o HEloi arranjou uma princesa para seu país (igual aquela música do Chico); uma moça magra de óculos, neta de um professor, que tinha um grande museu encantado na Brigadeiro, agora um hotel português com guerreiros de latas, armas estranhas, bandeiras, escudos e espadas. Tinha arcos, flechas e enfeites de índios brasileiros, tudo de verdade. E um banco grande queria pegar todas as coisas da nossa terra e de lugares distantes, como a Espanha, aquela do livro que ganhei do "Cavaleiro Manchado" que tinha um amigo pançudo e queria derrubar um moinho de vento, que para ele era um dragão de fogo. Derrubar e ficar famoso.

O professor pediu para um monte de gente para defender aquelas coisas, que os adultos chamam de "Acervo da Nossa Terra e Gente", aquilo que quando crescem deixam de lado e só se interessam, a partir de então, por dinheiro. Rei Davi queria que as pessoas e crianças conhecessem a sua história e elas mesmas, com seus amados livros e artesanatos, agora perdidos. Mas foi em vão; vieram os homens do leilão e o velho professor, com sua funda rota, não derrubou o Golias e os mandantes de Curitiba não os impediram.

Ele e sua linda princesa choraram e choveu muito; sobram apenas uma mesa de carvalho com cadeiras antigas, uma cama magistral com castiçais grandes ao lado, iluminada com lustre de cristal, vigiados por uma armadura metálica em pé com uma espada e escudo que parecia defender sem sucesso o seu lugar. Nesse lugar, a rainha da casa, majestosa e altiva, ficou deitada e não mais se levantou; só sorria quando sua filha, escudeira fiel, servia-lhe chá inglês cáldido com torradas. Ela cuidou-lhe sem cessar até o finzinho e seu médico jovem a assistia sempre, mesmo após a partida dele, abraçado de tristeza aos seus livros queridos.

E eu pude aprender sobre a dignidade e a sordidez humana, sobre paliação e terminalidade, valores e o amor verdadeiro, ficando assim mais forte e com menos ego. Lembro-me da Ópera da Geni, que aplacou o Zeppelin maldito, com sua dor e resignação, salvando gente daquela cidade e enterrando suas almas sujas.

Nosso "HEloi" pegou um "trem" na barriga, preferia um ITA no norte, deixando-o em casa por um tempo, com dor e magreza, mas sempre altivo com seus olhos brilhantes da cor do mar. E assim mesmo foi viajar; perguntou a meio mundo, o que tinha para tomar e curar; ninguém sabia, nem Salamanca, nem Marcelino.

Alguém lhe disse e ele disse que o remédio Mata/Cura, existia e encontrava-se com um velho monge em uma caverna na Mantiqueira. Um elixir para "matar" o trem e o recolocar nos trilhos. Ele plantou oliveiras nos serros e esperou. Elas cresceram depressa e ele como fora instruído, bebeu o líquido dourado e sabe o que aconteceu? A gaiola dourada folclórica do São Francisco partiu sem ninguém, vazia, sem vitalma. Só se ouviu um bucólico apito distante, graças a Deus!

Nosso HEloi voltou para casa feliz; o monge lhe disse que só partiria quando deixasse de cuidar dos nossos pinheirais e oliveiras, perder o amor de sua princesa e desatar "os nós" em nossos lençóis. E essa vai muito distante, pois hoje ele ensina as crianças a darem nós nas camas dos pais, nas camas dos asilos e ensinar a todos os médicos de homens e almas do mundo a amar a vida. E agora? Agora eu não sei mais, mas parece que o HEloi,

louco como Dom Quixote com sua donzela de El Toboso, contou essa história; parece que agora, o publicitário virou um contista e ambientalista, um plantador de sonhos e florestas no serro e nas gentes. Eu acho que é um simples homem mágico, um grande príncipe. Agora tenho certeza, a mesma que tenho que ser um piá, que ele vai voltar para seu planeta depois de consertar o nosso. Aquele homem de lata que vimos na TV outro dia, hoje banalizado como souvenir no clip da Pitty, enfrentando a Metrópolis com seus robôzões, que pisava nas flores e espantava os sonhos. Vai implantar nele um coração de verdade, igual ao dele, como no filme de Oz real, de verdade.

E o robô vai ficar bonzinho, vai cuidar das plantinhas e dos animais, vai ensinar as crianças de todos os planetas grandes e pequenos a contarem histórias e estórias, para

os seres poderem ser mais felizes e aprenderem a cativar, amar e cuidar melhor das pessoas e das coisas, para o cosmos brilhar ainda mais e existir para o Sempre.

Esse nosso HEloi, como o herói do gibi “Herói dos Ser-tões”, é dos bons!

E acabou-se a história, morreu a vitória, quem comeu se arregalou e quem falar primeiro, come toda a m... dela.

Vagalume tem, tem... teu pai tá aqui, tua mãe também...

Tem Herói aqui também.

Já te pego, já te pico, já te jogo no pinico. Piuíiiii...

Fim, fim (*the end*).

Meninos, lhes digo:

Eu aprendi a não ter medo de VIVER e MORRER!

É só SORRIR, que tudo passa e a “Terra do Nunca”, digo do “Sempre”, existe e é AQUI! 📍

NASCER, MOMENTO SUBLIME

O nascimento de um filho é um momento sublime, que transcende o explicável. A maternidade suporta dores pela expectativa da transformação que se avizinha, de compartilhamento do novo ser com o mundo externo e seus desafios. A missão do médico será sempre a de oferecer o melhor de seu conhecimento em prol da segurança e bem-estar à mãe e seu bebê. Na imagem, o lumiar da vida pelas mãos do gineco-obstetra Sari Omar e sua filha, a também médica Karolyne Soumailli Omar.





Rua Particular, próxima à Sede do CRM-PR em Curitiba, foi nomeada pelos moradores como "Luiz Ernesto Pujol", homenagem ao ex-presidente.

O nascer de uma rua

DR. AZARIAS PORTO RIBEIRO

Rua Luiz Ernesto Pujol. Passei por essa rua outro dia. Uma rua pequena, simples, feita para servir pessoas igualmente simples. Parece, pelo que ouvi dizer, que foi uma invasão em passado recente. Estranhei o nome, pois conheço esse sujeito; e ele está vivo! É correto homenagear alguém ainda vivo com nome de rua? Não sei, nunca me fiz este questionamento, terei de refletir um pouco.

Nasci em uma cidadezinha lá na beira do Paranapanema, Primeiro de Maio, aberta pelo meu avô e um grupo de colonos nos anos trinta. Eles decidiram que não nomeariam as ruas para evitar homenagens indevidas; todas seriam numeradas. E assim foi até pouco tempo atrás. Sempre achei essa posição sensata, porém é uma cidade pequena e simétrica, ruas pares para um lado, ímpares ao outro; não daria certo numa grande metrópole como Curitiba. Ficaria difícil nesse emaranhado de ruas sem nenhum fundamento geométrico. Aqui (Curitiba) se tem que dar nomes.

Moro na Alameda das Azaleias; acho bonito, mas não existem tantas flores assim. Então, laurear pessoas talvez seja uma necessidade. E ainda, pensei agora, é uma injustiça deixar de homenagear os que merecem porque a escolha nem sempre será justa. Está certo então, deve-se, também, dar nomes de pessoas às ruas. Resta uma questão: é correto fazê-lo em vida?

Poucos anos atrás, quando estava começando minhas atividades na Maternidade Nossa Senhora de Fátima, encontrei por lá o Dr. Airton Surdi. Após os cumprimentos de praxe e lhe dizer que não nos víamos havia pelo menos 20 anos, ouvi uma resposta que me impactou: “Se demorarmos tanto para nos ver de novo, nunca mais nos veremos”.

Um papo com o Airton é sempre agradável, mas saí do Fátima com alguma coisa me incomodando. Talvez ali eu tenha tido a percepção prática da minha finitude. Essa conversa sempre me vem à mente quando encontro amigos que não vejo com frequência. Somos finitos, devemos sim demonstrar nossos sentimentos enquanto podemos. Há alguns dias fui ao CRM-PR e me encontrei com o Dr. Pujol. As dúvidas que pudesse ter se dissiparam ali, naquela curta conversa: a escolha do nome foi feita por moradores da rua.

Meu caro amigo Pujol, este escrito é apenas um prólogo do que deveria ter lhe dito naquele dia em que conversamos. Uma brincadeira, se colocarmos essa questão para 100 cidadãos de bem, 50 dirão que sim e os outros que não, com argumentos razoáveis, sem dúvida. Um fraterno abraço, amigo, e que nos vejamos muitas vezes ainda.

A nossa caminhada por essa vida seria muito mais suave se pudéssemos andar por muitas ruas Luiz Ernesto Pujol e poucas avenidas Kennedys e Getúlios. **❶**

Nasce uma vinha

DR. WILMAR MENDONÇA GUIMARÃES

Que nome terá? Talvez parreira, posto que é uma trepadeira da família *Vitaceae*, ou talvez ficasse bem videira, mas parece que não fará diferença e até pode ficar vinha, mesmo. Vêm sendo cultivadas há milhares de anos, em todos os continentes do mundo, em diferentes climas e solos. São plantas angiospermas, por possuírem canais condutores de seiva – *angios* – e as sementes – *spermas*.



As raízes vão em busca dos nutrientes em diferentes tipos e profundidades de solo, em altitudes igualmente variáveis, que vão emprestar as características nos aromas, na cor e sabores, taninos mais ou menos expressivos, dependendo desse "terroir" para diferentes castas. O solo pode ser pedregoso, argiloso e arenoso, mesmo desérticos, ou serem próximos ao mar, assim incorporando mineralidade ao vinho.

As vinhas precisam superar adversidades e como se diz, faz que assim produzam os melhores frutos. Exigem muita atenção e seu manejo tem complexidade particular, na poda, enxertia e na condução dos ramos nas espaldeiras. A produção plena de frutos de uma vinha pode delongar até três anos e elas podem seguir produzindo então por muitos anos.

UVAS VINÍFERAS

Existem mais de 12 mil castas identificadas como *Vitis vinifera*, ou uvas de se produzir vinhos, mas algumas em verdade são homônimas, ou seja, diferentes nomes para uma mesma uva. Considera-se que as castas viníferas efetivamente são cerca de cerca de 6 mil variedades.

Como exemplos de homonímia, a Zinfandel é reconhecida mundialmente como a uva da Califórnia, do Vale de Napa e da região de Sonoma, onde é muito cultivada, embora tenha sido trazida da Europa por George Gibbs, em 1829. E, em 1949, foi para o extremo oeste americano. Na região da Puglia, de onde veio, é chamada de Primitivo por ser a primeira a brotar e amadurecer para a vinificação. Acredita-se que tenha chegado nessa região vinda da Croácia, onde tinha o nome de Crljenak, e trazida para a Itália por volta do século XVIII ou antes até.

Os tintos de Zinfandel, em geral, são ricos, encorpados e macios, trazendo sensação prazerosa ao sorvê-los. Isso porque essa uva tende a amadurecer de forma irregular, desigual, e, dessa forma, quando a maturação chega para todo o cacho, alguns bagos fatalmente já começam a desidratar, tomando a aparência de passas. Essa concentração determina sabores intensos de frutas vermelhas e negras, além de elevado teor alcoólico. Da mesma forma, os vinhos produzidos com a Primitivo, via de regra, têm como traço característico a estrutura, o alto teor alcoólico e os toques de ameixas e de especiarias. Ambos apresentando taninos macios, acidez moderada e, geralmente, tendendo para um sabor mais frutado, que gera uma sensação de doçura mais pronunciada. Talvez isso explique o porquê do sucesso dessa varietal.

Outro exemplo seria a uva Gewürztraminer, da fronteira italiana habitado por descendentes alemães, o Tirol italiano, e recebeu o prefixo *Gewürz* (tempero ou apimentado) e o sufixo *Traminer* em referência ao lugarejo de origem Tramin e que também tem clones. Esta uva está espalhada agora desde o Reno até a Alsácia. Algumas uvas que são bem semelhantes a ela, como a Frankisch, na Áustria; a Gringet, em Savoia; e a Heida e a Grumin na Boêmia. Pode-se dizer que todas são, de uma certa forma, clones da Gewürztraminer. Os vinhos desta uva estão entre os mais aromáticos. Ainda que as uvas sejam rosadas, produzem vinhos brancos doces ou secos, sendo densos e encorpados. O bouquet aromático inclui as frutas tropicais e as flores.

As vinhas mais cultivadas com intenção de vinificação entre as tintas são a Cabernet Sauvignon, Merlot e Malbec, e, entre as brancas, a Sauvignon Blanc, a Chardonnay e a Riesling.

A Cabernet Sauvignon, por muitos chamada de "a rainha das tintas", talvez seja a uva mais cultivada no mundo. Suas uvas de casca grossa são resistentes, proporcionam vinhos de cor escura, potentes, com aromas de cassis, cerejas negras e especiarias, emprestando ao vinho acidez agradável e taninos domados. Entra em muitas associações (*blends*) particularmente com a uva Merlot, compondo a famosa fórmula de Bordeaux, que pode ter como coadjuvantes as uvas Cabernet Franc e a Petit Verdot.

A uva Malbec é originária do sudoeste da França, onde teve sua continuidade interrompida pela infecção pela Filoxera, o que provocou a extinção da maioria das vinhas desta uva no velho mundo. Foi trazida para a América do Sul para região de solo árido de Mendoza e região, na Argentina, com grande sucesso e sendo hoje uma das vinhas preponderantes, vinificadas isoladamente ou em *blends*. O malbec argentino tem apreciadores em todo mundo, incluindo o Brasil, pois estão produzindo vinhos de grande qualidade, até superiores aos malbecs da região francesa de Cahors.

A uva Sauvignon Blanc tem apreciadores nos quatro cantos do mundo. Veio também da região de Bordeaux e estendeu-se pelo vale do Loire. Mas, recentemente, os vinhos da Nova Zelândia desta uva tem destaque internacional pelo sistema de seleção das uvas pelos enólogos que as colhem em diferentes estágios, conseguindo acidez e corpo. Certamente figura entre as castas, originando vinhos brancos apreciados nos quatro cantos do mundo e consagrando-se como varietal que certamente não pode faltar na adega de qualquer enófilo.



A Chardonnay é uva aromática, produzida em muitas regiões ao redor do mundo, entrando na fabricação de champagne em associação com outras uvas. Produzem brancos frutados que lembram abacaxi, melão, pêssego e tangerina, na dependência de como e onde é produzido. Talvez seja a uva mais plantada nos Estados Unidos, dentre todas as uvas viníferas. Os apreciadores americanos mais tradicionais na degustação dos brancos da Chardonnay gostam do corpo do vinho, que fica no carvalho americano e da madeira incorporada nesta permanência em barrica. Porém, mais recentemente, a preferência está migrando para o vinho sem a madeira, pois fica mais elegante e se percebe melhor o bouquet das frutas.

No Brasil, essa uva participa intensamente na confecção excelentes brancos e de espumantes de alta qualidade, tanto no planalto catarinense como na serra gaúcha e, mais recentemente, no Paraná.

A Riesling é mais encontrada na Alemanha mas, de origem também na Alsácia. Essa variedade é capaz de produzir vinhos brancos de ótima qualidade, com aromas finos, elegantes e intensos e de alta acidez, de sabor fresco, vivo e agudo, com níveis alcoólicos relativamente baixos.

Depois da uva Malbec, que tem cerca de 19 mil hectares de vinhas na Argentina, vem a Bonarda, com 16 mil hectares, dos quais 9 mil são plantados nas planícies quentes do Leste de Mendoza, nos arredores de San Martin, Junin, Rivadavia e Santa Rosa, longe dos ventos frios da Cordilheira dos Andes. A Bonarda é utilizada mais na

confecção de vinhos de preços menores para o mercado interno argentino, embora recentemente esteja recebendo a atenção das grandes vinícolas de vinhos finos aqui na América do Sul.

Uma última uva que destaco é a Pinot Noir, de cultura milenar da região da Borgonha, da qual é atavicamente identificada e talvez seja a de maior prestígio dentre todas, muito pelo mais famoso dos vinhos, o Romanée Conti. Segundo os historiadores da área, foi a uva dos frades beneditinos que fizeram sua cultura perpetuar-se pelo tempo. No Novo Mundo, o Pinot que devemos degustar são os do Chile, que são de qualidade, particularmente os do norte e próximos ao Oceano Pacífico, posto serem muito frutados e com a coloração mais intensa do que os *pinots* do velho mundo.

A degustação de vinhos é hoje uma arte repleta de detalhes e que traz satisfação aos apreciadores. Os preços variam até números impensáveis, porém o bom vinho é aquele que lhe dá a satisfação de degustar, independentemente de ser de preço módico. Esta arte deve ser vivida judiciosamente, sob a crítica pessoal honesta dos que podem fazê-lo, considerando sua condição de saúde e sua relação com a bebida. É mais do que apenas deglutir uma bebida alcoólica; é apreciar cada detalhe provindo do complexo ciclo da produção à vinificação, da escolha da temperatura e da taça, apreciando o trabalho do enófilo e dos outros participantes que estão envolvidos na consagração da vinha, pelos resultados de seus frutos e não para ficar inebriado.

OS 10 MELHORES VINHOS BRASILEIROS DE 2020*

- Storia Merlot 2015 (Casa Valduga, RS)
- Prosecco Rosé Brut 2019 (Vinícola Garibaldi, RS)
- Fumé Blanche Sauvignon Blanc 2019 (Vinícola Ferreira, MG)
- Tempos de Goés Reserva Sauvignon Blanc 2019 (Vinícola Góes, SP)
- Terroir Chardonnay 2019 (Casa Valduga, RS)
- Terroir Merlot 2015 (Casa Valduga, RS)
- Vale da Pedra Sirah 2018 (Guaspari, ES)
- Luiz Porto Cabernet Sauvignon 2015 (Luiz Porto Vinhos Finos, MG)
- Brandina Assemblage 2014 (Villa Santa Maria, RS)
- Paradigma Rotto Cabernet Sauvignon 2011 (Vinícola Franco Italiano, PR)

*Fonte: seleção feita seguindo as classificações do *Decanter World Wine Awards* (DWWA), a maior competição enófila do mundo. Na edição de 2020, mais de 16,5 mil vinhos foram inscritos na premiação. Nenhum produto brasileiro alcançou a categoria principal do evento, a Platinum Best in Show. Mas, alguns rótulos foram agraciados com medalhas de prata e bronze.





O VINHO NO BRASIL E NO PARANÁ

Os vinhos brasileiros vêm ganhando fama crescente a cada ano. E o Paraná vem ganhando lugar de destaque nesse cenário, acumulando premiações nos circuitos especializados. Atualmente, o Paraná produz 60 mil toneladas de uva, o que representa 3,6% da produção nacional, e 1% do vinho feito no Brasil. São 28 grandes vinícolas no Estado, sendo que muitas delas vendem seus produtos de forma direta, na propriedade.

Embora respondendo pelo pequeno percentual na produção, o Estado já é reconhecido pela qualidade de seus vinhos. Em sua nova edição, a Grande Prova Vinhos do Brasil 2020 premiou 66 produtos a partir de 1.309 amostras (814 vinhos, 428 de espumantes e 67 sucos de uva), em degustações às cegas feitas por 31 jurados. Nove estados (RS, SC, PR, SP, MG, ES, BA, PE e GO) participaram por meio de 144 vinícolas, muitas delas pouco conhecidas. O Paraná ficou em terceiro lugar, atrás de Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que estão entre os maiores produtores do Brasil.

A Vinícola Franco Italiano, de Colombo, na Grande Curitiba, onde as famílias Rausis e Ceccon produzem vinhos desde 1878, foi premiada em 2020 nas categorias Tinto Cabernet Sauvignon, com o Censurato CS 2005, repetindo o sucesso alcançado nas edições de 2018 e 2019; e na de espumante orgânico, com Eu borbulho branco NV. Também na categoria Cabernet Sauvignon, a Vinícola Araucária, de São José dos Pinhais, dividiu a primeira colocação com o Angustifolia 2012. A Araucária recebeu, ao todo, seis premiações entre seus rótulos.

A Vinícola RH, que cultiva as uvas Chardonnay e Pinot Noir em uma área de 9,6 hectares em Mariópolis, no Sudoeste do Paraná, teve dois espumantes premiados: o Rh Brut 2014, na categoria Brut Branco Champenoise; e o Rh Extra Brut 2015, na Extra-Brut Branco Champenoise. Aliás, o Brut Branco conquistou 93 pontos na maior prova às cegas de vinhos nacionais disponíveis no mercado, sendo o grande campeão, no chamado duplo-ouro. Performance semelhante à do Extra Brut, que recebeu 92 pontos. A vinícola já tinha conquistado a medalha de prata na edição de 2015 e a de ouro na de 2017.

Na Grande Prova de 2019, repetindo as edições anteriores, os vinhos tintos foram o grande destaque. Das 1.071 amostras validadas, em 41 categorias, os tintos apresentaram melhor performance, sendo premiadas 100% da variedade Touriga Nacional, 88% Super Premium, 85% tintos de outras castas e 74% Cabernet Franc, totalizando 177 medalhas. Os espumantes vieram na sequência com 99 medalhas. Oito estados participaram, com 122 vinícolas, e o Paraná também ficou com a terceira posição de destaque, com 35 amostras, 10 premiadas (2 duplo-ouro e 8 ouros) e 2 campeãs (2 duplo-ouro). A Franco Italiano foi premiada nas categorias Tinto Teroldego e Cabernet Sauvignon. Na Grande Prova de 2018, durante a Feira Internacional do Vinho, nove vinhos do Paraná tinham conquistado a medalha de ouro, destacando-se as vinícolas Famiglia Zanlorenzi, Vinícola Araucária e a Franco Italiano.





Roteiro do vinho no Paraná



FRANCO ITALIANO

Fica em Colombo, na Grande Curitiba. As famílias Rausis e Ceccon produzem vinhos desde 1878. São pelo menos 18 tipos de vinhos finos, incluindo o premiado Censurato. Visitantes podem conhecer as caves e o processo de elaboração dos vinhos e harmonizar toda linha de produtos, incluindo espumantes, com o menu inspirado na tradição da família. São produzidos e envazados anualmente 60 mil litros da bebida. A propriedade onde a vinícola está instalada é o lado francês da empresa, legado da parte paterna. A materna, de origem italiana, reflete outra vertente da vinícola. Um de seus rótulos, o Paradigma Roto Cabernet Sauvignon ficou com a medalha de bronze no último *Decanter World Wine Awards*, concurso realizado em Londres e que premiou os melhores vinhos do mundo.



LEGADO

Em Campo Largo, também na RM de Curitiba, foi criada em 2003. Controla todo o processo do vinho, desde plantio até a vinificação. São produzidos lotes muito pequenos, com 500 ou mil garrafas de cada tipo de vinho e espumante – vindos dos 4,8 hectares cultivados. Está sob a batuta da sommelière Heloise Merolli, que em 2019 fez a primeira colheita de Pinot Meunier, Alvarinho e Chardonnay, de mudas que foram plantadas três anos antes. O espumante Gran Legado Branco Brut foi ouro no 10º Brasil Wine Challenge 2020. Antes, o Flair Nature Millésime 2015 obteve a medalha de ouro e o Flair Brut foi prata na 16.ª Edição Brasil do Concurso Mundial de Bruxelas. A vinícola abre aos sábados e domingos para a visita e conta com tour guiado, incluindo degustação.



ARAUCÁRIA

Fundada em 2007, na Colônia Muniç, em São José dos Pinhais. As variedades de uvas europeias são plantadas em meio à Mata Atlântica, dando origem a uma linha que vai desde espumantes até vinhos tintos – com todos os rótulos batizados com nomes que remetem à cultura paranaense, como Gralha Azul, Manacá e Poty Lazarroto. O passeio enoturístico é feito em meio à natureza, com trilhas, bosques, lago, cercado por imensas araucárias. As visitas guiadas ocorrem às sextas, sábados, domingos e feriados, das 10h30 e às 14h, somente com agendamento e com todos os cuidados recomendados.



CAVE COLINAS DE PEDRA

Fica em Roça Nova, Piraquara. Além de seus famosos espumantes, a grande atração é o túnel centenário de 429 metros, que recebe 50 mil garrafas. A construção, por onde passava a Maria Fumaça rumo a Antonina, foi adaptada e tem condições ideais para os espumantes, que passam ali ao menos dois anos. São elaborados pelo método Champenoise e estão disponíveis em quatro versões: Nature, Brut, Brut Rosé e Moscatel Rosé. Serve almoço em uma estação ferroviária restaurada. A harmonização leva pequenas porções, queijos, pães e minissaladas.



FAMÍLIA FARDO

Fica no km 69 da BR-116, em Quatro Barras, RM, próximo da Serra do Mar, em belíssima construção de pedras. Oferece três diferentes roteiros de enoturismo. Permite conhecer um pouco da história, equipamentos, processamento da bebida, guarda dos mesmos na adega e finaliza com a prova do produto. “O vinho elaborado nesta vinícola não é para beber, simplesmente. É para saborear”. Este é o lema do proprietário Ambrósio Fardo, descendente de imigrantes nascido na Serra Gaúcha.



VINÍCOLA RH

Fica no interior de Mariópolis, perto de Pato Branco e da divisa com Santa Catarina. Vaner Herget e a esposa Odilete Rotava Herget, cujas iniciais dos sobrenomes fazem a sigla da marca, investiram suas economias na montagem de uma estrutura para, inicialmente, produzirem vinho. Porém, as similaridades de terreno e clima com a Serra Gaúcha logo levaram o casal a uma mudança estratégica de planos, migrando para os espumantes a partir de 2008, ano do primeiro plantio da Chardonnay. A acidez da uva brasileira, característica influenciada pelo clima, foi responsável pela mudança. Dos 600 quilos da primeira colheita, em 2011, agora já são 18 mil, com capacidade atual para até 25 mil litros de espumante. São envazadas 13 mil garrafas por ano.



SANBER

Vindas do RS, as famílias Sandi e Bertolotti instalaram-se em 1940 na antiga Colônia Santa Bárbara, município de Bituruna. Apaixonadas por vinhos, tinham na bagagem mudas de videira e iniciaram pequena produção artesanal. Após décadas de aprendizado, em 2005 a empresa foi oficializada e passou a se chamar Sanber, na junção dos nomes das famílias. A empresa mantém, apenas para visitaçã, a primeira vinícola dos antepassados. Além da viagem no tempo com o Museu Casa Sanber, os visitantes acompanham a colheita da uva direto dos vinhedos, tem contato com a natureza preservada e degustações direto de onde o vinho é produzido. “Foi sonhada e projetada para exaltar a melhor expressão do terroir da serra paranaense”, diz seu slogan.



BITURUNA, CAPITAL DO VINHO

Desde junho de 2020, o município de Bituruna é oficialmente a Capital Paranaense do Vinho, título concedido pela Assembleia Legislativa com a aprovação da Lei n.º 20.142. Além disto, a Associação dos Produtores de Uva e Vinho de Bituruna (Sul do Paraná) requereu ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), no final de janeiro de 2021, o reconhecimento da região como uma Indicação Geográfica na produção de vinho, o que seria a primeira do Estado. Conquistar esta IG significa diferenciar produtos e serviços, melhorar acesso ao mercado e promover o desenvolvimento regional, gerando efeitos para produtores, prestadores de serviços e consumidores. O pequeno município, agora a Capital Paranaense do Vinho, possui hoje quatro vinícolas e noventa e quatro produtores de uva. A especialidade da região é o vinho de mesa feito principalmente com as uvas Bordô e Casca Dura, também conhecida como Martha. Porém, produtores iniciaram nos últimos anos a produção de espumantes moscatel e vinhos finos baseados em Cabernet Sauvignon e Merlot. A região produz vinho há 80 anos, porém nos últimos oito é que eles ganharam qualidade e destaque. **i**





ZEQUINHA, O RENASCIMENTO DE UM ÍCONE PARANAENSE

ROBSON KRIEGER

A história deste personagem nos acompanha desde o ano de 1929, quando Curitiba possuía apenas 75 mil habitantes.

Foi através de uma viagem ao estado de São Paulo que Francisco Sobania estabeleceu contato com a primeira coleção de figurinhas. Voltou a Curitiba e relatou à sua família a ideia de imprimir uma edição de figurinhas autenticamente paranaense.

Então, logo ali na Rua Nunes Machado, Centro de Curitiba, nascia um personagem realmente nosso. Chamava-se Zequinha.

Rapidamente caiu no gosto das crianças, pois a tal coleção de figurinhas tinha a função de proteger as balas produzidas pela fábrica *A Brandina*, de propriedade dos irmãos Sobania.

Desta forma, o Zequinha tornou-se um fator de integração da população paranaense, pois movimentou a economia do estado, estabeleceu um novo relacionamento entre as pessoas, trouxe a interação entre as crianças e criou o primeiro personagem paranaense de fato.

A primeira coleção de figurinhas tinha inicialmente 30 cromos impressos de forma litográfica; e chegou a 200 imagens nos anos de 1960, quando teve a sua última tiragem.

Por quase 20 anos o nosso Zequinha ficou adormecido. Então, por encanto, a equipe do governador Ney Braga, no ano de 1979, em conjunto com a agência de publicidade P.A.Z. contrata um dos nossos mais reconhecidos artistas plásticos, chamado Nilson Müller, para reviver o nosso ícone paranaense.

A solução encontrada foi a edição de um álbum de figurinhas, onde Nilson pôde recriar 200 novas estampas. Desta forma, o Zequinha adquire um traço único. Podemos dizer que o personagem encontra um pai a partir deste momento.

O sucesso da campanha foi imediato e a tiragem dos álbuns alcança 600 mil cópias, um fato impressionante para a época. A proposta do Estado era a troca de figurinhas

por notas fiscais para estimular a arrecadação de impostos.

Neste ano de 2021, o nosso querido Nilson, o Vovô Zequinha, completa 80 anos de idade, e uma justa homenagem seria o renascimento do seu amigo Zequinha, o qual fez parte da sua vida artística.

Sendo assim, vamos dar uma boa notícia a todos os amigos do Zequinha: através da parceria com o novo portal de vendas pela internet chamado Sambahy Express, ele está renascendo. Além disso, teremos também uma loja no Centro Histórico de Curitiba com produtos da marca Zequinha.

O mais importante é ter a oportunidade de reviver o personagem, mostrar para os nossos filhos, ensiná-los a brincar de bafo, colecionar as tais figurinhas difíceis e aproximar a família. Enfim, conviver com o autêntico personagem paranaense chamado Zequinha.

É a verdadeira alma paranaense. **!**

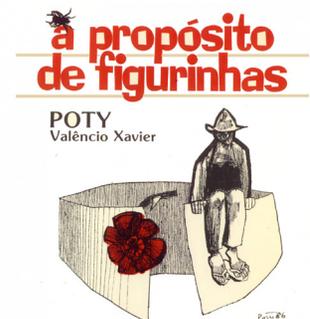
FIGURINHAS E O SABOR DA DOCE INFÂNCIA

DOS EDITORES

As Balas Zequinha atravessaram gerações e fizeram parte do imaginário de crianças e adultos de Curitiba por mais de 60 anos. Foram cantadas no samba-enredo da Embaixadores da Alegria, escola campeã do carnaval curitibano de 1992, citadas por Dalton Trevisan no conto *Em busca da Curitiba perdida* e recriadas em versos e desenhos pelo historiador Valêncio Xavier e pelo artista Poty Lazarotto no livro *A propósito das figurinhas*. Agora o personagem emerge para retomar o seu protagonismo como ícone da cultura e história curitibana.

Para um século atrás, foi uma jogada de marketing invejável o uso das figurinhas para promover as balas de açúcar misturadas à essência de frutas, da fábrica *A Brandina*, da família polonesa Sobania (os irmãos Francisco, João, Antônio e Eduardo, tios do médico e professor Luiz Carlos Sobania). E olha que encontrou concorrentes fortes na época, como as balas Maria Fumaça, desenhadas por Alceu Chichorro; as Bandeirantes, com figurinhas de bandeiras de vários países; a Caramelo Aéreo-Lloyd, figurinhas que coladas em ordem, em uma folha de cartolina, formavam o desenho de um avião; e as Pastilhas Zoológicas, com animais desenhados.

Todas tiveram algum sucesso nos anos 1930, mas nenhuma a ponto de suplantarem o caricato do Zequinha (então grafado Zéquinha), que teria sido inspirado no palhaço Piolin, nome artístico de Aberlardo Pinto, um



dos mais afamados artistas circenses da época. Aliás, o Dia Nacional do Circo, 27 de março, foi instituído em homenagem a ele, no dia do seu aniversário de nascimento, em 1972. Curiosamente, no ano seguinte, Piolin morreu de insuficiência cardíaca, depois de se engasgar com uma bala.

Desde a versão original, iniciada pelo artista Alberto Thiele (1899-1972), passando por Paulo Carlos Rohrbach (litogravuras do número 51 a 200) até os demais, o palhaço Zequinha era caracterizado como um homem baixo, carequinha, sobranceiras afiladas, de nariz bulboso, e linhas de expressão, com boca enorme desenhada pela maquiagem. Na maioria das vezes, surgia usando colarinho branco com gravata borboleta e sapatos tipo lancha, pontiagudos e com os bicos virados para cima. Era retratado em diferentes atividades, profissões, lugares e com as mais variadas emoções. No começo, era colocado em desafio aos costumes, mas com o tempo foi “ganhando” juízo. Controverso ou não,

Valêncio Xavier (1933-2008) foi um expert quando se tratava de Balas Zequinha. Além do livro em parceria com Poty, lançado em 1986 pelo Studio R Krieger e que fazia

releitura de 30 estampas, o escritor e historiador escreveu diversos artigos e boletins sobre o tema, inclusive no jornal cultural *O Nicolau*. Numa entrevista de 1989, Xavier registrou que “não existe nada mais curitibano que Dalton Trevisan e a Bala Zequinha”. Na jornada com os mais diferentes “pais”, o mais curitibano de todos os piás continua vivo, agora vovô, sob a guarda do destro Nilson Müller.

Como autor dos desenhos, Müller conseguiu ficar com os direitos de uso do personagem, por não mais haver o domínio. Ele revisou as 200 figurinhas antigas para fazer o álbum e os souvenirs como caneca e camisa. E desenhou outras 208 com as mesmas características do personagem, mas em novas situações, trabalhos e lugares. “Desta vez colocamos o Zequinha no mundo”, contou o artista logo após o lançamento. Alguns dos lugares em que Zequinha aparece são marcos turísticos curitibanos, como o Museu Oscar Niemeyer, o Paranaense e a Casa Alfredo Andersen, neste um tributo ao artista, pois Müller foi um dos discípulos de Thorstein Anderson, filho de Alfredo e que deu sequência ao seu legado e criação do espaço. **❶**

EM BUSCA DE CURITIBA PERDIDA

(Dalton Trevisan)

*Dos teus lambrequins
De ouro, das tuas cem
figurinhas de bala
Zequinha, do teu
bebedouro de pangarés,
a gente perguntará:
Que fim levaram?*

QUEM É NILSON MÜLLER

Nilson Müller é “Bicho do Paraná”. Desenha desde criança. Aos 12 anos, conheceu Guido Viaro no Centro Juvenil de Artes Plásticas e logo depois foi convidado a frequentar espaço na Escola de Belas Artes, onde teve a oportunidade de estudar desenho, pintura, xilogravura



e modelagem com Oswald Lopes. A partir dos 14 anos, passou a receber orientação de Thorsten Andersen.

Das atividades iniciadas em 1958, é ilustrador, artista plástico, mentor e professor de desenho e pintura, tendo renome internacional. Seu vasto currículo inclui trabalhos para grandes agências de publicidade, cenografia, galerias de arte, ilustrações em livros, quadrinhos, revistas, reproduções, cursos e aulas, entre outros, utilizando as mais variadas técnicas, incluindo arte digital.

Recebeu muitos prêmios em pintura, incluindo Salão Paranaense e Salão dos Novos da Biblioteca Pública. Produziu histórias em quadrinhos, foi o criador do personagem Zé Gotinha e das figurinhas do Zequinha para a campanha do ICMS no Paraná em 1979. Foi o primeiro cenógrafo de televisão do Paraná e possui uma sala em sua homenagem na Gibiteca, em Curitiba.

Saiba mais em: www.nilsonmuller.com.br



OS 10 NASCIMENTOS QUE MUDARAM A MEDICINA

DR. CARLOS AUGUSTO SPERANDIO JUNIOR

1. **PENICILINA** - Descoberta por Fleming em 1928, talvez numa das histórias mais famosas da Medicina; seu uso em larga escala só ocorreu durante a Segunda Guerra (1943). Difícil imaginarmos um mundo em que as infecções mais simples pudessem ter repercussões fatais.
2. **VACINA** - Edward Jenner foi muito perspicaz na condução de seus estudos com a versão atenuada do vírus da varíola, a bovina, em humanos. Na época de seu descobrimento, a varíola era responsável pela morte de 10% dos infectados. Grande passo para a humanidade a sua erradicação!
3. **CUIDADOS PALIATIVOS** - Cicely Saunders e Elisabeth Kübler-Ross no final da década de 60 iniciaram o movimento do cuidado de final de vida que originou a área de atuação que conhecemos hoje como Cuidados Paliativos. Conceitos na área auxiliam milhares de pessoas a passar pelo último estágio da vida com o menor sofrimento possível. O desafio atual é torná-los universais.
4. **HIGIENE DAS MÃOS** - As observações de Semmelweis conflitavam com as opiniões médicas estabelecidas da época e suas ideias foram rejeitadas, uma vez que não havia nenhuma explicação científica aceitável para suas descobertas. A prática de Semmelweis ganhou ampla aceitação apenas anos após sua morte, por espancamento em um asilo onde fora internado por seus colegas, quando Louis Pasteur confirmou a teoria do germe.
5. **ANESTESIA** - Muitos pacientes optavam pela morte, em vez de suportar a provação excruciante de uma cirurgia sem anestesia. Há relatos bastante antigos de sedação com álcool e outras substâncias em diferentes partes do mundo; mas foi em 1846 que William TG Morton fez história quando usou com sucesso o éter como anestésico durante a cirurgia.
6. **CESÁREA** - Há algumas evidências indiretas de que a primeira cesariana sobrevivente tanto da mãe quanto do filho foi realizada em Praga, em 1337, na segunda esposa do rei da Boêmia, João de Luxemburgo. A modificação por Hermann Johannes Pfannenstiel, em 1900, criou a *Incisão de Pfannenstiel*. Seu emprego disseminado sem critério ainda continua sendo grande discussão no Brasil.
7. **AAS** - O ácido acetilsalicílico é derivado da casca do salgueiro. Descoberto em 1853, foi comercializado mundialmente a partir de 1899. Hoje, muitos colegas consideram o AAS um dos medicamentos mais versáteis e interessantes das prateleiras, pois possui propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e antiplaquetárias!
8. **QUIMIOTERAPIA** - O gás mostarda foi a primeira droga usada como quimioterapia do câncer, após a descoberta acidental de leucopenia nas pessoas atingidas. Nos anos 40 houve muitas infusões endovenosas desta substância, com melhora notável destes pacientes, embora temporária. Esta experiência levou a pesquisas com outras substâncias que tinham efeito similar contra o câncer.
9. **INSULINA** - Em 1920, o canadense Frederick Banting precisava de um laboratório de fisiologia para testar suas hipóteses sobre a obtenção da insulina. Na primavera de 1921, Banting conseguiu espaço no laboratório de fisiologia da Universidade de Toronto. Os estudantes da graduação Charles Best e Clark Noble jogaram uma moeda para decidir quem seria seu assistente; Best ganhou não só o cara ou coroa, como também a metade do dinheiro do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia e o crédito pela descoberta da insulina.
10. **CATARATA** - A cirurgia de catarata possivelmente é a mais antiga da nossa civilização, havendo relatos da Babilônia em 1740 a.C. e da Índia no século VI a.C. No Brasil, realizam-se cerca de 600 mil cirurgias de catarata por ano somente pelo SUS. Evitar a perda da visão é ato mandatário para os médicos que promovem qualidade de vida para os idosos. 📌



DR. JOSÉ CLEMENTE LINHARES

Canelone *Romeu e Julieta*

Uma receita (culinária) de sucesso há mais de meio século e que aguçam o paladar dos turistas que acorrem ao bairro italiano de Santa Felicidade, em Curitiba.

Esta não é uma receita comum. É uma receita de sucesso há 55 anos, trabalhada por quatro gerações de uma família cuja história se confunde com a história de Curitiba.

A memória gastronômica da comida reconfortante, caseira, é certamente conhecida por qualquer curitibano e faz grande sucesso junto aos milhares de turistas que nos visitam. Mas também é aquela comida de avó, ou melhor, de “Nonna”.

Quando contatei a jovem médica curitibana Isadora Madalosso, para escrever esta coluna, não esperava o privilégio de conhecer este ícone de nossa gastronomia, a simpática Dona Flora, do alto de seus 80 anos comandando a cozinha do maior restaurante da América Latina.

Certamente esta história é comum a muitas pessoas. Entrar nos restaurantes de Santa Felicidade da Família Madalosso me traz recordações de todos os períodos de minha vida. Eu fui lá criança e gostei porque podia comer à vontade, para não dizer muito. Eu fui lá adolescente para namorar porque o custo acessível permitia uma noitada que cabia no meu bolso. Eu fui lá no período da faculdade porque era um lugar que permitia encontros de turmas grandes e não canso de ir lá até porque é muito bom.

Dona Flora me contou que na sua juventude, durante o trabalho com o pai na propriedade, tinha uma hora de descanso. Enquanto sua irmã bordava seu enxoval, ela descansava e lia a obra “Romeu e Julieta”. Quando inventou este prato, uma massa doce com queijo, não sabia como chamá-lo e resolveu denominá-lo “Romeu e Julieta”. Foi o pai que, confiando em seu empreendedorismo e capacidade de trabalho, emprestou o dinheiro para dar entrada no Restaurante Florida, depois Velho Madalosso.

“Casei tarde, aos 22 anos”, diz ela. Embora seu marido fosse funcionário público, também ajudava sempre que possível no restaurante. “Era um filho num braço, um na

barriga e o outro braço fritando frango e fazendo polenta”, me conta às gargalhadas.

Mesmo hoje, aos 80 anos, pode-se perceber que é uma mulher atualizada. Relata que sempre buscou novas tecnologias e formas de tornar o trabalho mais eficiente, como, quando vendo uma máquina para cortar automaticamente o pão de forma nas padarias, modificou-a para cortar perfeitamente a polenta, com isso economizando cerca de 2 horas no processo.

É inegável sua importância na comunidade. Boa parte de todo o comércio em Santa Felicidade é dependente da atividade dos restaurantes e ela demonstra preocupação com esse fato usando sua liderança, muitas vezes conversando com as autoridades para criação de alternativas de turismo para o bairro. Essa atividade comunitária é antiga. Relata que, na juventude, participava do Grupo Filhas de Maria, ligado à igreja do bairro. Conta que procuraram o padre pedindo para organizar uma festa da uva e o padre, relutante, permitiu, mas advertiu: “Não compre muita carne, que vai sobrar”. Ocorre que, na ocasião, o Sr. Paulo Pimentel, então Secretário Estadual de Agricultura, soube do evento, divulgando-o em seu jornal. Mais uma tacada de sucesso dessa mulher incrível. Hoje sabemos a importância turística e social da Festa da Uva de Santa Felicidade.

Chamou minha atenção sua preocupação com a família. É uma tradição aos domingos – e ela faz questão –, após o término das atividades dos restaurantes, toda a família se reúne em sua casa para um café da tarde, mantendo-os unidos.

Ela conclui chamando a atenção para a receita de seu sucesso: honestidade, trabalho e persistência. Disse ela: “Para uma empregada doméstica até que me saí bem”, referindo-se ao fato de ter começado a trabalhar como empregada no Restaurante Iguaçú. **📍**

MASSA FRESCA (MADALOSSO)

- 500 g de farinha
- 6 ovos
- Misturar bem até atingir o pondo de massa
- Abrir a massa com rolo ou com cilindro de massas até ficar bem fina
- Cortar em quadrado de 10 X 10 cm
- Pré-cozinhar a massa

Como alternativa

- 5 folhas de massa fresca de lasanha cortadas ao meio no sentido transversal

RECHEIO

- 200 g de goiabada
- 100 g de queijo mussarela
- 20 g de ricota
- Juntar todos os ingredientes e, se disponível, passar em um moedor

MOLHO BRANCO

- 500 ml de leite integral
- 1 colher de chá de amido de milho
- 1 colher de chá de farinha de trigo
- 2 colheres de chá de manteiga
- 1 colher de sopa de queijo parmesão ralado
- Sal, pimenta-do-reino e noz-moscada a gosto

COMO PREPARAR

- Aqueça uma panela e acrescente a manteiga e em seguida a farinha
- Mexa até ficar ligeiramente castanha
- Acrescente o leite em temperatura ambiente e mexa constantemente
- Tempere com sal, pimenta e noz-moscada Ao final, acrescente o amido de milho e mexa até engrossar ligeiramente



Dr. José Clemente Linhares e D. Flora Madalosso.

MONTAGEM

- Recheie a massa fazendo os rolinhos
- Coloque os rolinhos prontos em uma forma untada com manteiga
- Cubra com o molho bechamel, polvilhe com 100g de queijo parmesão ralado e leve ao forno para aquecer e gratinar

OBS:

- Se usar a massa pronta de lasanha siga as instruções da embalagem para assar
- Deixe gratinar
- Sirva quente.



NADA PODE DERROTAR O NASCER DO SOL OU A ESPERANÇA

O Sol é uma fonte permanente de inspiração, de exaltação e de contemplação. Carrega seus encantos e mistérios ao se debruçar humilde ante a noite que se vai ou que chega. Fenômeno empolgante sob a batuta de uma natureza sábia, paciente, alheia ao contar das horas, de conflitar luzes e penumbras. Ele está lá, imponente, tendo todos os outros corpos do sistema solar a girar ao seu redor. Uma esfera quase perfeita a oferecer sua energia ao universo. Para nós, terráqueos, sua aparição é diária e em todas as regiões entre os dois círculos polares. Como no dito popular, sorri e se oferece para todos, mas a sombra é para os que a buscam. Na frase do filósofo inglês Bern Williams (ou Sir Bernard Arthur Owen Williams, 1929-2003), “nunca houve uma noite ou um problema que pudesse derrotar o nascer do sol ou a esperança”. O amanhecer captado pelo fotógrafo Albari Rosa, em São Miguel do Gostoso (RN), é instigante ao nos remeter a um futuro que já é presente. O nascer que impulsiona esperança. 



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br